REVISTA DA SEMANA

N.º 42 16-10-48
Cr$ 3,00 em todo o Brasil

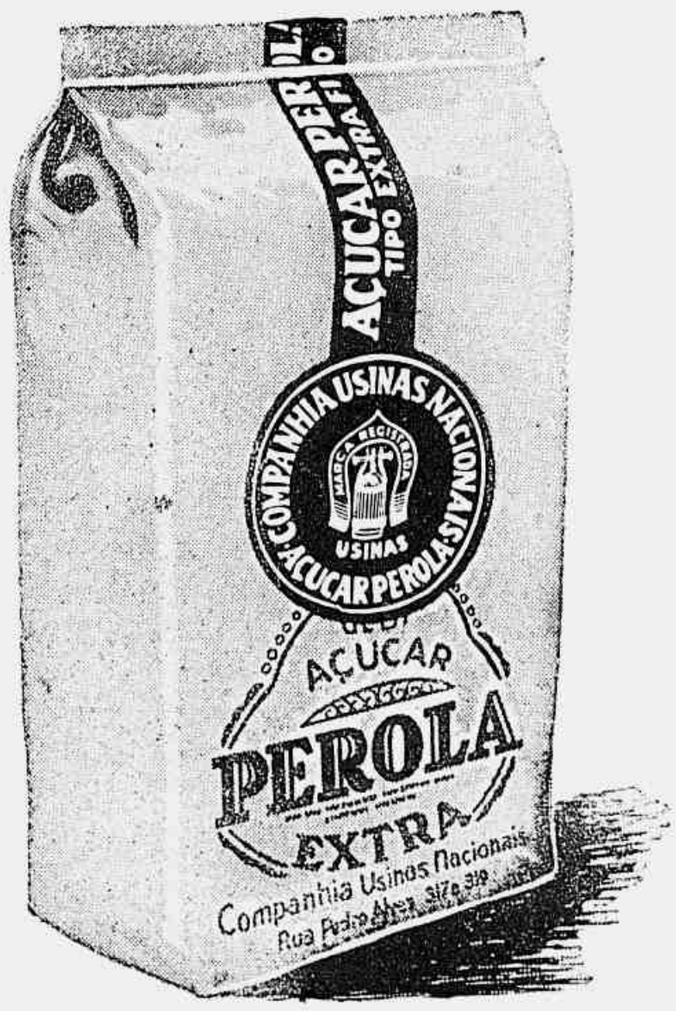
BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL

AÇUCAR PEROLA

★ ★

PRODUTO ECONÔMICO, DE GRANDE PUREZA, SÊCO, DISSOLVENDO-SE INTEIRAMENTE, DANDO MAIOR RENDIMENTO QUE QUALQUER OUTRO.



FÁBRICA

RUA PEDRO ALVES, 319

TEL. 43-4830

RIO DE JANEIRO

CAIXA POSTAL 1224

COMPANHIA USINAS NACIONAIS

Vidas semelhantes: Árvores e Homens

A vida das árvores foi ligada ao destino dos homens desde que o Criador tirou do nada o imenso Cosmos. No paraiso da Genesis, dentre as árvores que emolduravam o cenário e ofereciam ao primeiro casal do mundo em lua-de-mel sombra e alimentos, destacava-se uma na qual ninguém deveria tocar. Era a Árvore do Bem e do Mal.

Mas uma serpente maligna tentou a curiosidade de Eva, e Adão deslizou contra as recomendações do Criador. Sua queda arrastou a mulher, espalhou sôbre a face da Terra a maldição que, até hoje, persegue os contraventores.

Diz a Bíblia, sob a responsabilidade de Moisés, que Jeová distribuiu penas exclusivamente aos três delinquentes principais: o homem, a mulher e a serpente. Nada se disse quanto à árvore. Não teria a maldição divina atingido também aquela árvore inviolável?

Nada nos esclarece a História Sagrada sôbre isso; mas, diante da evolução do mundo, da transformação da sociedade humana, das imposições do homem civilizado, não resta a menor dúvida de que também a árvore foi atingida pelas iras do Senhor.

Vejamos o que sucede com a vida do homem, da mulher e das árvores.

Quando ainda éramos — gentes e árvores — sêres humildes e sem pretensões, todos vivíamos felizes; das franças dos arvoredos tirava o homem a cobertura para sua choça; de galhos secos, imprestáveis à floração harmoniosa das florestas, tirava o homem o lume para nutrir a vida, espantar os inimigos ferozes, aplacar o frio nas madrugadas chuvosas. E todos pareciam felizes na simplicidade que a Natureza inspira e de nada se vinga.

Depois... depois... O homem progrediu, acumulou sabedoria, descobriu os fenômenos da foto-síntese de suas companheiras de nascimento, as árvores; penetrou na íntima natureza de suas raízes, de suas folhas, de suas colorações e chegou a esta conclusão: as árvores devem ser transplantadas para nossas avenidas, nossas ruas, nossas praças.

E a árvore, que fôra do Bem e do Mal, passou a ser apenas do Bem, para a saúde e alegria do homem.

Selecionaram-se espécies. Para as ruas das cidades nem todas serviam. Não bastava o fenômeno sadio da elaboração de oxigênio para a vida dos pulmões do homem civilizado. As árvores deviam ser, antes de tudo, ornamentais. Enfeitar as ruas, as praças, as avenidas.

E então começa o martrio das árvores. Cai sôbre suas frondes a ira do Senhor, depois de milhares de séculos.

No interior, as árvores são belas e desataviadas como as próprias mulheres sem preconceitos nem modas. Estas usam cabeleiras livres, beijadas pela brisa das serras, douradas pelo sol das planícies. Quando muito, adicionam uma flor campestre, uma bonina modesta, um bugari tomado à beira da fonte. Não têm salões de beleza, não ficam horas sob a ação de máquinas complicadas e muitas vêzes deformadoras.

Uma cabeleira livre e bela como a plumagem de um pássaro negro.

Na mata, a mesma coisa. Quem vai podar os jequitibás das florestas? Quem se atreve a cometer o crime de mutilar as frondes douradas de um pau darco? Ninguém. Êles são livres e felizes. Mas, um dia, trouxeram árvores para as ruas. E os cabeleireiros botânicos começaram a cortar-lhes os ramos, desbastar as cabeleiras verdes, a amputar seus galhos. Assim faziam com a cabeça das mulheres civilizadas. Árvores e mulheres das cidades modernas passaram a sofrer as mesmas imposições da cultura, do progresso, das exigências sociais.

E vão mais longe. Já viram o que sucede com as árvores da praça Paris? Os jardineiros as transformam em animais. Aqui um peru caricato, mais adiante um elefante detestável, ali um leão ridículo. E não podemos ouvir o protesto surdo da alma das árvores assim metamorfoseadas em sêres monstruosos.

E as árvores dos passeios? Como sofrem! De quando em quando um veículo perde o rumo e as arranca pelas raízes, matando-as. Ao lado delas, às vêzes, um homem morto, ensanguentado. Do tronco da árvore sacrificada corre a resina, o sangue que a foto-síntese lhe deu para poder respirar, alimentar-se, viver. Já aí vemos que homens e árvores passaram a ter vidas semelhantes no quadro da civilização.

Mas não é só. O homem foi obrigado, depois do castigo do Eterno, a viver com muito mais crueldade. E veio o calçado. Seus pés se deformaram, surgiram calos, joanetes, uma série de calamidades em virtude da **proteção** para seus pés, inventada pelos industriais. Também as árvores da cidade sofreram com os **calçados** que a civilização lhes deu. Olhem estas árvores das ruas. São tristes, isoladas, maninhas, sem amor, sem a amplidão das paisagens. E também se martirizam com o terreno em que **pisam.** O homem civilizado lhe impôs a existência num solo áspero, impermeável pelas camadas de asfalto. As árvores recebem constantemente o "sapato" de asfalto para não envergonharem o homem civilizado diante dos outros que nos visitam... E até lhe impuseram um certo trajar. Vejam aquêles gradis em que as revolvem. São de ferro, com os lados cobertos por placas com anúncios. E de tudo: desde a pílula para matar vermes, até a venda de um navio parado nos estaleiros. Justamente como sucede com a indumentária dos homens. Quando fazemos um terno e vestimos o corpo, que fazem os alfaiates? Pregam também em nosso paletó um letreiro: "Alfaiataria X"...

As árvores servem para proteger-nos a saúde pela purificação do ar que respiramos; mas também presta serviços tornando-se em portal de publicidade. Mais uma semelhança com o destino do Homem na Terra. Quantas vêzes vemos a pervagar pela cidade certos "camelots", homens-árvore móveis trazendo às costas um painel com anúncios? E' incontestável que, com a condenação do Senhor no Paraiso, também as árvores fossem atingidas. A única diferença foi o retardamento da punição. Mas veio; e hoje, homens e árvores, sofrem cruelmente diante das tragédias da civilização...

RENATO DE ALENCAR — Especial para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

Sumário:

LITERATURA
Livros Novos (João Luso) 22
Vida Literária (Herman Lima) 19

MÚSICA E RÁDIO
Broadcast (Armando Migueis) 13
Madalena Tagliaferro (R. Lyra Filho) 51
"Souvenir" de Caetano Donizetti) Péricles Leal) 56

BIOGRAFIA
A vida de Debussy (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 18

REPORTAGENS
Um domingo em Roma (Ruy Santos) 6
O teatro no Canadá (J. Morris) 30

CONTOS
Dois bagos de vinho (Reginaldo Fortuna) 23
Liga dos Direitos da Mulher (João Luso) 38

NOVELA
O mistério dos botões (E. M. Winch) 20

AVIAÇÃO
Pelas estradas do céu (André Max) .. 53

TURISMO
Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra) 52

CARICATURAS
Bom humor 12

SEÇÕES PERMANENTES
A Semana em Revista 4
Personalidade da Semana 4
O Mundo Marcha 5
Vidas semelhantes: árvores e homens (Renato de Alencar) 3

SUPLEMENTO DA MULHER
Nos bastidores femininos 25
A volta do organdi 26
Sugestões de Jacqueline White 28
Modelos franceses 32
Chapéus 33
Modelos para noite 34
Refinamento 35
Para todos os gostos 36
Beleza aos 18 anos 39
Detalhes e novidades 40
A beleza das mãos 41
"Week-end" na cozinha 42
Pijamas 42
Mães e filhos 43

ILUSTRAÇÕES
Orlando Matos
Jerônimo Ribeiro

NOSSA CAPA

A capa de hoje é uma gravura de Rita Hayworth, que ficou conhecida no mundo inteiro pelo seu esplêndido desempenho em "Gilda", onde fez o papel-título. Antes, Rita Hayworth fizera filmes musicais com Fred Astaire. Os seus últimos filmes foram: "A dama de Shangai", com Orson Welles, e "Quando os deuses amam", com Larry Parks.

A personalidade da semana é, sem dúvida, o almirante Alexandrino Faria de Alencar, nascido em Rio Pardo, no Estado do Rio Grande do Sul, cujo centenário de nascimento transcorreu a 12 do corrente.

Figura das mais expressivas das nossas classes armadas, teve o almirante Alexandrino de Alencar toda sua vida dedicada ao Brasil, prestando serviços inestimáveis à nossa pátria.

Foi ministro da Marinha durante longos anos, exercendo essas funções em cinco governos, vindo, mesmo, a falecer ainda ocupando êste alto pôsto.

Nos anos de 1923 e 1924 teve oportunidade de responder pela pasta da Guerra.

Por isso, nada mais justo e signi-

ficativo que as manifestações à memória do grande brasileiro, tributadas no dia 12 do corrente pelas nossas classes armadas, homenagens estas que contaram com a solidariedade do povo brasileiro, sempre pronto a reverenciar a lembrança daqueles que, em vida, dispenderam o máximo dos seus esforços para o bem-estar da nação.

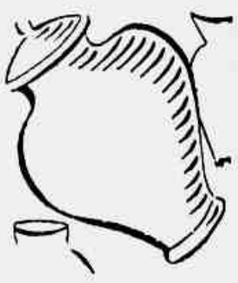
Os poderes da República se associaram à nossa Marinha de Guerra no tocante às homenagens ao ilustre patrício.

a Semana EM REVISTA

OS ÔNIBUS NA FILA — Não se admire, leitor, dêste título. Os ônibus agora, com a determinação das autoridades do tráfego, não poderão causar os quotidianos desastres provocados por suas desenfreadas carreiras de competição e ganâncias trágicas por essas estreitas e recurvas ruas de nossa capital. Êles também passaram a poupar a vida de passageiros e transeuntes entrando na **linha** e formando também uma fila que se assemelha à daqueles comboios de proteção, aos tempos da guerra. Até agora tinham os "chauffeurs" de ônibus que aproveitar o tempo e tocar a toda, ultrapassando seus colegas, numa fúria louca, sucedesse o que sucedesse, contanto que a emprêsa a quem serviam pudesse constatar que a féria apurada fôra compensadora. Acima do respeito à vida e aos bens dos outros, estava o lucro do maior número de passageiros apanhados nos trajetos da linha. As estatísticas, entretanto, indicavam a calamidade que já se tornava pública, e vieram os meios para deter-se o elevado índice de acidentes. E então surgiu a ordem: nenhum ônibus poderá ultrapassar os que estiverem à sua frente. À primeira vista o passageiro pode achar que vai perder mais tempo com o novo regime. Contudo, meditando um pouco ele verificará que tal ordem significa verdadeiro salva-vidas para o público. O ônibus não constitui meio de transporte urgente. Pode ser mais rápido do que o bonde, mas não é urgente. Quem toma um ônibus sabe que sua passagem se mistura com a de um grupo de outras pessoas, não podendo nenhuma delas dar ordens ao "chauffeur" para apressar a corrida. E' um coletivo onde tanto pode estar um cidadão nervosamente apressado, como a senhora descansada que não depende de horários, nem de interêsses comerciais. Quando vimos o nosso ônibus parar na fila e esperar que os dianteiros retomassem a marcha, calmamente, sem aquêle afobamento determinado pelas gerências sedentas de lucro sôbre o sangue das vítimas, respiramos cheios de mais confiança na vida e nos destinos humanos. Um cidadão, porém, comentou: "agora é assim, acompanhando enterros...". Mas um outro retorquiu: "E' preferível acompanharmos o entêrro simbólico da ganância do que acompanharem o nosso". E nada mais verdadeiro. Para quê os ônibus arriscavam a nossa vida naquelas carreiras desenfreadas uns pelos outros? Seria para servir-nos bem, de forma que pudéssemos economizar três ou quatro minutos de nosso tempo de trabalho ou de descanso? Não, nada disso. Êles corriam e apostavam parelhas na ânsia de vencer um ao outro, não somente porque isso é prova de perícia e de potencial de suas máquinas, como porque seria maior a concorrência e, com esta, os resultados no coletor de dinheiro. E a vida dos passageiros? E a segurança dos transeuntes? E' preferível perder um minuto a perder a vida. Quem estiver com muita pressa que tome um taxi. O ônibus, fazendo agora também sua filinha, passou a ser um elemento de bom senso e bem-estar, deixando aquelas traquinadas de boêmio estouvado, que só se sente bem com a exaltação de sua filosofia. Não há dúvida. Agora os ônibus já estão a salvar vidas...

GUERRA LEITEIRA — Surge de lá, do outro lado do nosso mundo, mais uma notícia a respeito de fato que provocou controvérsias entre a Rússia e os Estados Unidos: a rádio de Moscou anuncia que uma nova raça de gado — a Gigante — está sendo criada na Ucrania. A emissora, firmada na Agência Tass, que, no caso, informa de Kharkov, declarou que zootecnistas ucranianos passaram anos seguidos cruzando o gado local com a conhecida raça "Szhwytz". E, como resultado de tais cruzamentos, surgiu aquêle tipo, interessante pela alta produção de leite com extraordinário teor de gordura, além de pêso incomum, tanto que as vacas dão de 7.260 a 7.920 litros de leite em doze meses. Entretanto, mal foi difundida a novidade, os técnicos norte-americanos proclamaram que as vacas da nova raça, a "Gigante", não estão oferecendo novidade nenhuma e terão que se apurar ainda muito tempo para que possam superar os recordes de produção de leite verificados nas criações dos campos experimentais dos Estados Unidos. E citam os cientistas norte-americanos, entre outros, os casos constatados na granja modêlo de Beltsville, onde já ninguém se admira do volume de leite que está sendo produzido pelas vacas ucranianas. O comentário que a notícia sugere é muito simples e vem logo à mente de qualquer um: estamos diante de uma controvérsia de caráter internacional e se aos olhos de alguns observadores do "caso" a discussão em tôrno de animais leiteiros pode parecer banal e secundária, para outros é matéria de magna importância. E é realmente importantíssima essa questão de leite. Basta dizer que o leite é o tipo do alimento completo. Valeria a pena estimular debates como êsses, acinir lutas dêsse teor, incentivar competições dessa natureza; conduzir a paixão aos pontos mais altos, interessando neles as massas "torcedoras" de parte a parte. Hoje leite, amanhã trigo, depois ovos, a seguir batatas, etc., etc. Seria divertido, útil e, positivamente, mais humano do que as outras competições geradoras de ódios e morticínios e que não interessam diretamente a nós das Américas, que, de tempos em tempos, somos forçados a comprar brigas dos outros, quando, na verdade, o que nós queremos é sossêgo e tudo o que êle proporciona, inclusive o leite. E como êste é bom e inofensivo: quando está no copo não denuncia raças, não tem côres: é branco como um símbolo de paz.

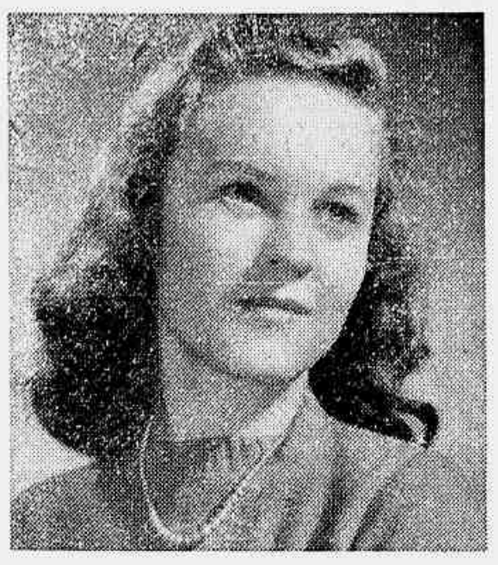
O BARRO É NOSSO — Lemos, em um dos matutinos cariocas, telegrama procedente da capital de São Paulo, informando que o sr. Vicente de Azevedo, presidente do Sindicato da Indústria de Cerâmica, daquele Estado, não tem notícia de que o sindicato da mesma indústria no Distrito Federal haja solicitado o apoio dos seus companheiros bandeirantes para um memorial a ser enviado ao sr. presidente da República e ao Congresso Nacional pedindo providências contra a ameaça da concorrência estrangeira. E o despacho também informa que o sr. Vicente de Azevedo declarou à reportagem estar a indústria paulista satisfeita com a quota estabelecida para a entrada de produtos estrangeiros no corrente ano, equivalente ao valor do total que entrou em 1947. E que s. s. não vê como a concorrência do exterior possa ameaçar a produção brasileira, mesmo considerando as permutas que ainda possam ser efetuadas. Está aí uma notícia auspiciosa, uma orientação razoável e lógica com a qual o povo, a massa, a maioria, isto é, toda a gente que consome produtos de cerâmica de modo geral, deve ficar satisfeita. Por mais nacionalista que se deva ser, por maior que seja o nosso interêsse em favor da indústria nacional, é mister reconhecer que não se pode prolongar indefinidamente o "regime de guerra" que deu à nossa indústria situação especial durante os últimos tempos. Foi um regime de "super-proteção": não eram, apenas, as barreiras alfandegárias e as dificuldades cambiais que impediam a entrada em nosso país de utilidades estrangeiras. Era a guerra, era o bloqueio dos mares, era a indústria dos grandes países mobilizada para a luta de vida e de morte. Era, ainda, a fome de utilidades que os beligerantes sentiam e que determinava até a exportação de utilidades manufaturadas aqui para atender às necessidades deles. E quando, num balcão, alguém dizia, diante de um sapato, de um sabão ou de um pedaço de pano — "Está muito caro", a resposta vinha logo, pronunciada com ar de tristeza: "E' a guerra!". Mas a guerra passou. Pode ser que venha outra. Mas aquela passou mesmo. E, enquanto outra não vem, vamos reconhecer que não é imaginável o bloqueio dos mares para atender a uns tantos interêsses de classe (seja esta classe alta ou baixa) em detrimento da maioria, do povo, do bem-estar da nação. Por que não se utiliza o saldo dos lucros extraordinários, que a guerra proporcionou à maioria das nossas indústrias, em favor do seu reaparelhamento, de modo que elas possam enfrentar a luta livre sem sacrifício do consumidor? O líder da indústria ceramista está certo. Também, vamos ponderar: o barro é nosso, a água é nossa... Será possível?



ANO XLVII — REVISTA DA SEMANA — N.º 42 — 16-10-48

Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO
PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933
ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples — Um ano ..... Cr$ 140,00 Seis meses ..... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ..... Cr$ 170,00 Seis meses ..... Cr$ 85,00
ASSINATURAS PARA O EXTERIOR
Registrada — Um ano ..... Cr$ 270,00 Seis meses ..... Cr$ 140,00
O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro
Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Corresp. - na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo - Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718
TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N.Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa" — Florida, 299 - Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires.
O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação.
Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados
Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores
ÊSTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

Prêso um traficante de cigarros de maconha. O prefeito do Distrito Federal sanciona um projeto de lei que abre o crédito especial de 350 mil cruzeiros para o Teatro do Estudante do Brasil. Deixam o Rio "Los Chavallilos". Acidente com dois aviões da F.A.B., em Canavieiras, Estado da Bahia. Em entrevista à imprensa, o general George Marshall declara que "nenhum povo jamais perdeu sua liberdade enquanto teve livre a sua imprensa". Condenados a morte, em Sofia, cinco espiões. Greve nas companhias de petróleo em São Francisco, nos Estados Unidos. Entrevista do chanceler Raul Fernandes com o secretário de Estado norte-americano. Anuncia-se, do Ceará, que vai ser erguido, ali, um monumento a Clovis Bevilacqua. A Universidade de Columbia anuncia a descoberta de um novo mineral radioativo que algum dia terá importante aplicação, segundo o comunicado. No Cairo, um homem é condenado a 17 dias de prisão por ter mordido um cão. O general Charles de Gaulle exorta o povo francês a apoiá-lo na sua campanha em demanda do poder. Graves perturbações na zona soviética de ocupação, na Alemanha. O sr. Cordell Hull insiste em que os Estados Unidos devem envidar todos os seus esforços para viver em paz com a U.R.S.S. O líder da maioria do Senado consulta o DASP sôbre o aumento. Reunião extraordinária do Gabinete francês. Informa-se que será de 45% o aumento dos comerciários. Surto de febre amarela na fronteira do Brasil com a Argentina. Falece o jornalista Horácio Cartier. Segundo comunicados procedentes de Londres, o "premier" Attlee renunciará o seu cargo, dentro de poucas semanas, por motivos de saúde. Suspensa a demolição dos abrigos anti-aéreos da capital londrina. Informa a U. P. que o Almirantado Britânico deu um aviso de "prontidão geral" à Armada. Vai ser modificada a arborização da cidade. Afirma uma agência telegráfica que foi exaltada, na imprensa "yankee", a nossa crescente evolução industrial. Inaugurado o Primeiro Congresso de Grêmios Estudantis do Distrito Federal. Com idade bastante avançada, falece o último filho de Antônio João, herói da Retirada da Laguna, importante episódio de nossa História. Telegrama de Belo Horizonte nos põe ao corrente de que há crise de energia elétrica ali, pelo que foi retirado da circulação 50% dos bondes. Expurgo no seio da polícia baiana. Greve de ferroviários na França. Desastre de automóvel, sem maiores consequências, com o rei Pumipol II, monarca do Sião. Instalado no Rio o Congresso Médico-Homeopático Pan-Americano. Os russos realizam operações de ataques simulados na Alemanha Ocidental, com frotas de aviões de propulsão a jacto. Antigo companheiro de Prestes abjura o credo vermelho e faz importantes declarações à imprensa carioca sôbre as atividades dos comunistas no Brasil. O sr. Artur Bernardes retira as acusações que fizera, em discurso, aos constituintes de 46. Prêso, em Bogotá, um líder operário brasileiro. Um telegrama da I.N.S. declara que está iminente uma nova revolução no Paraguai. Aberto um crédito de 500 mil cruzeiros destinados à execução dos estudos do abastecimento de água da sede do município de Duque de Caxias. Falece, em Lisboa, com 85 anos de idade, o padre jesuita Francisco Rodrigues da Silva, conhecido como "o pai dos pobres". De Lake Success informa-se que o Conselho de Segurança, por nove votos contra um, resolveu incluir na agenda de seus trabalhos a situação criada pelos soviéticos em Berlim. Colocado fora da lei o Partido Aprista Peruano. Violento ciclone varre Havana, causando sete mortes e cem feridos, com prejuízos de milhares de dólares. O prefeito Mendes de Morais, atendendo ao Senado, manda suspender a modificação dos Arcos de Santa Teresa. A França vai recomeçar as suas explorações polares, com o envio, dentro em breve, de uma expedição à Antártica. Detido pela polícia, na fronteira Brasil-Uruguai, perigoso espião vermelho. Ocupadas pelo exército francês as indústrias de aço. O govêrno Perón fixa o número de páginas para os jornais argentinos. Substituída toda a polícia de Petrópolis. Permitida a entrada de frutas do Brasil no mercado consumidor da Argentina. Surto de tifo em Vila Isabel. Margarida Hirschmann, condenada como espiã, pede revisão do seu processo. Sujeito a perder o mandato o governador gaúcho, sr. Valter Jobim, por ter atravessado a fronteira com o Uruguai sem licença da Assembléia Estadual. Falece o filósofo Bertrand Russel.



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicológicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira**.

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que etiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: **Conto para a "REVISTA DA SEMANA".**

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

"INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

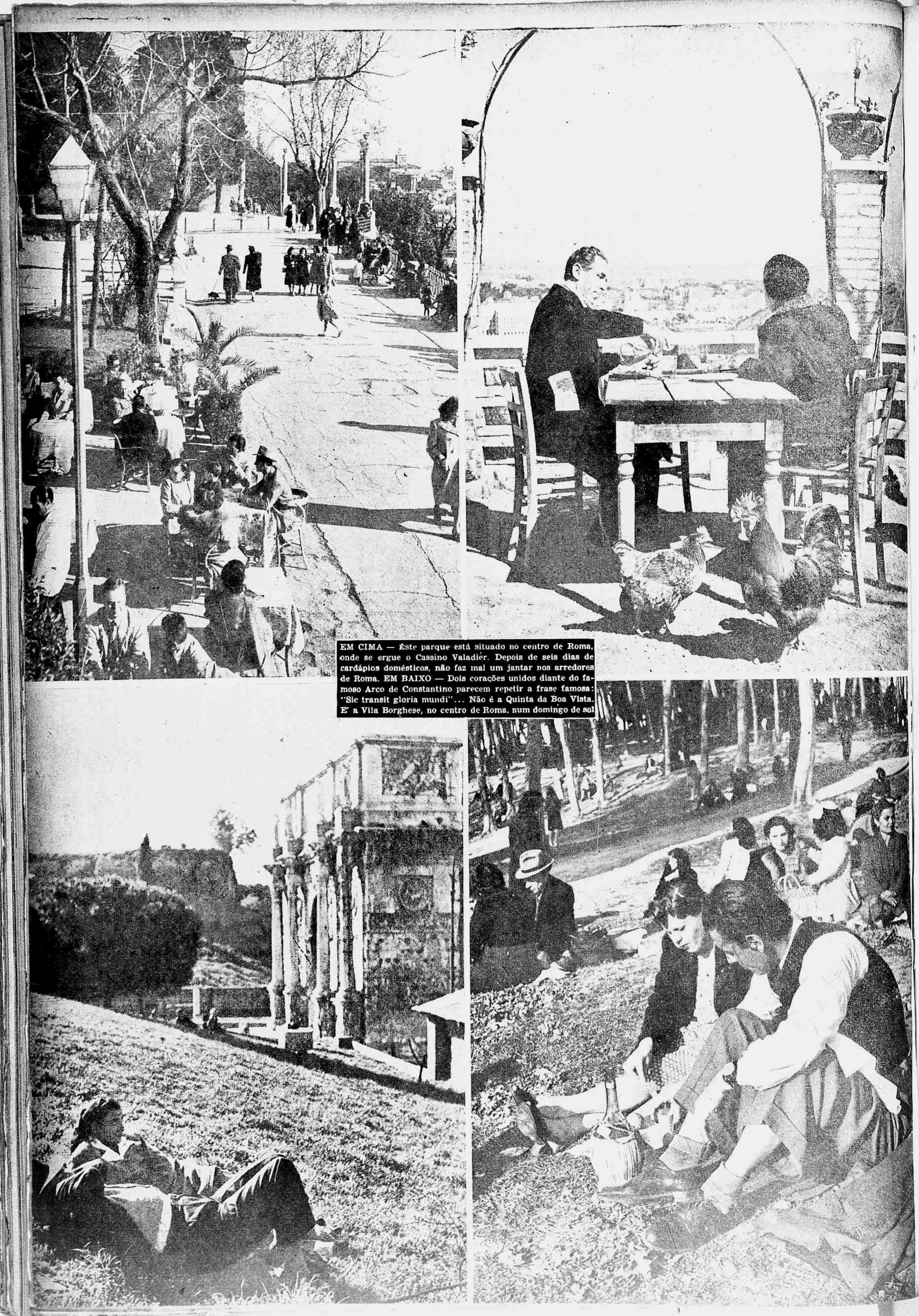
Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.

★

Pedidos pelo Reembolso Postal para

VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 -- Apto. 3 -- TIJUCA -- RIO DE JANEIRO

PREÇO: Cr$ 20,00



EM CIMA — Êste parque está situado no centro de Roma, onde se ergue o Cassino Valadier. Depois de seis dias de cardápios domésticos, não faz mal um jantar nos arredores de Roma. EM BAIXO — Dois corações unidos diante do famoso Arco de Constantino parecem repetir a frase famosa: "Sic transit gloria mundi"... Não é a Quinta da Boa Vista. E' a Vila Borghese, no centro de Roma, num domingo de sol

Crianças se deliciam com a vida féliz numa fazendola dos arredores da Cidade Eterna

UM DOMINGO EM ROMA

Reportagem de RUY SAULO ★ Especial para "REVISTA DA SEMANA"

Indiferentes a grandeza das ruinas do Coliseu, esse casal de namorados esta longe do mundo

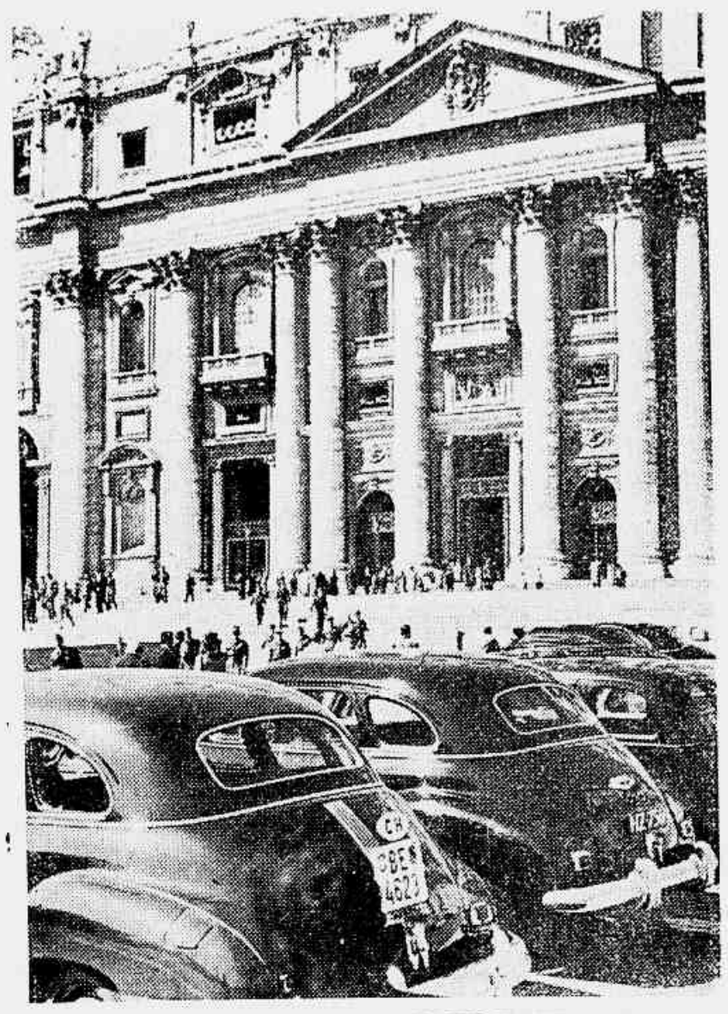
A Itália não é apenas o país da Arte. E' a pátria da Espiritualidade. A Roma, a Cidade Eterna, afluem multidões ávidas de beleza. Tanto das cidades vizinhas, como de nações limítrofes e dos continentes mais distantes, todos desejam vir à cidade de Romulo e Remo, não somente para admirar-lhe as majestosas ruinas dos tempos de Vespasiano e Tito, como para gozar suas tardes amenas, uma sensação espiritual diante do Papa, um dia à sombra de seus parques ou entre as delicias urbanas da Via Veneto.

Peregrinos que chegam das cinco partes do mundo e se extasiam na Praça de S. Pedro; romanos que esquecem as lutas políticas; famílias que procuram refúgio nos jardins depois de seis dias de economias e racionamentos; crianças que se entregam nos braços da Natureza; namorados que se enternecem com promessas de amor eterno nas colinas da Cidade de Deus. Dos Alpes à Sicilia, do Mediterrâneo ao Mar do Norte, do Pacifico ao Atlântico, Roma impera, soberana; Roma domina os corações, os cérebros e os espiritos. É, na verdade, a Cidade Imortal.

E quando num domingo tépido, cheio de sol e de luz, vemos os seus parques e arredores poéticos e bucólicos encher-se dessa multidão em que se falam todas as linguas do mundo, sabemos que é a própria humanidade, cansada de sofrer e de pedir misericórdia a Deus, que acorre à Itália, a Roma, para deliciar-se com as ligeiras férias de um glorioso domingo, após suas preces diantes da Catedral de S. Pedro.

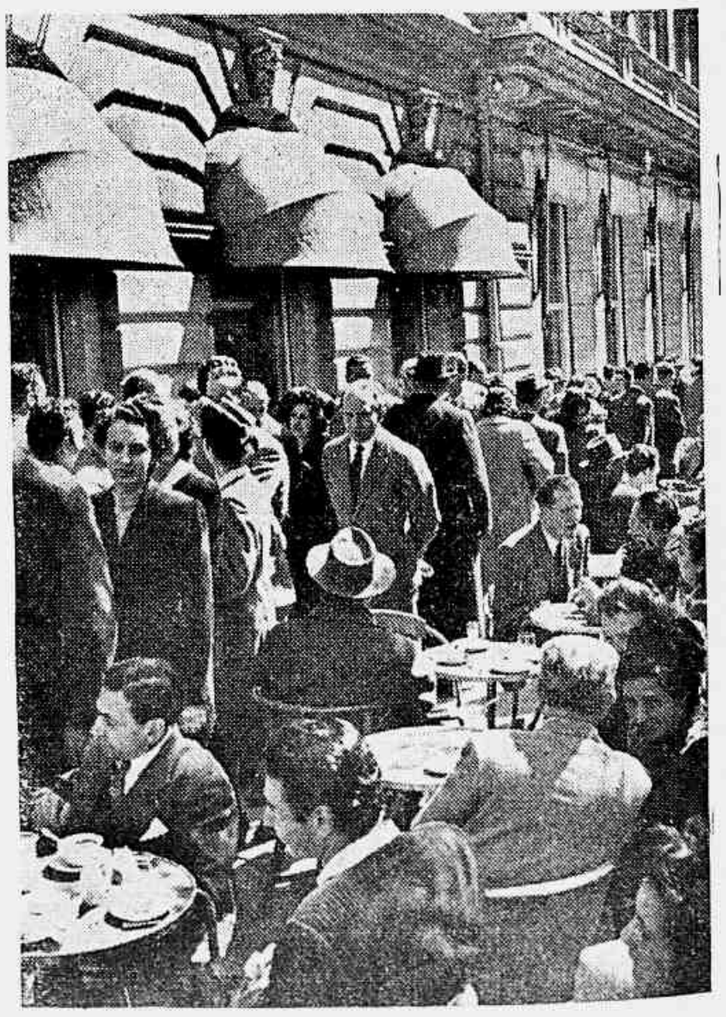
Todos estão alegres e cheios de esperanças, desde o pobre que saboreia o seu humilde **gelati**, até o mais abastado que se esquece das lutas comerciais com farta mesa na relva, regada a bom e genuino "chianti".

Um domingo em Roma é uma festa em que se celebra a beleza da vida. Lá fora, espalhada pelas sete colinas, a imensa aglomeração de edifícios e de gente. Sempre que vejo Roma e os seus visitantes, relembro aquêles filosóficos pensamentos de Taine e Goethe, de Stendhal e Sainte-Beuve. Para uns, Roma possui os encantos de uma Arte forte e harmoniosa, ao invés de Atenas, com sua Arte bela e harmônica. Taine via em Roma um repositório de Arqueologia e de História; mas Goethe lhe penetrava mais nos recessos de sua realidade eterna, confessando que sua pena de nada valia em face da magnitude de Roma. Era para o imortal gênio da humanidade, maravilhosa academia, onde, diariamente, se ensina à humanidade que todos devemos ficar em silêncio



O Papa falará nêste domingo. Vejam um carro "Pontiac" no primeiro plano

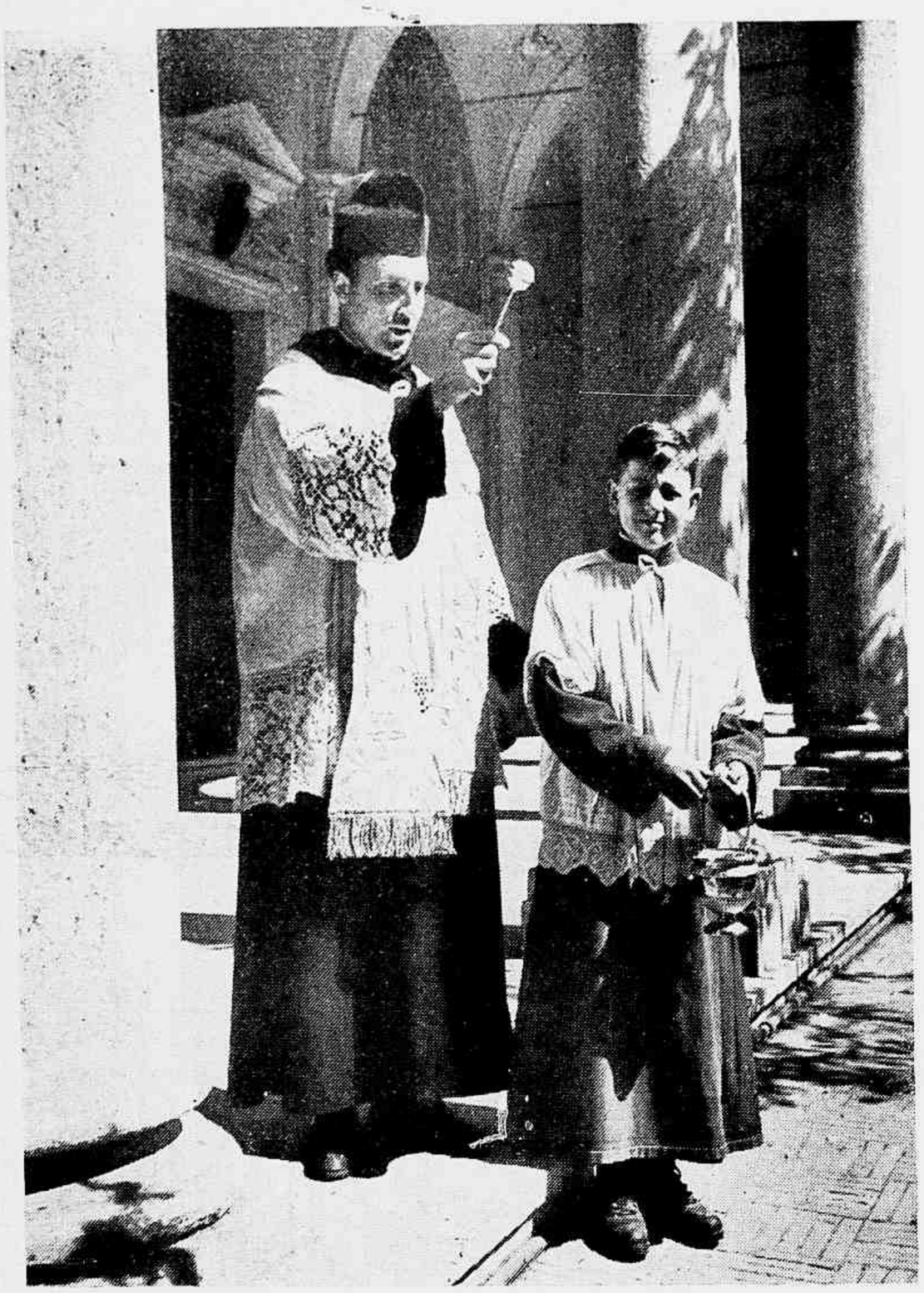
Quando o sorvete chegou foi uma festa para todos, velhos e moços



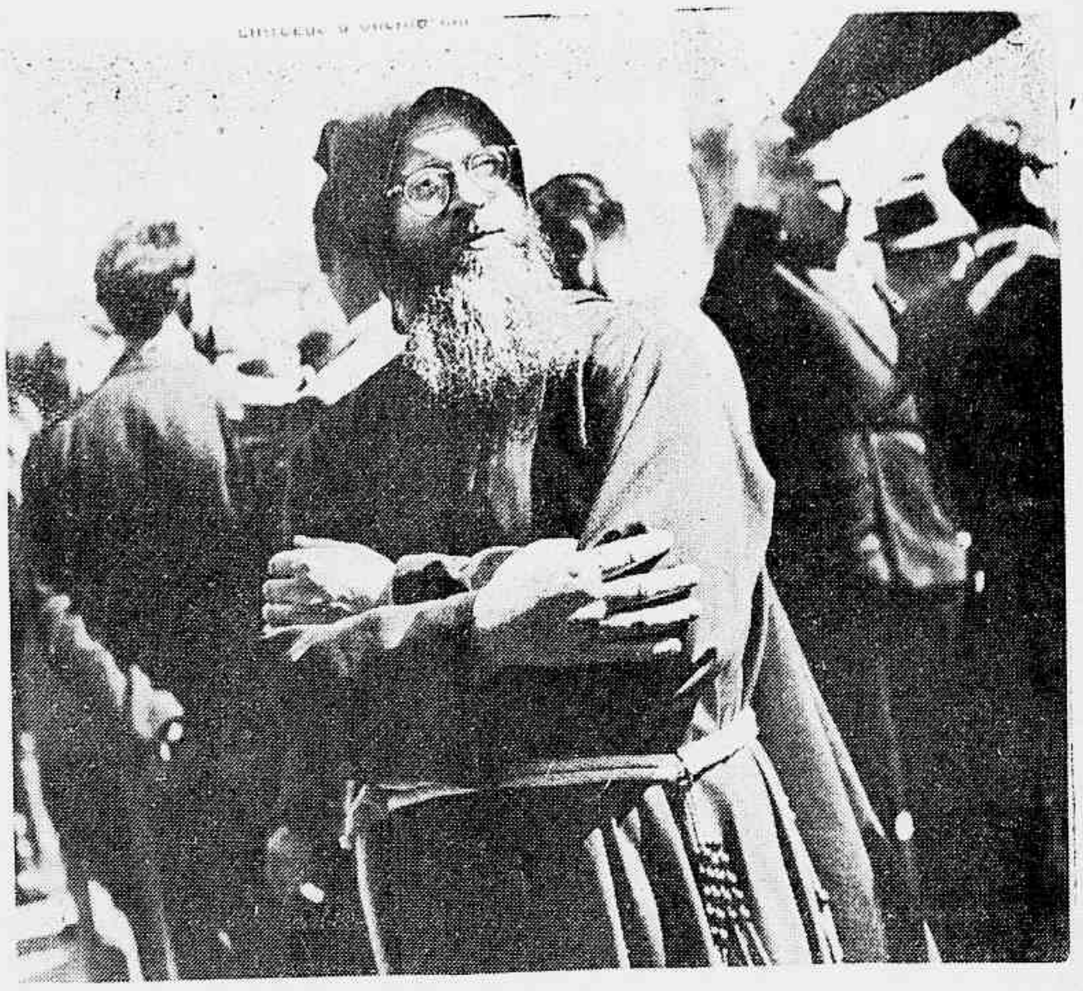
Num terrace da Via Veneto, romanos e forasteiros se deliciam com sorvetes e "wiskey"

AO ALTO — Uma elegante na Via Veneto exibe seu lindo chapéu naquele domingo de luz. EM BAIXO — Há também os que trabalham aos domingos, como sucede com êste açougueiro a vender seus cabritos e mocotós

EM CIMA — O povo adora os parques. Mas uns vão exercitar-se em biciletas enquan to outros fazem tricô. EM BAIXO — Diante daquele muro cheio de convites às lutas eleitorais, êstes dois jovens preferem excursionar muito longe, se a gasolina der para tanto



EM CIMA — Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo... EM BAIXO — As freiras procuram ser as primeiras para ouvir a palavra do Papa



Este monje veio de muito distante ouvir a palavra do Papa

diante daquele mundo de lições, pois Roma é como o oceano: quanto mais nos aprofundamos, mais o admiramos e nos extasiamos com sua infinita beleza.

Daqui de onde estamos, admiramos a plenitude luminosa de um domingo glorioso. Vemos diversos dos mais famosos sítios de Roma. Nossos olhos se turbam diante de um idílio que nada mais é do que o Amor, a máxima finalidade da vida, e que, em língua do Brasil, é **Roma** da direita para a esquerda, como para dizer-nos que o Amor está sempre na capital da Itália. Fixamos então com a nossa objetiva o casal de namorados indiferentes às ruínas do assombroso Coliseu. Para êles o monumento começado com Vespasiano no ano 72 de nossa éra e terminado por Tito no ano 80, é muito menor do que seu afeto, mais passageiro do que seu amor. Seus olhos só vêem outros olhos. Para que admirar aquêle imenso anfiteatro onde jorrou o sangue dos primeiros mártires do cristianismo e em cuja arena desfilavam as quadrigas e se batiam em luta de morte os gladiadores e as feras mais temíveis da Ásia e da África, diante das multidões ululantes e sedentas de ação sangrenta? Para que relembrar os dramas e as tragédias, se êsse par aproveita a beleza morna de um domingo de sol para subir aos seus sonhos de noivos?

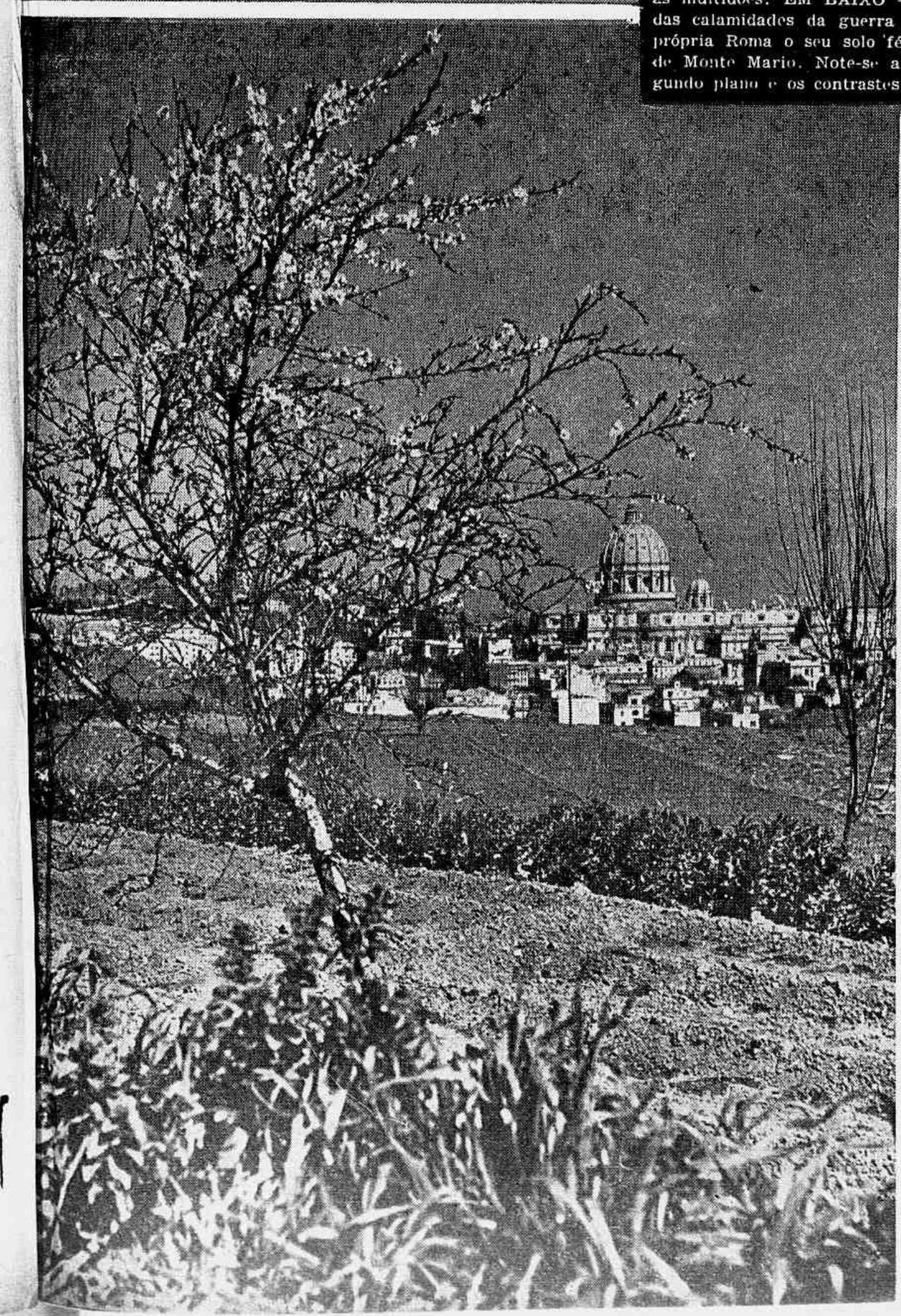
Mas, se é esta a quietude de namorados abstraídos do mundo em redor, já não pensa assim um cidadão que mostrava o Coliseu a duas crianças: "Por detrás das ruínas da "Domus Aurea", a Casa de Ouro, de Nero, no vale que se estende entre o Celio, o Palatino e o Esquilino, começou Vespasiano a construção dêsse formidável edifício"... Não pudemos ouvir o resto. Êle falava pausadamente e andava com as crianças em direção do Coliseu. Parecia um vovozinho a dar lições **in loco** aos seus netos. Ou algum professor amante da verdade e da vida.

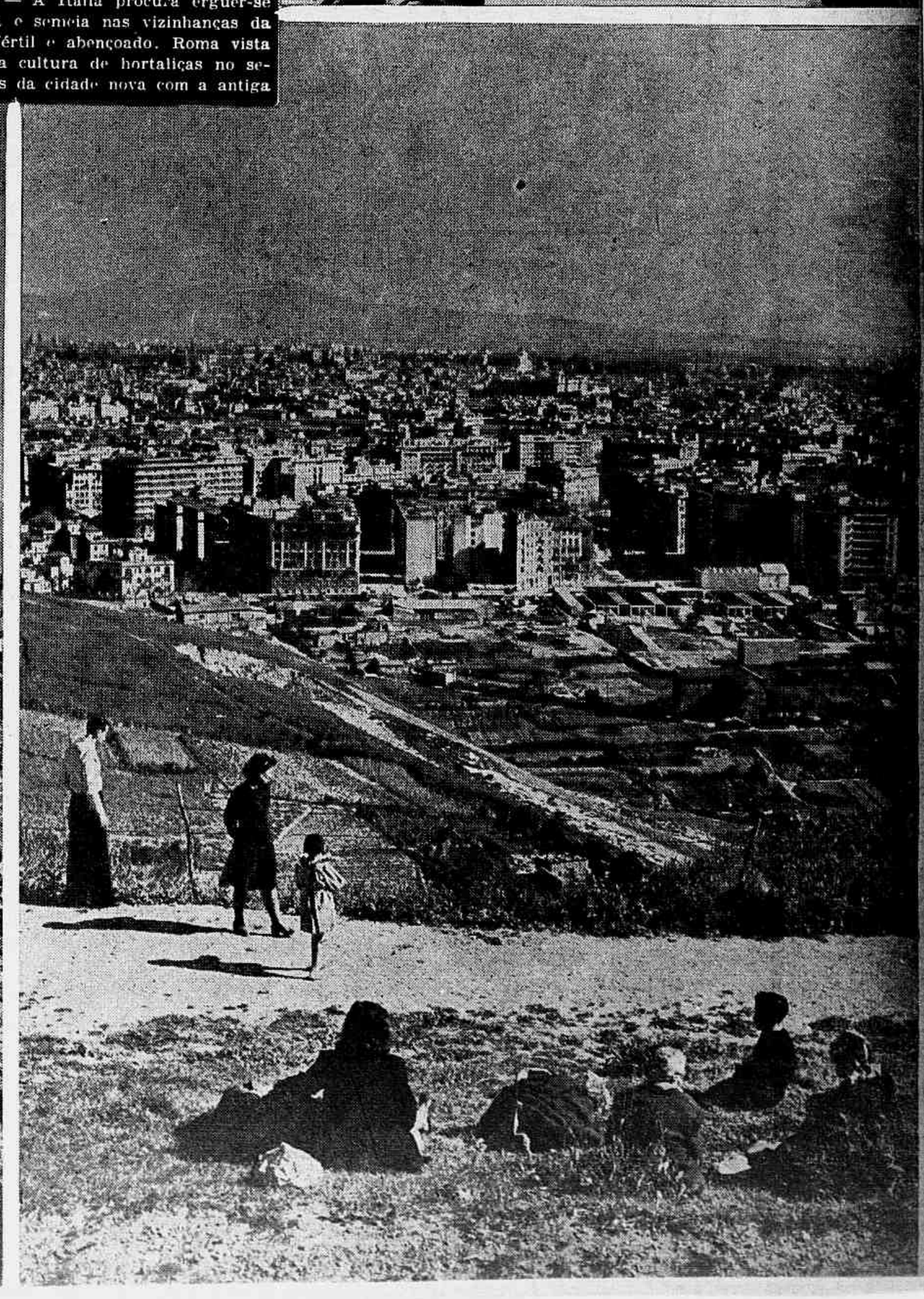
Não poderia dizer que esta bela península seja presentemente uma "Itália coroada de rosas", mas seria exagêro afirmá-la, inteiramente, uma pátria "coroada de espinhos".

Não: a Itália pulsa, vive, reage; sofre, sim, porém trabalha, luta, canta e ri.

Multidão de estudantes, religiosas e operários aguarda a presença do Papa na Praça de São Pedro

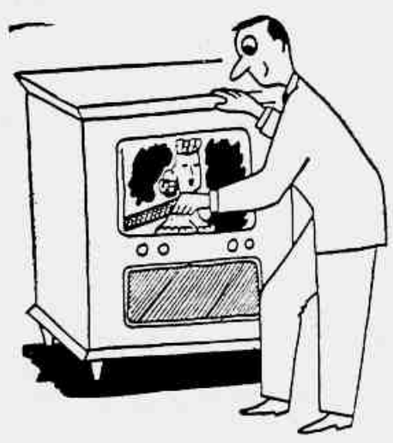
EM CIMA — Um passeio pelas ruínas do velho Coliseu. Guarda Nobre do Papa ao alto das escadarias da Igreja de S. Pedro, antes de aparecer Sua Santidade que falará às multidões. EM BAIXO — A Itália procura erguer-se das calamidades da guerra e semeia nas vizinhanças da própria Roma o seu solo fértil e abençoado. Roma vista de Monte Mario. Note-se a cultura de hortaliças no segundo plano e os contrastes da cidade nova com a antiga

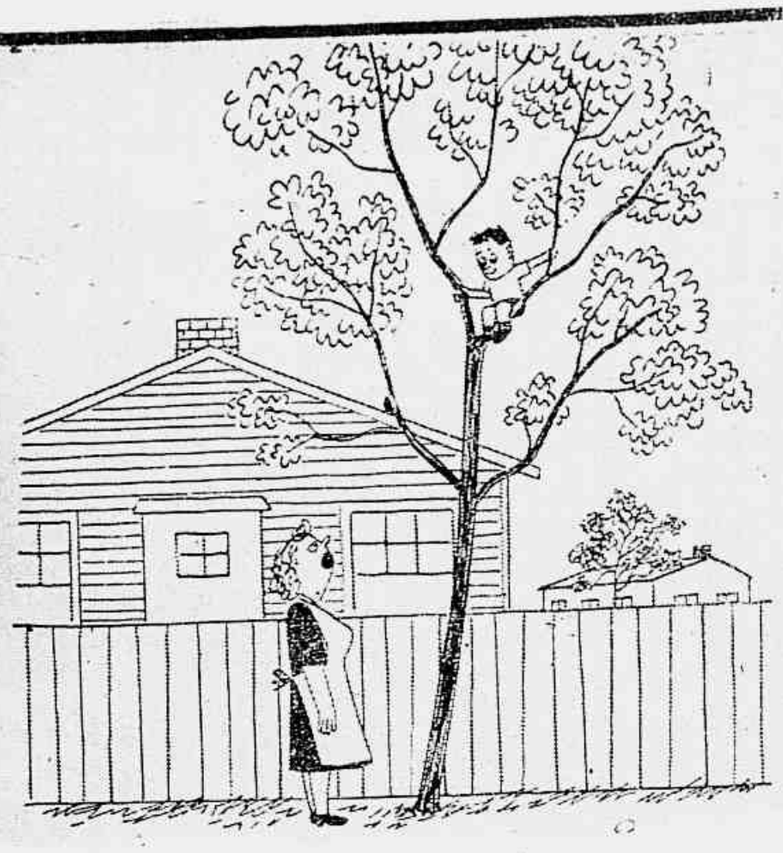




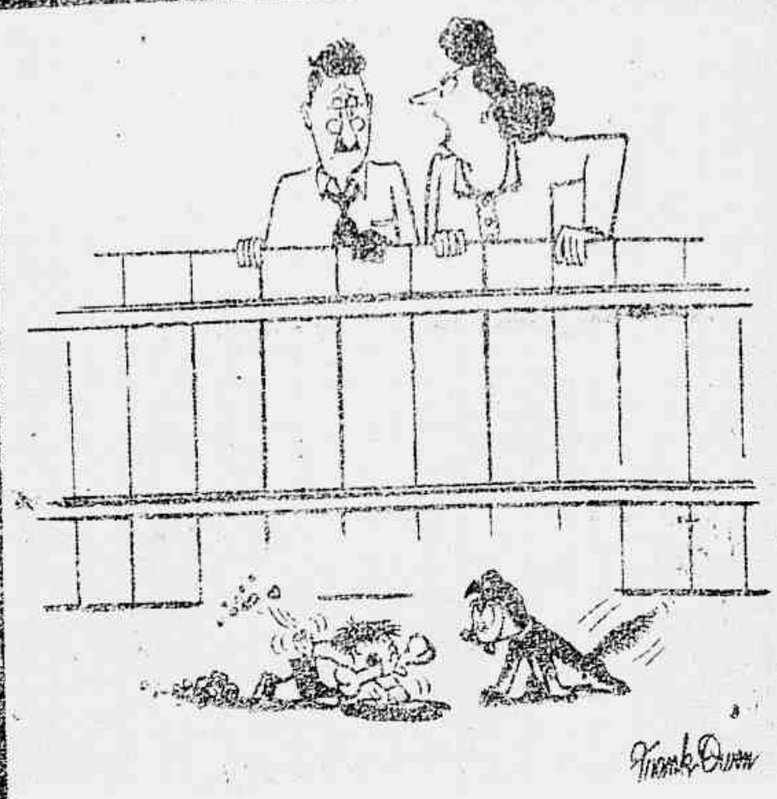
BOM HUMOR

Vantagens da televisão

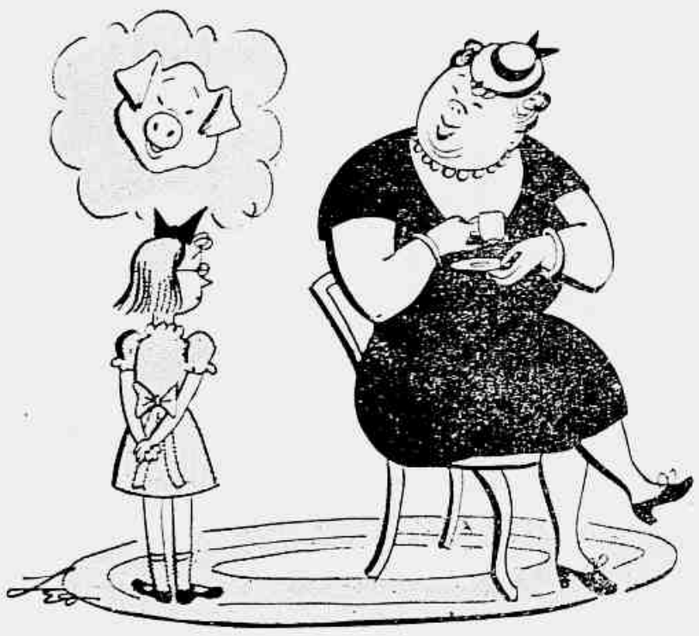


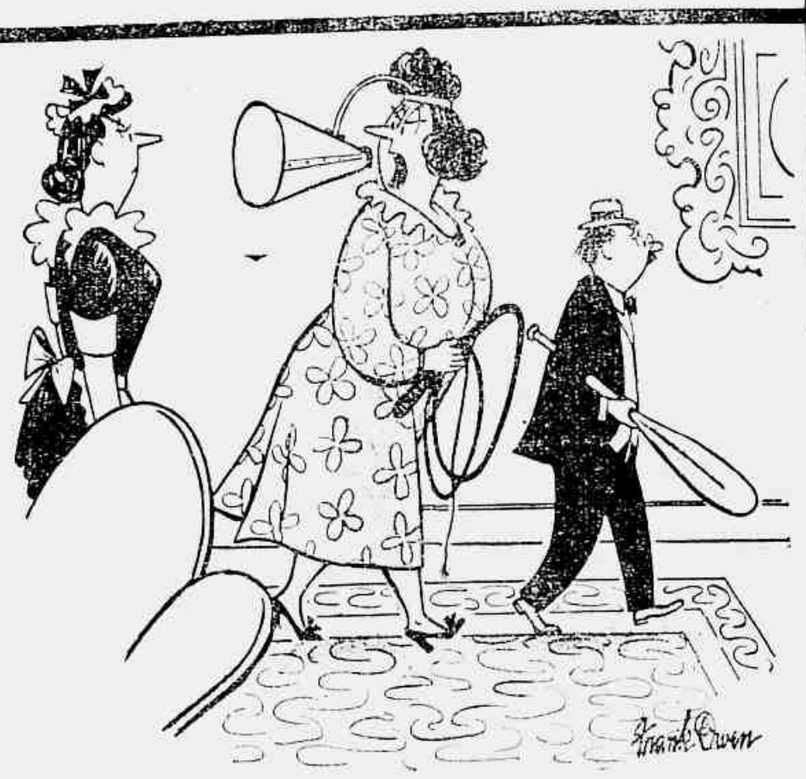


— Zequinha, desce já aqui ou eu vou te buscar.



— Você e sua mania de cachorros!!!

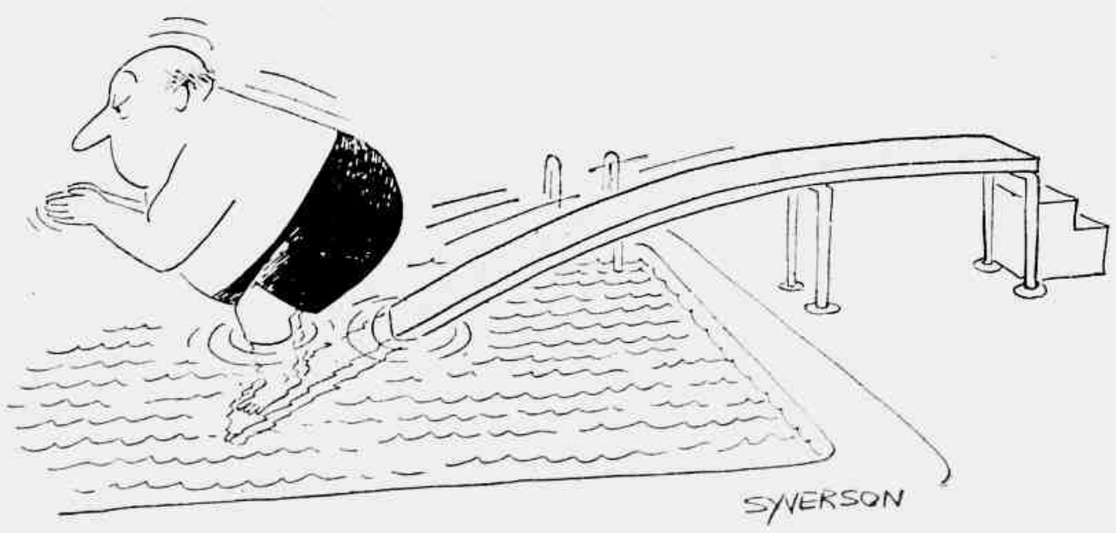


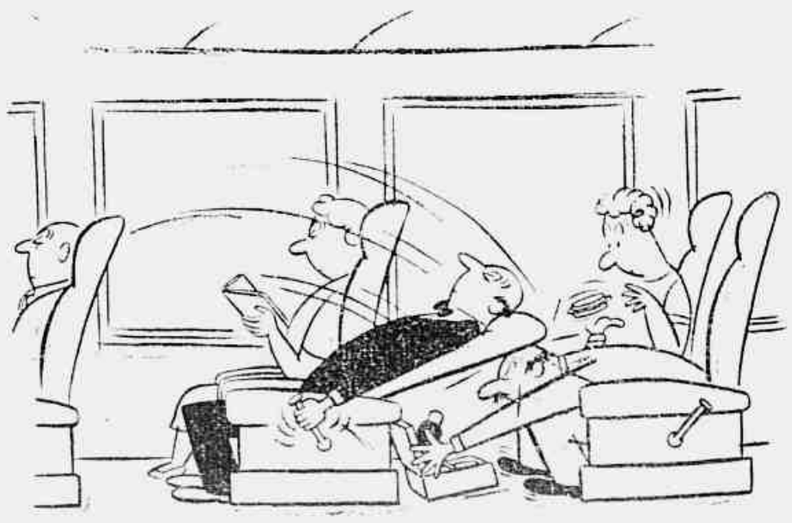


— Josefina, se alguém telefonar, diga que "fomos" remar.

— Maricota, onde estão minhas abotoaduras?!...

— Meu Deus, ainda não estás pronta?!





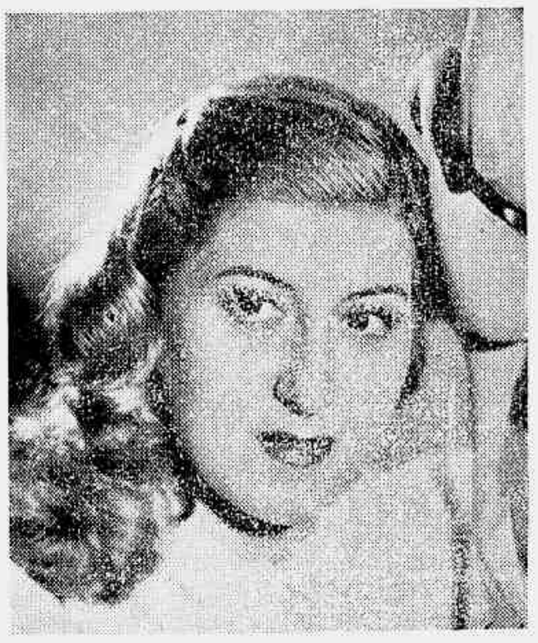
Por A. MIGUEIS

ACONTECE CADA UMA... —

O rádio carioca é fertilíssimo em casos pitorescos fornecidos em regular "dossier" para os que se dedicam a selecionar tôda e qualquer gafe praticada por um "astro" do microfone ou por trás das clássicas mesinhas do Nice, quartel general de nossas composições populares. Relendo os casos pitorescos anotados pacientemente pela nossa pena indiscreta, encontramos o daquele "speaker" de um programa matutino, patrocinado por um perfume qualquer que, num autêntico esfôrço para convencer o ouvinte de que o tal produto é o melhor do mercado, diz: "Cheira flores", o perfume que é sentido a três quilômetros de distância... Francamente, nem mesmo as narinas dilatadas de um ferocíssimo Zulu, seriam capazes de sentir o aroma agradável do mais afamado estrato, a tal distância. E' possível, porém, que a mentalidade do jovem locutor atinja a mais de três mil metros de retrocesso. Mas, não para aí a coleção, mesmo porque o caderno é um tanto volumoso, tendo páginas suficientes para centenas de pérolas que o criterioso Agripino Grieco teria prazer em revelar. Na mesma emissora em que trabalha o ferdinando exagerado do microfone, o caderno acusa a presença de um seu (dêle) colega de profissão que, consciente de sua detestável dicção, fala baixinho, como receioso de alguma represália por parte dos senfilistas ou temeroso de despertar as vovós que tiram a clássica soneca... Numa outra "peérre" a nossa pena, talvez para atrapalhar a vida do rapaz, anotou caso curioso do rapaz que, através do micro, transmite ordens para o botequim da esquina, solicitando médias e pães com manteiga, enquanto o operador sapeca no "pick-up" o popularíssimo samba de J. Portela e Cícero Nunes "Pão com banana".

Seguindo os rabiscos do precioso caderninho de observações radiofônicas, achamos trepada em várias linhas, a conversa mole de um palrador do eter que, enganado pelo espelho, implora com a menor cerimônia, para que as ouvintes do seu ingesto programa, solicitem uma foto autografada. E, prosseguindo nêsse passeio "etéreo", pelas ondas radiofônicas, topamos com um fato já bem velhinho, dado o tempo em que ocorreu. Passou-se com um "medalhão" da voz, quando o mesmo estava fazendo "sketch" para a apresentação de seus números musicais. O cantor em aprêço, numa fala, saiu-se com esta formidável tirada: — "Você, minha filha, só num pedrestal"... Influência, talvez, das pedras que encontra pelo caminho. Ainda no rol dos locutores a velha e terrível Mallat assinalou a "saída" de um maioral que ao anunciar o nome de uma composição, inverteu o nome da mesma originando-se êste absurdo: — Vela que eu durmo por ti...

Acontece cada uma nêsse rádio guanabarino...



Elda Mayda disse adeus à terra brasileira. A vitoriosa intérprete de música norte-americana vai fixar-se nos Estados Unidos, depois de agradável permanência na Cidade Maravilhosa

RÁDIO-FLASHES

★ As coisas na PRC-8 parecem não andar boas. Depois da saída do maestro Porto Alegre, assegura-se o desligamento do sr. Labre. Além disso, houve apreciável corte no "cast" da emissora que, segundo soubemos, se eleva a cento e vinte contos. Diante dessa situação, o sr. Jorge de Matos talvez dê razão às ponderações que lhe foram feitas por Névio Macedo quando à frente da direção artística da Guanabara.

★ La Gitanela continua conquistando o público brasileiro. No momento, a vitoriosa artista espanhola leva a efeito uma temporada na PRG-2, atraindo centenas de ouvintes para suas audições. E' que além de cantar, La Gitanela conhece os segredos da dança, exibindo-se em interessantes números coreográficos da sua terra. Tão logo termine seus compromissos na capital bandeirante, a teremos de novo ao microfone da Tupi.

★ Alberto Ribeiro, intérprete da música portuguêsa, encontra-se em Paris, gravando as audições da Rádio Jornal do Comércio. O astro da emissora Nacional de Lisboa, ao que se informa, estenderá sua excursão às Repúblicas do Prata, para depois regressar a Portugal. Também as irmãs Meireles continuam excursionando pelos países da América Latina. Enquanto isso, os Anjos do Inferno prosseguem em suas audições no "broadcasting" norte-americano.

★ Dick Farney suspendeu o regresso ao Rio. O intérprete de "Copacabana" viu-se preso a novos compromissos no rádio e no cinema ianques, daí ter retornado à meca do cinema, a fim de iniciar novo trabalho frente à câmera. Carmen Miranda, por sua vez, suspendeu a vinda ao Brasil. E' que a Pequena Notável espera a visita da cegonha, o que a impossibilita de receber a extraordinária manifestação que lhe preparavam seus fãs brasileiros.

★ Pedro Vargas está novamente entre nós. Desta feita, o cantor de "Marimbas" se apresenta menos gordo. Isto, em virtude do regime a que se está submetendo. Pedro Vargas, porém, continua com a mesma bonita voz e veio com números desconhecidos do público brasileiro. Contratado pelas emissoras associadas, êle cantará para os ouvintes da PRG-3 e PRG-2.

★ Antônio Maria deixou a direção artística da Tupi. Carlos Galhardo está em entendimentos com uma popular emissora. A Nacional fechou o "Grande Hotel", prometendo coisa melhor. Cesar de Alencar esteve gozando férias no Ceará. O programa "Casa da Sogra" foi televisionado. Carlos Ramirez estreou ao microfone PRE-8. A Rádio Globo passou a transmitir a "Hora da Ginástica" em cadeia curtas.

★ Névio Macedo, nome que se firmou no rádio carioca através de atuação inegável, acaba de ser conquistado pelo cinema. Também Berliet Junior, figura de primeiro plano em nosso "broadcasting", foi chamado a dirigir uma nova emprêsa cinematográfica.

★ Ricardo Aguiar, verdadeira autoridade inglêsa e um dos bons elementos do quadro de escritores da E-3, traz sempre uma boina à cabeça. Dizem as más línguas que êle não tira a boina nem para ir ao chuveiro. Será verdade? ★ Urbano Lóes, o rádio-ator perfeito "doublé" de narrador, tem um coração de ouro. Nos dias de pagamento chega a haver fila de pobres à espera do Urbano na porta da emissora. E "seu" Amadeu, chefe da portaria, tem um trabalho imenso com tais pobres... ★ Raimundo Lopes, o novelista de "Luz Negra", tem em casa, ao que dizem, uma lâmpada escura que êle acende alguns minutos antes de principiar a escrever. Para que? para inspirar-se provàvelmente... ★ Fernando Jacques é um excelente esposo. Aos domingos, quando está de folga em casa, auxilia a esposa nos trabalhos domésticos... enxugando a louça... ★ Maria Aparecida é uma excelente bordadeira. Nos seus momentos de folga distrai-se fazendo bordados em benefício das crianças pobres do seu bairro.

Erasmo Corrêa, cuja atuação ao microfone da Rádio Jornal do Brasil o tornou conhecido entre o público carioca, é um "announcer" sóbrio e possuidor de boa voz. Participando da programação diurna da P.R.F-4, Erasmo atua ao lado de Maria Helena

U. B. C. VERSUS COMPOSITORES

O meio musical está em polvorosa. Numa das varas criminais prossegue o processo contra Osvaldo Santiago, acusado de cometer irregularidades na União Brasileira de Compositores. Êste, por sua vez, chamou à barra dos tribunais, o conhecido jornalista e compositor David Nasser. E, nêsse vai e vem, a roupa suja continua a ser lavada fora de casa. Autores populares, entrevistados pela imprensa diária, contam casos escabrosos sôbre o direito autoral, arrazando a antiga diretoria da U.B.C. Testemunhas arroladas por Pixinguinha, não economizam palavras. Entre essas, está Nestor de Holanda. O autor de "Xem-em-em" desancou Osvaldo Santiago, taxando-o de elemento pernicioso ao meio musical. Enquanto isso, Alcir Pires Vermelho defendeu o tesoureiro da entidade de compositores, tão rudemente atacado. Ari Barroso, por sua vez, não poupou acusações ao parceiro de Alberto Ribeiro. E, nêsse ambiente de agitação, o meio musical do Rio esquece-se de que o mercado exige novas produções. Fala-se, mesmo, que o Carnaval que se aproxima será dos mais fracos, tamanho o desinterêsse reinante nas hostes do Nice. A preocupação do momento é liquidar a U.B.C. para garantia da SBACEM. Sambas e marchas que esperem, uma vez que os compositores populares se acham possuídos de inspiração guerreira. Assim, vamos deixar como está para vermos como fica...

★

WHAT AM I GONNA DO ABOUT YOU?

Fox de Sammy Cahn e Jule Styne

What am I gonna do about you?
Didn't mind the others I knew,
But what am I gonna about you?
I thought that love and I were all
[through,
Then your smile came out of the
[blue;
Oh! What am I gonna do about
[you?
My hopes were growing dimmer, my
[chances simmer,
Each passing day I could have held
[out longer,
But love was estronger,
You had your way;
And now all my dreams, and I've
[had a few,
Suddenly are all coming true.
So, what are you gonna do about
[me?
And what am I gonna do about you?

★

VOLVAMOS A QUERERMOS

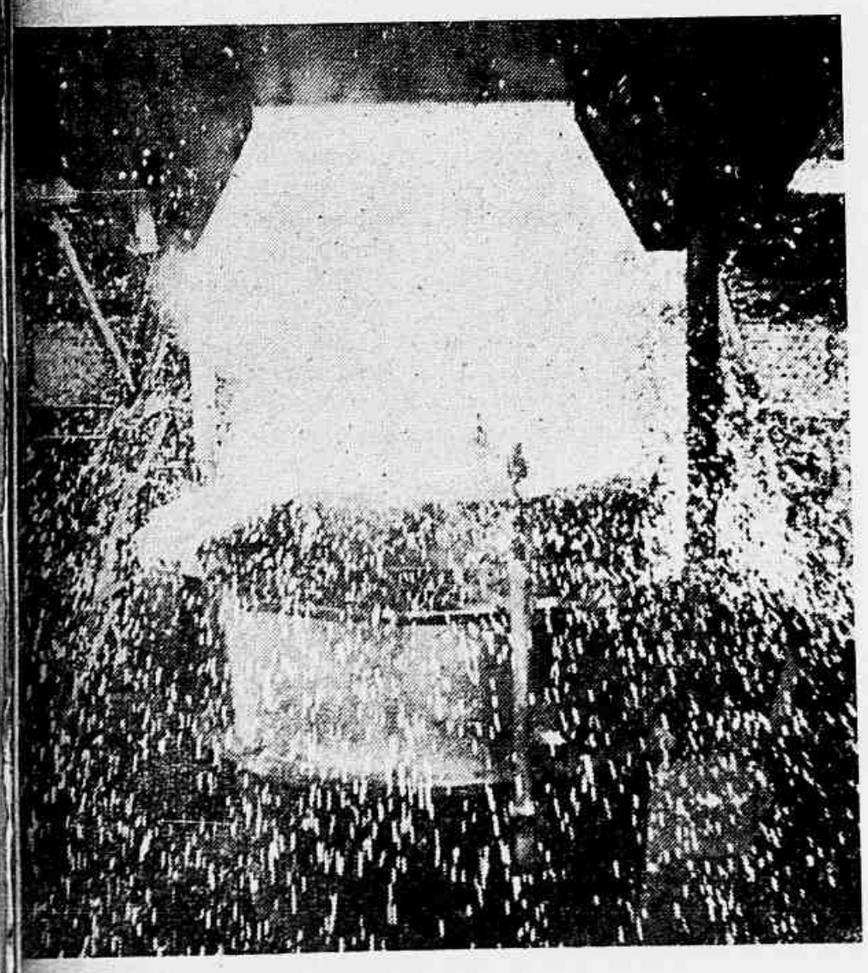
Bolero de Ben Molar

Quiero quererte, desesperadamente,
quiero adorarte, com grande pasión,
en esta noche de mi vida yo te pido
que escuches el ruego de mi canción

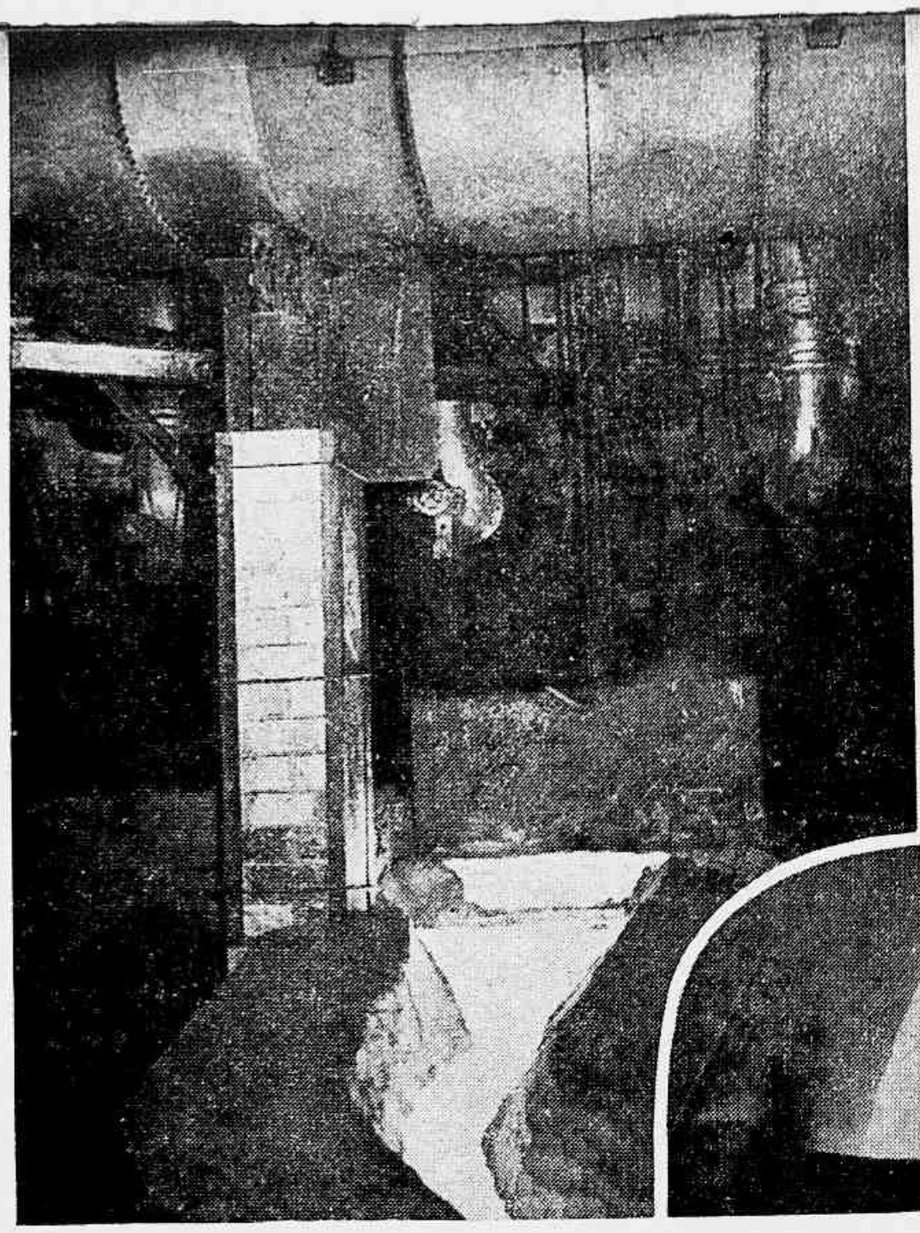
Volvamos a querernos, nuevamente,
volvamos a adorarnos, como ayer,
olvida mi pasado, que es el tuyo
y piensa solamente, con mi querer.
Tus sueños en mis sueños, solo viven
tus ojos en mis ojos, solo están,
mis labios solo saben, repetirte;
Volvamos a querernos, una vez más.

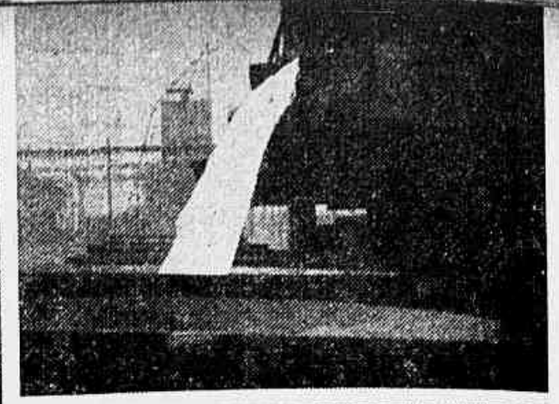
Esta foto fixa o instante em que se abre uma das 55 células da Coqueria, dando lugar à corrida de coque. Vê-se bem o coque desprender-se da célula e cair dentro de um carro de ferro que o leva para o lugar destinado ao seu resfriamento

Vista parcial do grande depósito de carvão e minérios de ferro que são levados incessantemente à coqueria e ao Alto Fôrno por meio de enormes caçambas volantes pendentes da ponta metálica que se vê acima



A foto acima foi colhida no momento culminante de uma corrida de aço, que constitui um espetáculo de rara e impressionante beleza. E' a última fase da fusão dos minérios, de que resulta o aço brasileiro, que rivaliza em qualidade com os melhores do mundo





Um magnífico aspecto da corrida de ferro guza no Alto Fôrno. Ao lado, em cima, vê-se o ferro caindo em grandes panelas, nas quais é transportado para a Aciária. Em baixo, também ao lado, vê-se a escória do ferro, com que se pode fabricar o chamado cimento metalúrgico, caindo em vasilhames apropriados à sua condução

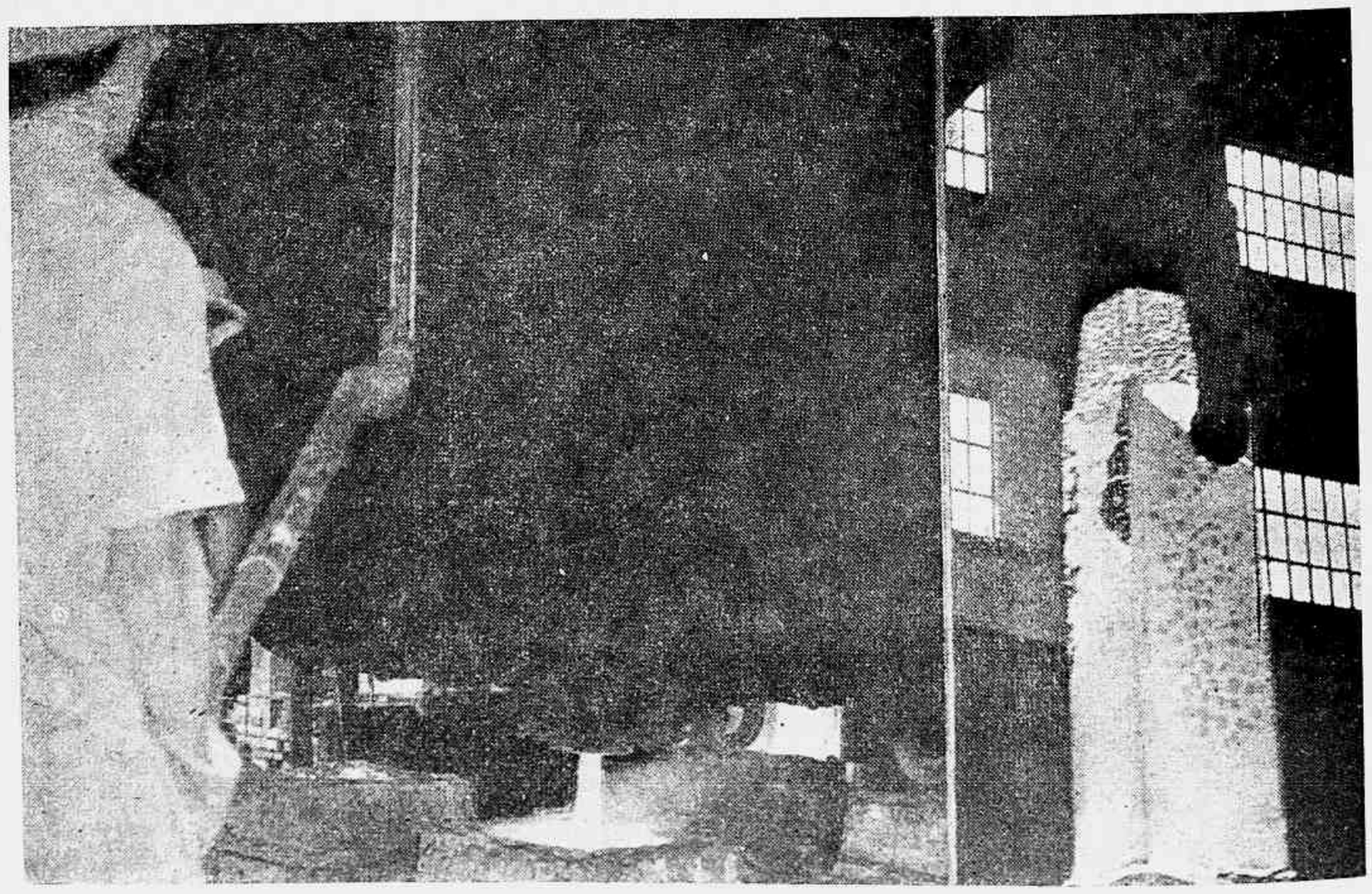
AS PEQUENAS GRANDES CIDADES DO BRASIL

VOLTA REDONDA, A CIDADE DO AÇO, ESTÁ ALCANÇANDO EXTRAORDINÁRIO DESENVOLVIMENTO ★ UMA CIDADE PITORESCA E DE FISIONOMIA MODERNA ★ POPULAÇÃO QUE CRESCE À PROPORÇÃO QUE SE DESENVOLVE O SURTO INDUSTRIAL

Especial para **REVISTA DA SEMANA**

No Brasil existem algumas cidades jovens, que têm crescido como cogumelos, em razão da expansão do surto colonizador, em alguns Estados. Entre essas pequenas grandes cidades, essas expressões jovens do nosso progresso, figuram Marília, o milagre do Oéste paulista, e Londrina, que, no Estado do Paraná, acompanha de perto o rítmo da primeira. Entretanto, em nenhuma delas existem condições mais capazes de propiciar um constante e excepcional desenvolvimento do que em Volta Redonda, a cidade miraculosa do Estado do Rio, a capital do Aço não só no Brasil como em tôda a América do Sul. Visitá-la é recolher uma impressão confortadora e agradável, uma impressão que nos enche de confiança no futuro e que nos oferece o testemunho de quanto poderá progredir o nosso país quando, a seu tempo, for completada a industrialização de que Volta Redonda é já um passo gigantesco.

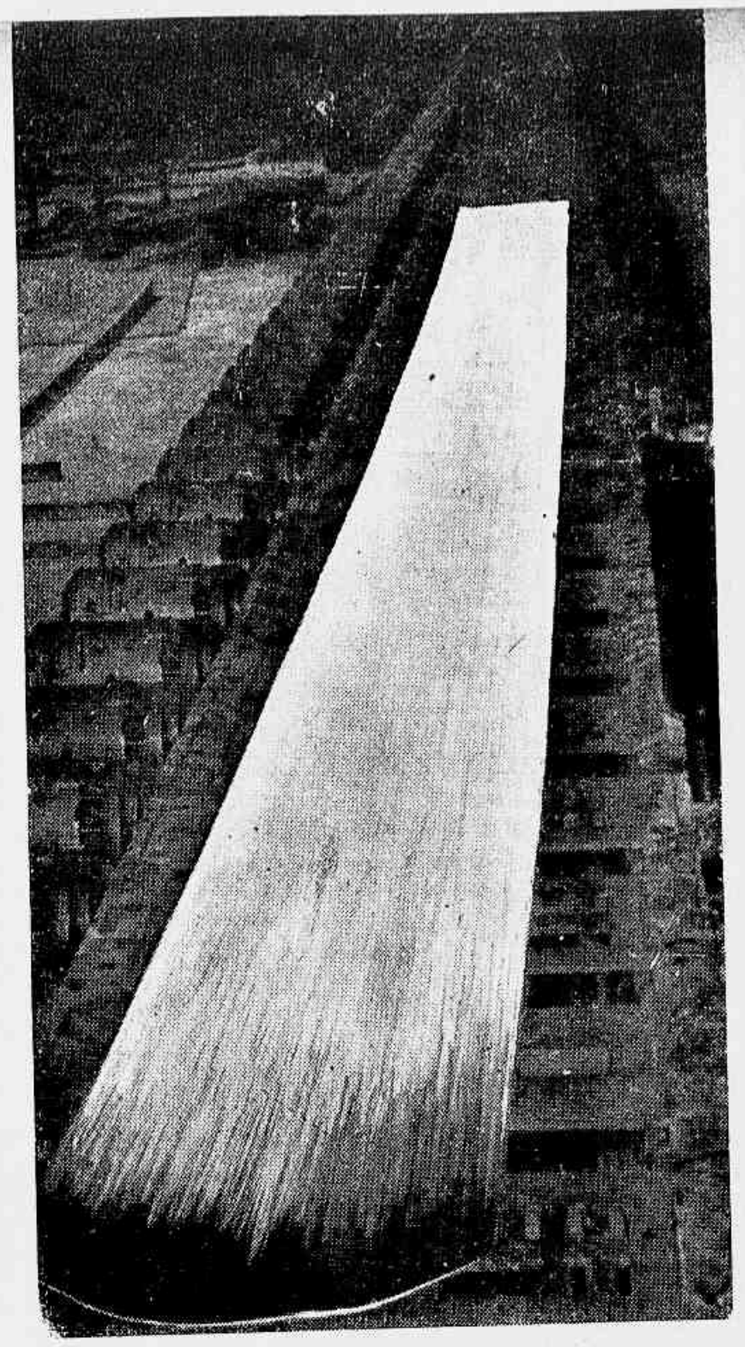
As ruas de Volta Redonda, com suas casas bem construidas e pitorescas, com jardins verdejantes e árvores frondosas, dão-lhe uma fisionomia dis-



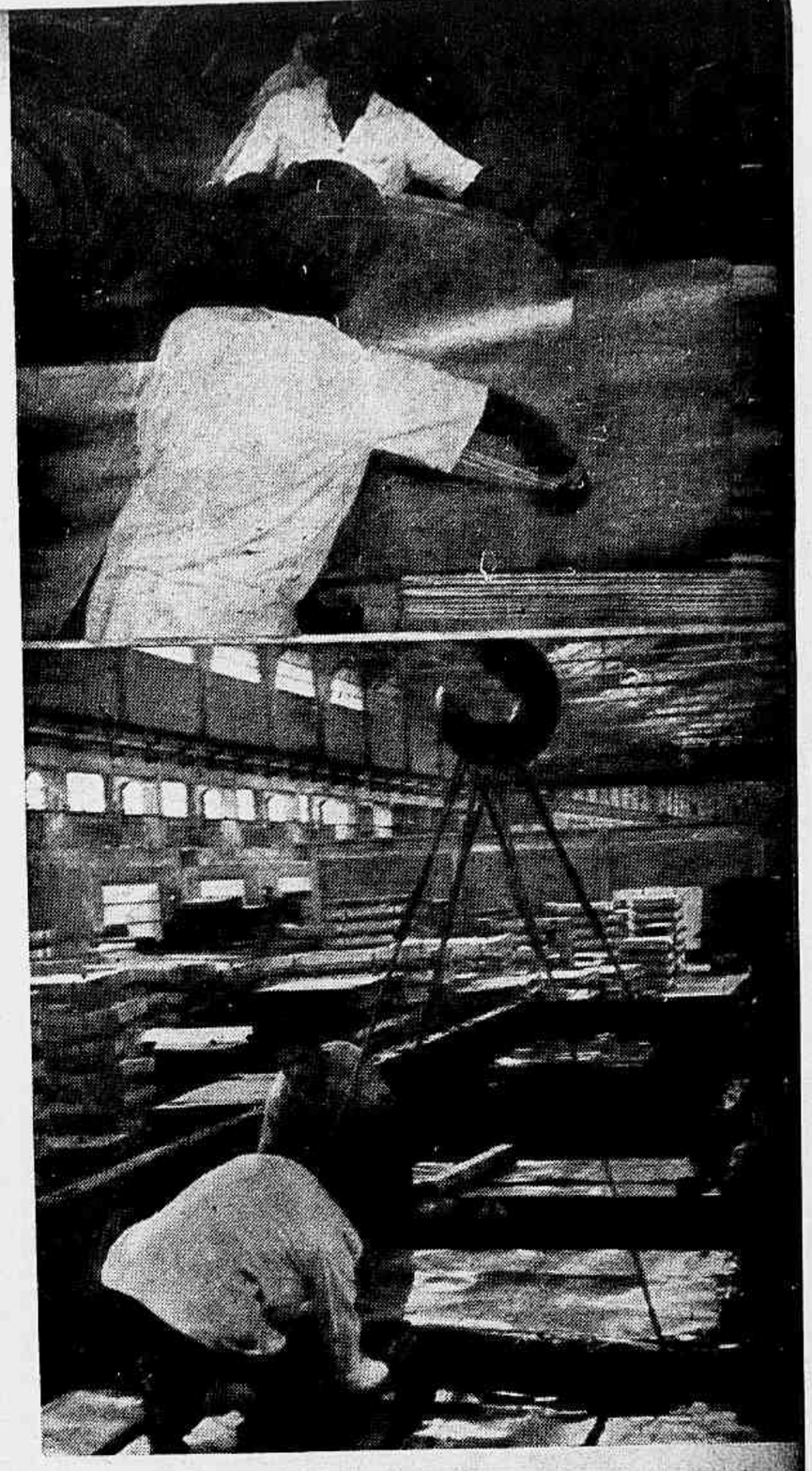
As enormes panelas de ferro, terminadas as operações da corrida de aço, são colocadas acima das lingoteiras que, por sua vez, depois de cheias, são conduzidas ao lugar em que os guindastes das pontes rolantes delas retiram os lingotes e os transportam para os fornos de reaquecimento, onde aguardam o momento de entrar nos laminadores, conforme nos mostram estas fotos

tinta, própria, moderna e singular. As casas dos operários, bem construídas, dominando elevações, completam o panorâma urbano de Volta Redonda, com uma sugestão de presépio. Não lhe faltam as coisas essenciais à vida de uma cidade moderna: tem os seus grandes hoteis, onde se hospedam os turistas que alí vão, atraidos pela fama de Volta Redonda; tem suas grandes casas comerciais, sem faltar as lojas populares, de cinco e dez cruzeiros; tem sua igrejinha, que é um verdadeiro primor arquitetônico; tem o seu cinema, onde todos podem ver os artistas de que são «fãs» depois de um dia de trabalho exaustivo; tem como tôdas as cidades, também, seu corpo de bombeiros e seus problemas de locomoção, resolvidos por meio de ônibus, caminhões, automóveis e, sobretudo, por bicicletas. Á saída dos operários do trabalho, movimentam-se nas ruas de Volta Redonda centenas e centenas de bicicletas, — e a jovem cidade industrial fluminense lembra um trecho da Holanda ou das Bermudas, cujas populações têm especial predileção pelo ciclismo.

Planejada com máximo cuidado e apuro, Volta Redonda, segundo o projeto inicial, devia conter 3.700 residências. Destas, já estão prontas e habitadas nada menos de 2.841, restando a concluir do programa estabelecido apenas 859. Criando aos seus moradores condições favoráveis de vida, alí existem um Centro de Saúde, dois grupos es-

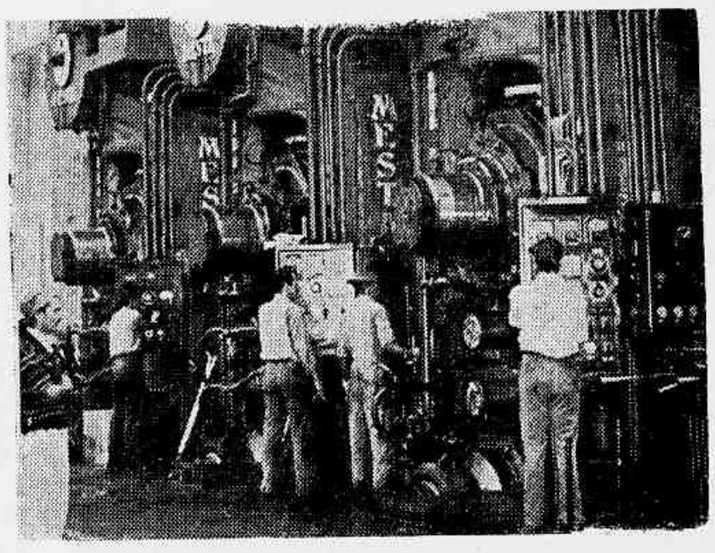


Aqui se vê um lingote já transformado em chapa grossa, passando pelos cilindros do laminador de chapas grossas a quente

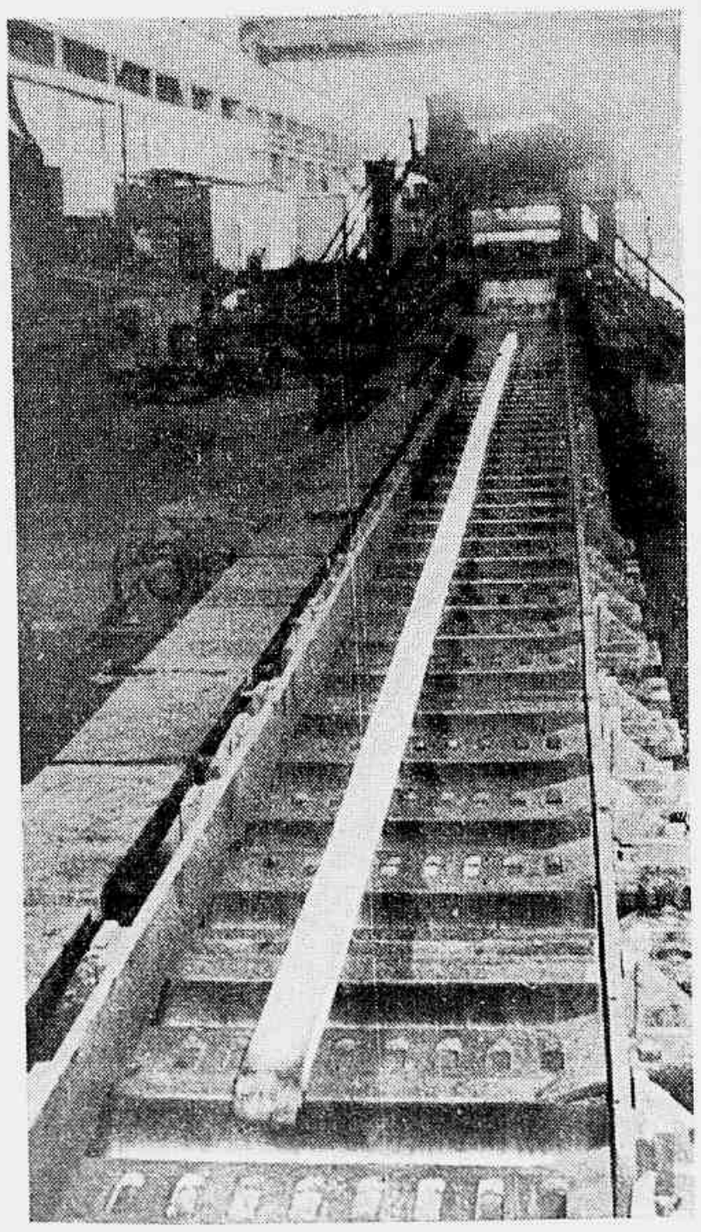


Chapas galvanizadas são preparadas para embarque. Noutra dependência desta seção são corrugadas as chapas chamadas folhas de zinco. O trabalho aqui é, como nas demais seções, incessante e produtivo, e êstes aspectos confirmam o que estamos dizendo

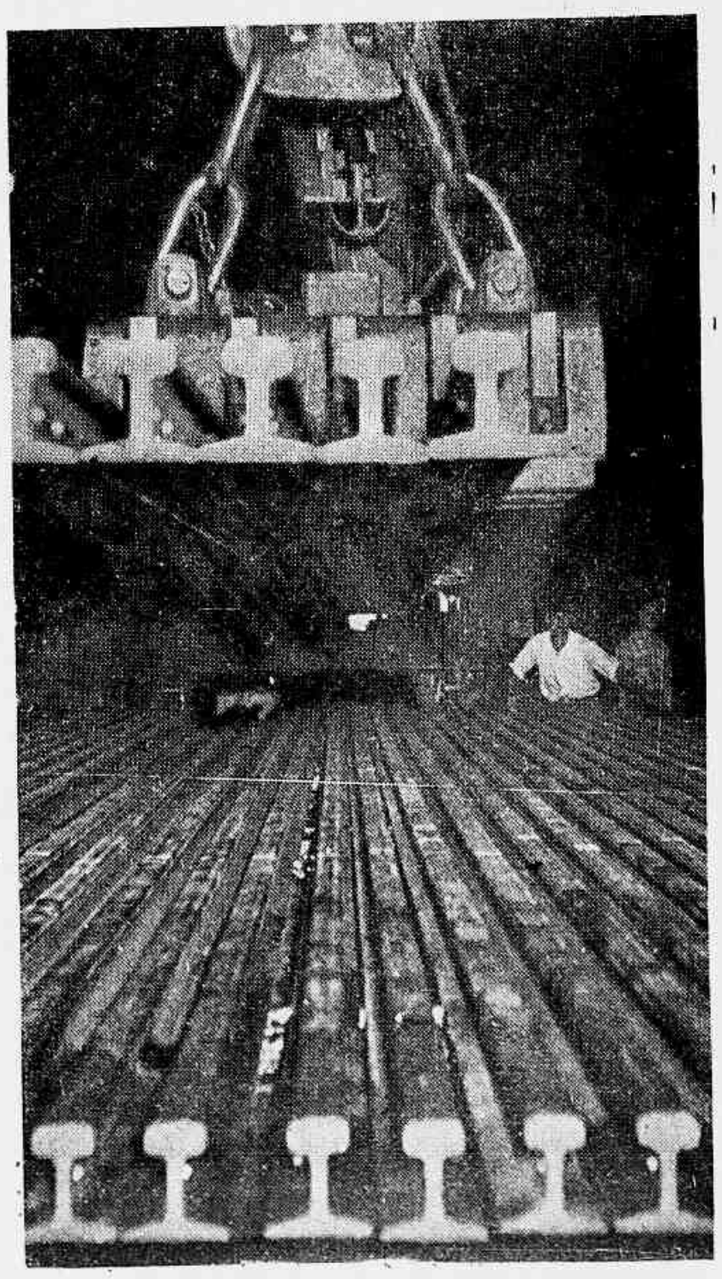
Um lingote de aço é pesado ao sair do fôrno de reaquecimento, de alta temperatura, passando a seguir, para o laminador desbastador



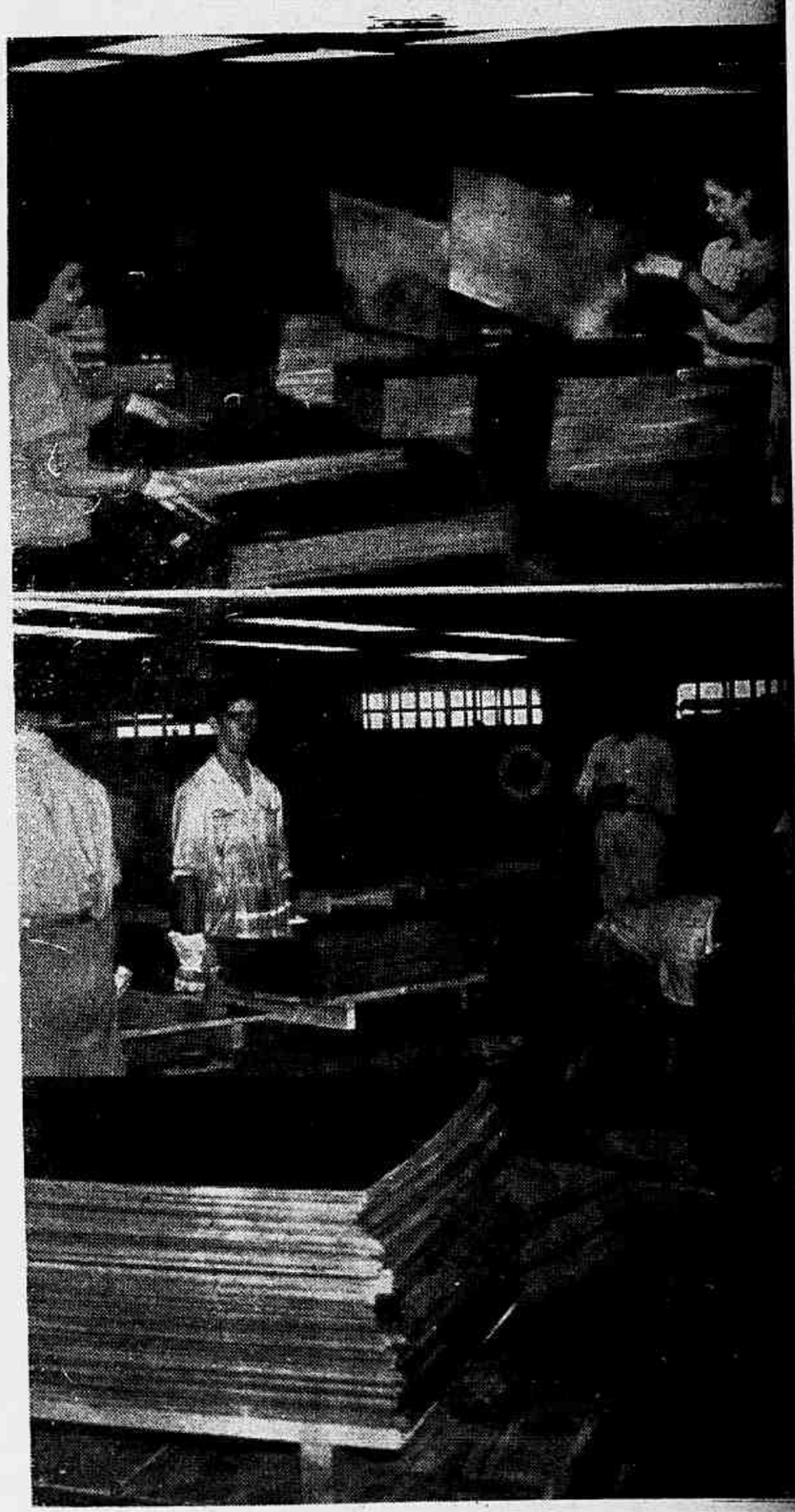
Esta fotografia mostra o funcionamento do laminador de chapas finas a frio. As chapas finas, à medida que saem do laminador, vão sendo enroladas e pasadas!



Esta foto mostra um lingote passando pelo laminador de trilhos, cujos cilindros vão lhe dando a forma característica



Eis aqui a magnífica realidade! Trilhos aos milhares saem diàriamente dos laminadores da Usina e são encaminhados às nossa ferrovias Nêste flagrante mostramos os gigantescos electro-imans transportando de uma só vez seis trilos já prontos para a seção competente



Eis a importante seção em que se conclui a fabricação das folhas de Flandres. Homens e mulheres trabalham febrilmente na seleção e no acondicionamento dessas folhas, que representam papel de extraordinária importância no cenário econômico do país. E' a única seção da Usina em que trabalham pessoas do sexo feminino

Uma das magnificas ruas do Alto Laranjal, lindo bairro construido para residência dos engenheiros e funcionários graduados da Companhia Siderúrgica Nacional

Escola Profissional, com curso técnico de comércio

Um aspecto da movimentada rua central do bairro de Santa Cecília, conhecido por bairro operário, pelo qual se vê o carinho que a Companhia Siderúrgica Nacional vem dispensando aos assuntos urbanisticos da cidade de Volta Redonda

Outro aspecto do encantador bairro do Alto Laranjal

colares denominados "Trajano de Medeiros" e "Barão de Mauá", uma Escola de Instrução Militar, uma Escola Profissional e de Comércio, um pôsto meteorologico, o Ginásio "Macedo Soares", os hoteis Bela Vista e Brasil, além de doze hoteis para solteiros. O hospital da cidade está sendo construido, estando as obras bastante adiantadas. Presentemente, a população de Volta Redonda é de 25.000 habitantes. Dêsses, 8.500 são empregados da Companhia Siderúrgica, sendo os demais seus dependentes ou pessoas que exercem profissão em casas comerciais ou outras atividades de caráter privado. Volta Redonda é a maior e a mais promissora das pequenas grandes cidades do Brasil. Ali pulsa em ritmo acelerado o coração da nossa indústria pesada, a gigantesca usina siderúrgica que é um monumento da nossa capacidade realizadora e um dos marcos da nossa emancipação econômica.

A monumental Usina de Volta Redonda, que inaugurou no país a grande Siderurgia, e que representa o primeiro passo decisivo da nossa indústria pesada, é bem um símbolo da potencialidade econômica e da grandeza do Brasil. Nela como que se vê refletida a imagem soberba da

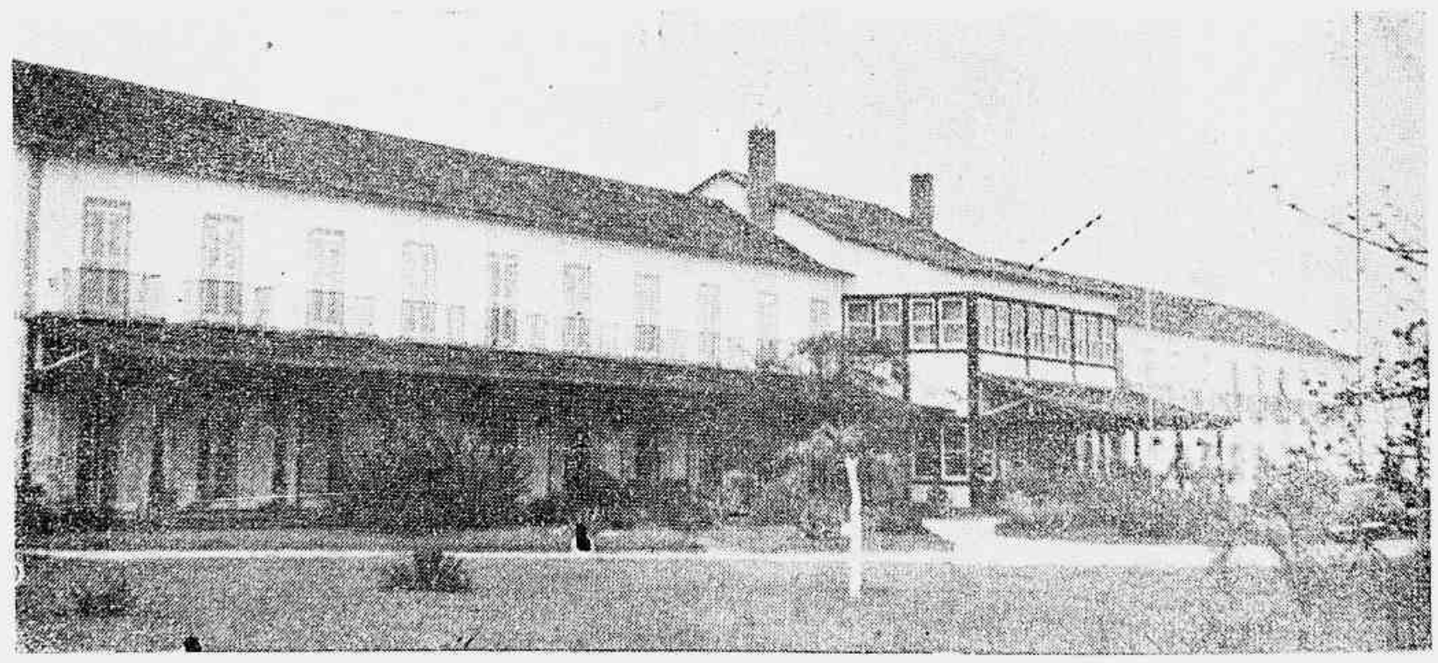
Lara e [illegible] matérias primas [illegible] o carvão os minérios de ferro e manganês. Fabrica o aço puro que se transforma em Chapas, Perfis, Trilhos, Folhas Galvanizadas e de Flandres, que lhe garantem a liberdade e a prosperidade econômicas. E para que os leitores tenham uma idéia perfeita do funcionamento da Usina e sua produção, publicamos adiante os principais trechos de um folheto mandado organizar pelo C. S. N. com o objetivo de facilitar ao povo brasileiro o conhecimento do trabalho gigante-co que se processa dia e noite em tôdas as dependencias da Usina Siderúrgica Nacional, cuja instalação operou o milagre do renascimento da cidade de Volta Redonda, que é hoje um atestado da capacidade dos nossos técnicos, e será no futuro uma demonstração da pujança e da independencia econômicas do Brasil.

COQUERIA

A fábrica de coque, ou Coqueria, é uma bateria de 55 células, projetada pela Koppers Company, com capacidade máxima de 1.500 toneladas de carvão por dia; a distilação do carvão é feita com inteiro aproveitamento dos sub-produtos que são extraidos do gás e processados na Usina de Benzol e na Usina de Alcatrão. O produto principal da Coqueria é o coque, resíduo sólido da distilação do carvão, que alimenta o Alto Fôrno, servindo como agente térmico e redutor do minério. As matérias voláteis do carvão formam o gás dos fórnos de coque que é o principal combustivel da Usina, cuja economia térmica é inicíramente baseada neste combustivel e no gás de alto fôrno. Antes de ser enviado ao Gasômetro para consumo, o gás é tratado, extraindo-se do mesmo os óleos leves, o alcatrão e o amônio, sob a forma de sulfato.

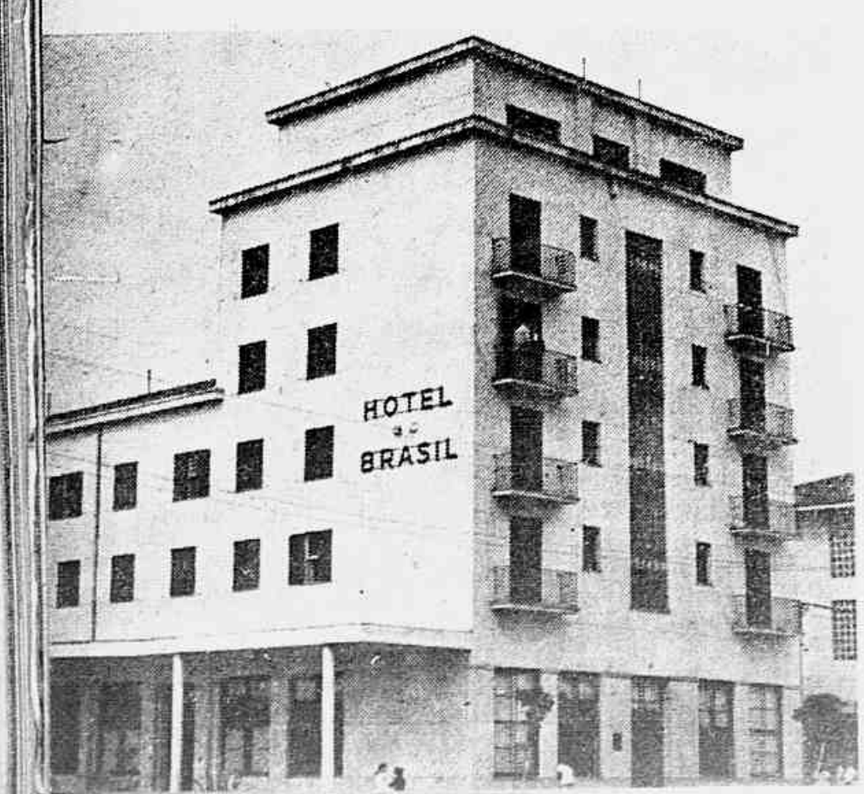
Os óleos leves são tratados na Usina de Benzol e dele retiram-se diversos produtos puros de

Uma visão distante do bairro "Monte Castelo" que está sendo construido, com todos os requisitos modernos de confôrto e higiene, para residências de operários de pequenos recursos



Fachada principal do Hotel Bela Vista, cujo aparelhamento, confôrto e demais serviços rivalizam com os dos mais modernos e luxuosos hotéis do Brasil

Um detalhe do grande e moderno Hotel Brasil, situado no bairro de Santa Cecília, que funciona sob arrendamento, e onde os hóspedes são tratados com especiais cuidados



Neste belo edifício funciona um grupo escolar durante o dia, e, à noite, o Ginásio Macedo Soares

variadas aplicações: benzol, combustível para motor, toluol, xilóis, nafta solvente, etc.

O alcatrão é levado à Usina de Alcatrão retirando-se do mesmo diversos óleos (óleo creosotado, óleo naftaleno, óleos desinfetantes, etc.), nafta bruta etc. O alcatrão bruto é usado como combustível auxiliar, sendo também destinado até a consistência necessária para aplicação em revestimento de estradas (alcatrão para pavimentação), tinta, etc.; os resíduos mais pesados formam o pixe.

EM CIMA, à esquerda — Um dos caminhões gigantes da U. S. N. transportando operários tarefeiros para as suas residências, após o trabalho. À DIREITA — Numeroso grupo de operários do primeiro turno, que regressam aos seus lares em bicicletas. A usina trabalha com três turnos de 8 horas, o que vale dizer que as corridas de coque, ferro guza e aço se processam dia e noite, ininterruptamente. EM BAIXO, à esquerda — A cidade e a usina dispõem de um pequeno corpo de bombeiros dotado de moderno aparelhamento. Êste flagrante colheu dois carros completamente equipados contra incêndios, ao deixarem o quartel, nas proximidades da usina. À DIREITA — Um carro choque da Polícia Especial mantida pela U. S. N. para cooperar com a fôrça policial local no policiamento da cidade e da Usina

ALTO-FÔRNO

No Alto-Fôrno faz-se a redução do minério a ferro metálico, chamado ferro-guza ou ferro fundido de 1ª fusão. O Alto-Fôrno de Volta Redonda é uma grande unidade de 1.000 toneladas de capacidade diária, de projeto «standard» norte-americana (Arthur G. Mc Kee Company). Além do coque e do minério, carrega-se no fôrno fundentes (calcáreo, dolomita e quartzito), para formação da escória conveniente.

O minério de ferro utilizado em Volta Redonda provem quase todo das minas da C.S.N. em Lafayete, no Estado de Minas Gerais, a 390 km de Volta Redonda, para onde é transportado pela E. F. C. B. em vagões próprios para minério, de 70 ton. de capacidade, também de propriedade da Companhia; o calcáreo e a dolomita provêm de Minas Gerais, sendo adquiridos de diversas localidades num raio de 250 km da Usina. A quantidade de materiais consumidos diariamente para a carga do fôrno é enorme; para a produção de 500 ton. diárias de guza (meia capacidade) as cifras médias são as seguintes:

520 ton. de coque (equivalente a 800 ton. de carvão)

760 ton. de minério

350 ton. de fundentes

1.862 ton. de ar (equivalente a 1.000 m3/minuto)

A escória líquida, obtida em 24 horas, ascende a 330 toneladas.

O guza é, via de regra, enviado nas panelas, em estado líquido, para a Aciaria; pode ser também lingotado, o que é feito, nesta Usina, à máquina, em vez de ser no clássico leito de areia, obtendo-se assim maior produção e um produto mais limpo.

ACIARIA

Na Aciaria o ferro guza líquido proveniente do Alto-Fôrno, de mistura com sucata, ferro guza sólido, minério de ferro e fundentes, é transformado em aço por um processo de oxidação das suas impurezas, processo êsse que é levado a efeito em fornos a gás, do tipo Siemens-Martin. A Aciaria está equipada com três dêstes fornos, um basculante e dois fixos; sua capacidade é de 160 ton. por corrida, fazendo cada fôrno duas corridas por dia; levando em conta o tempo consumido para reparações na alvenaria refractária etc., a capacidade anual da Aciaria é de 270.000 ton. O projeto foi da Freyn Engineering Company tendo os fornos sido desenhados pela Open Hearth Combustion.

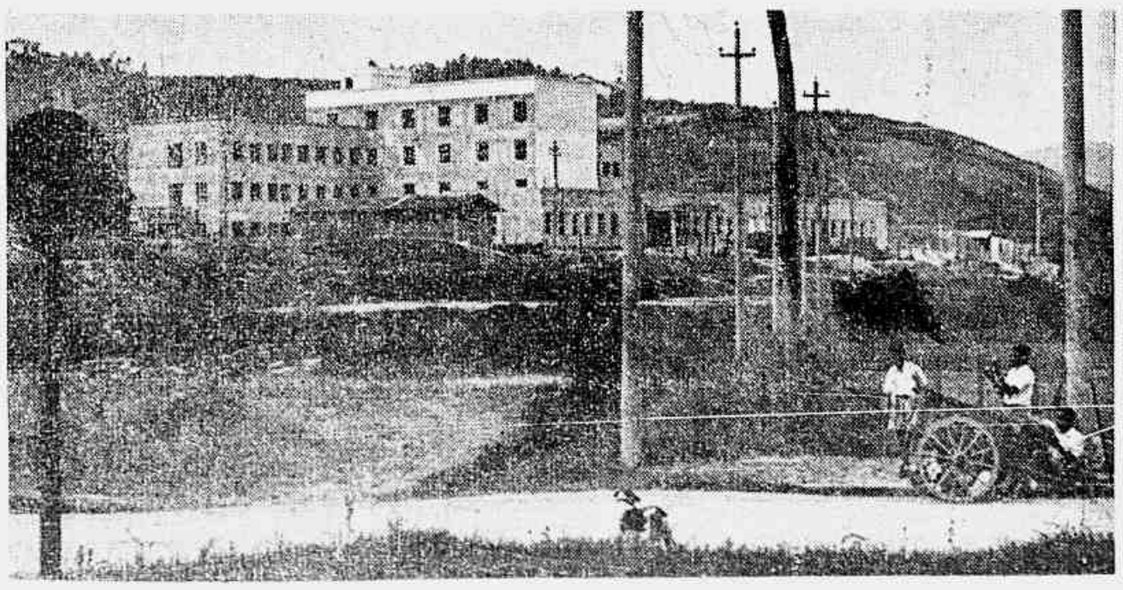
Com o tipo de fornos com que está equipada, de soleira básica, a Aciaria pode fabricar todos os tipos de aço ao carbono, desde os de mais baixo teor aos áços de alto carbono, bem como tôda a gama de aços especiais, em liga de manganês, níquel, cromo, molibdênio, etc.

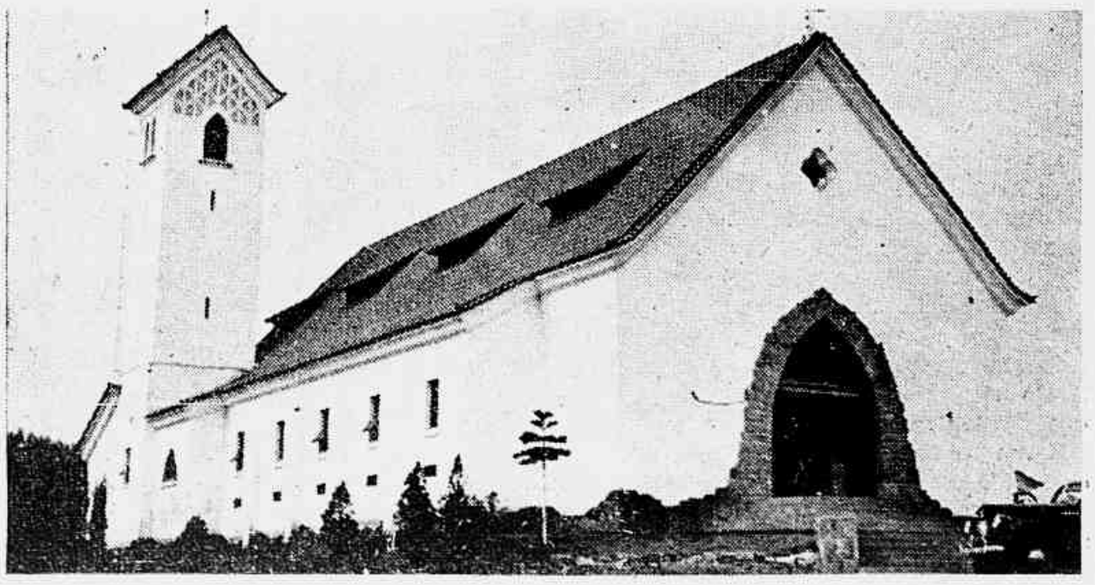
LAMINAÇÃO

Nesta grande seção da Usina o metal é, finalmente, levado à forma com a qual é apresentado ao mercado, por meio do trabalho de deformação a quente ou a frio, nos laminadores. O aço em lingote, produzido na Aciaria, é levado para a Laminação, ainda nas lingoteiras (molde de ferro onde se forma o lingote); aí, na área do Estripador, são retiradas as lingoteiras e o aço, já sólido, é carregado nos Fornos Poços, cuja finalidade é igualar as temperaturas externa e interna do lingote e levar a sua massa a uma temperatura conveniente para a laminação (cêrca de 1000°C). Dos Fornos Poços passa o lingote ao laminador Desbastador, por onde se inicia o trabalho de laminação.

Neste importante setor de trabalho da Usina se encontram em constante funcionamento o Laminador Desbastador, os de Chapas Grossas e Finas a Quente e o de Chapas Finas a Frio, sendo que deste último sai o aço que se transforma em Fôlhas Galvanizadas e de Flandres.

D.V.





À ESQUERDA — O majestoso edifício em construção do futuro Hospital da cidade, de Clínica Geral, Cirurgia, Maternidade e Pronto Socorro. À DIREITA — A igreja rural, cujas linhas arquitetônicas casam-se perfeitamente com o moderno traçado de urbanização da pequena grande cidade

A VIDA DE DEBUSSY

(CLAUDE ACHILLE DEBUSSY — 1862 - 1918)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

ERA, aos sete anos, um sujeitinho reservado, quieto, meditativo, que nunca brincava com as outras crianças. Aos quatorze, um rapaz que já ganhava a própria subsistência dando lições de piano. Aos vinte, um velho cínico, enojado do mundo dos homens e principalmente preocupado com o mundo da música.

Nunca tivera infância, nem estudos regulares. Sua mãe pouco se incomodava com os filhos; e o pai, dono de uma loja de louças de barro em Saint-Germain-en-Laye, vivia muito atarefado com a terracota para se ocupar dos negócios humanos da família. Afortunadamente, porém, uma de suas tias paternas adorava Claude-Achille. Tomou-o sob sua proteção, ensinou-lhe as primeiras letras e as primeiras notas e matriculou-o, aos onze anos de idade, no Conservatório.

A sua matrícula no Conservatório foi como uma sentença de trabalhos forçados. O pai, lobrigando visões de riquezas no talento do filho, explorou-o quanto pôde. Tanto que Claude principiou a ganhar dinheiro foi obrigado a entregar aos pais até o último centavo. Um belo dia, surpreendeu-o a mãe a comer um bolo numa pastelaria. Arrastou-o para casa, onde o pai lhe administrou vigorosa tunda pela extravagância.

Vendida a loja de louças de barro, mudou-se o pai para Paris, onde conseguiu emprêgo na Compagnie Fives-Lille. O filho desiludira-o, pois, afinal de contas, não se lhe convertera o talento na esperada mina de ouro. Claude-Achille era perverso de mais. Não se incomodava com os professores. Todas as noites, ao retornar a casa, era mimoseado com um murro no ouvido, pois já alimentava idéias heterodoxas a respeito da música — defeito fatal para quem se esperava que buscasse a popularidade e o bom êxito financeiro. O menino não ganhava dinheiro suficiente com as aulas que dava. Era mais um encargo do que um auxílio para os pais. Seria bom que alguém se dispusesse a tomar conta dele.

E êsse alguém apareceu. Madame Nadyezhda von Meck interessara-se pelo jovem músico. Convidou-o a ir para Moscou, o que constituiu grande alívio para os pais e passo importante no desenvolvimento do gênio do rapaz, permitindo-lhe acostumar o ouvido à música pouco familiar dos russos, Balakirev, Rimsky-Korsakov, Tchaikovsky, Borodin. À noite, distraía a dona da casa e os convivas com a sua execução, e durante o dia estudava as possibilidades da "nova" música. Nova música, novos efeitos. Harmonias orientais. Interessou-se pela escala grega com os seus seis tons fundamentais e pelas modulações esquisitas da escala chinesa. Rico material para a construção de novos edifícios de música. Tôrres enfeitadas de arabescos de desenho delicado. Palácios encantados de sons sem precedentes.

Fazia experiências com essas estranhas combinações de sons, ao passo que viajava com a sua benfeitora de um país a outro. Chegado a Paris, apresentou uma dessas composições "revolucionárias" ao candidatar-se ao Prix de Rome.

Não alimentava grandes esperanças no tocante às suas possibilidades de alcançar o prêmio, pois não sentia respeito aos juízes. "Quem são, afinal, êsses juízes?", escreveu êle. "Que sabem a respeito de arte? Terão, acaso, a certeza de serem êles próprios artistas? De onde deriva, então, o seu direito de conduzir a barca misteriosa do gênio? Por que científicos padrões podem medir os méritos relativos das várias composições apresentadas no certame? Tenho para mim que seriam mais prudentes se entregassem à sorte o cuidado de indicar o vencedor...".

Ficou, por conseguinte, extremamente surpreendido ao saber que granjeara a bolsa de estudos. Surpreendido mas não ensoberbecido, uma vez que o reconhecimento do triunfo era, para êle, uma indicação de fracasso. "Temo que o meu trabalho haja sido demasiadamente convencional", observou. De mais a mais, não morria por embarcar para a Itália naquela ocasião. Apaixonara-se por madame Vasnier, a jovem e bela espôsa de um arquiteto velho e rico. A família e os amigos, entretanto, instaram com êle que aceitasse a bolsa de estudos. Era uma oportunidade demasiado boa para ser desprezada. Com relutância, Claude-Achille partiu para Roma.

Os seus estudos "forçados" na Cidade Eterna eram-lhe extremamente desagradáveis. Escreveu repetidamente a madame Vasnier, que desejava desistir da bolsa e voltar para casa. Monsieur Vasnier, entretanto, com uma solicitude que era um pouco mais do que paternal, continuou a aconselhá-lo a permanecer na Itália e a atender estritamente aos estudos.

Debussy, todavia, não os completou em Villa Medicis, pois retornou a Paris antes de esgotados os três anos. Em seu regresso submeteu à apreciação do Conservatório as duas peças que fôra obrigado a compor como prêmio escolar em Villa Medicis. Os juízes examinaram essas peças e acharam-nas "indignas de um homem de talento".

Debussy exultou. "Graças a Dens", disse êle, "consegui, finalmente, escrever alguma coisa original!".

II

Era agora um jovem taciturno de vinte e dois anos — traços afilados, olhar penetrante, cabelos negros e ondulados que conseguia pentear direito pela manhã mas que, com o correr do dia, se transformavam numa juba rebelde, mãos ossudas e fortes, dedos que sabiam golpear o teclado como outros tantos martelos ou afagá-lo com carícias de pluma — um anarquista rixoso, um delicioso sonhador. Irrequieto, andava de um lado para outro do quarto enquanto compunha, um tôco de cigarro na bôca, música rebelde no coração. Êle revolucionaria o mundo dos sons. "Nunca encerrarei as minhas idéias musicais nos edifícios dos velhos modelos", dizia. "Dar-lhes-ei espaço, liberdade, vida!".

Pouco se lhe dava a opinião pública. "Umas poucas pessoas apreciarão as minhas obras. E quanto ao resto, **ça m'est égal**, não me importa o que possam pensar".

Trabalhava, porém, aturadamente para os poucos que poderiam apreciá-lo. "Faço o meu piano trabalhar tanto que êle transpira como um sêr humano". Porfiava sempre em arrancar-lhe a cadência nova, a estranha sequência de côres, a combinação sutil de sons, os ecos de vozes encantadas vindas de mundos desconhecidos.

Sem embargo, os seus ouvidos ouviam também as vozes do mundo em que êle vivia. Inconscientemente a voz de sereia do amor. Enfastiara-se de madame Vasnier. Deixou-a pelos feitiços mais jovens e mais acessíveis de Gabrielle Dupont, "Gaby, a dos Olhos Verdes". Mas em breve abandonou Gaby pela ainda mais sedutora Rosalie Texier. Tinham lido juntos, Rosalie e êle, **Pelléas et Mélisande**, de Maeterlinck — a fantasiosa história da princesa que vera de muito longe em busca da felicidade. Fecharam o livro e quedaram em silêncio por algum tempo. Fitando depois os olhos nos olhos de um azul violáceo de Rosalie, murmurou Debussy: "Sabe, **ma petite princesse?** Você é Mélisande".

"E encontrarei a felicidade?"

"Encontrará, se me deixar ajudá-la."

Ela tocou levemente a mão dele, apoiada sôbre o livro fechado. "Acho que já a encontrei".

Eram ambos adeptos do amor livre e livres-pensadores. Insistiram, contudo, as suas famílias sôbre a formalidade de um casamento legal, e os dois jovens cederam.

E agora que se casara, precisava pensar seriamente num meio de vida. Aconselharam-lhe os amigos que esquecesse a "loucura revolucionária" e procurasse granjear publicidade como músico "sensato". "Por que não escreve música simples?", instavam êles. "Como Massenet, por exemplo".

— Sinto muito, — replicava Debussy, — mas acho muito difícil escrever música simples.

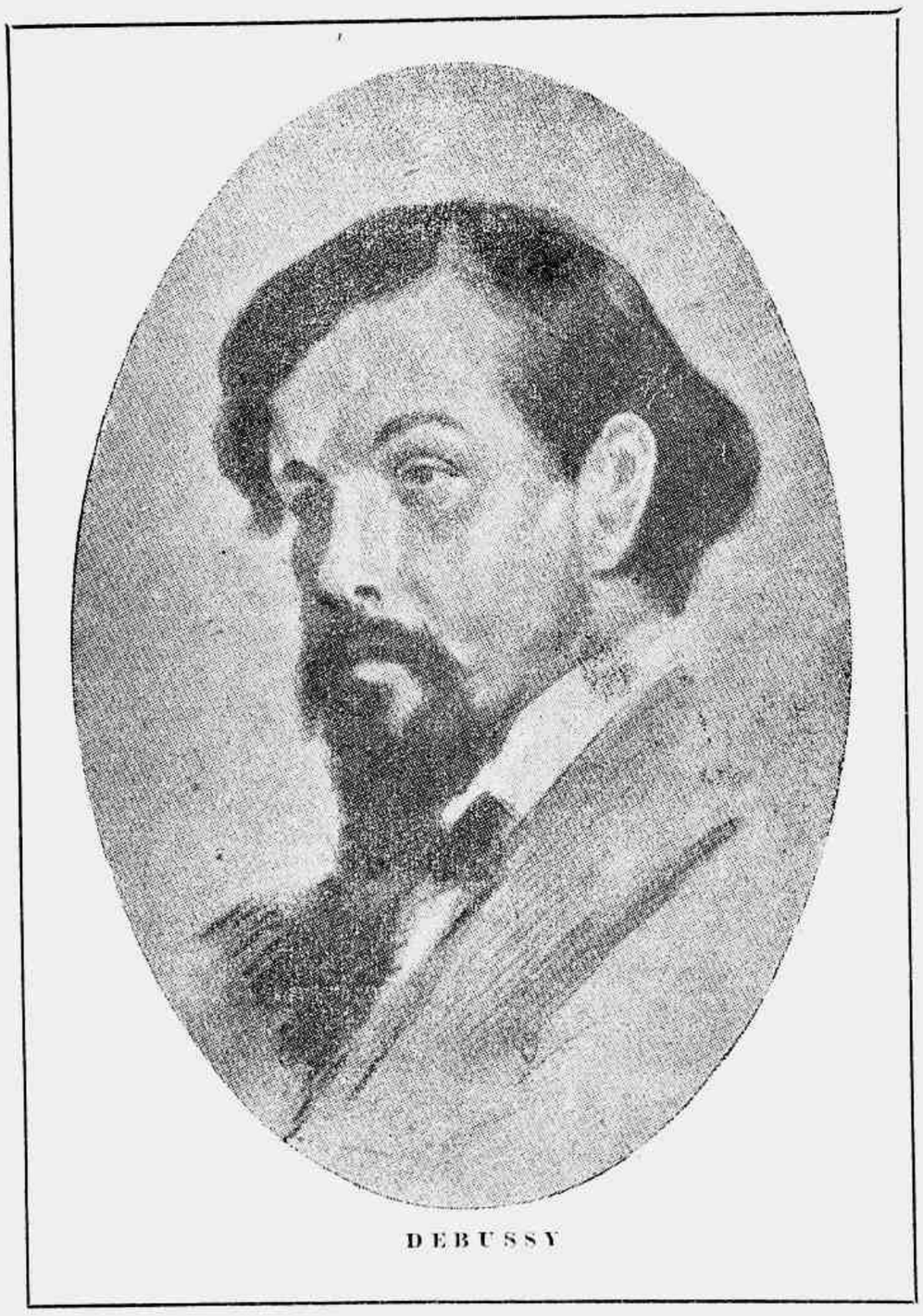
Como não lograsse encontrar quem lhe publicasse as composições, era obrigado a contentar-se com dar lições de piano para prover ao próprio sustento. Todavia, embora dotado de superabundante habilidade, padecia de falta de paciência. Desprezava a estupidez dos alunos, ao passo que os alunos desprezavam a aridez do mestre.

Aborrecia a necessidade de roubar tantas horas às realidades dos seus sonhos para dedicar às inanidades da existência. O seu verdadeiro trabalho principiava ao escurecer, terminadas as aulas. Sentava-se então à mesa do "primeiro almôço" — às cinco ou seis horas da tarde — e após breve repouso mergulhava na composição noturna.

Foi assim que escreveu a música de **Pelléas et Mélisande**. A espôsa era a sua inspiração constante. Sem a presença dela em casa, êle era incapaz de trabalhar. Andando de uma sala para outra "como um urso numa jaula", centarolava horas a fio uma melodia até registrá-la, por fim, no espírito. Escrevia-a, então, rapidamente e reencetava a marcha interminável. Os seus pensamentos, como os seus hábitos, eram irregulares. Não seguiu nenhum plano ordenado na composição dessa ópera. O quarto ato, por exemplo, foi escrito antes de ter sido iniciado o primeiro. Assentava todas as outras partes de maneira confusa, cedendo sempre à inspiração do momento.

Quando queria distrair-se procurava o seu antro favorito, o Café Weber, onde tomava um ou dois copos de vinho, de acôrdo com a quantia que trazia no bolso. Quase sempre tomava um só.

Os seus verdadeiros prazeres, no entanto, tinha-os nos sábados à noite, quando os velhos e queridos amigos se reuniam em sua casa. Verlaine, Lalo, Chausson, Régnier, Mallarmé, Pierre Luois, Toulet — músicos, poetas, romancistas que odiavam o velho e admiravam o novo, discípulos incondicionais, todos êles, do impressionismo musical de Debussy. E Debussy, por seu turno, assentava-se-lhes aos pés como discípulo humilde do credo intelectual deles. Ansiava compensar os estudos que não fizera. Quando tinha alguns instantes de folga, lia — o dicionário! — As derivações e definições do dicionário — dizia êle, — contêm mais poesia, mais filosofia, mais história do que qualquer outro livro que conheço.



DEBUSSY

Tornara-se perito no sutil matizar das palavras, assim como era perito na matização sutil dos sons. Verificou, surpreso, que era capaz de escrever tão bem como compunha. Entrou a vender os seus artigos sôbre música às diversas revistas — passatempo que achava mais agradável e, não raro, mais proveitoso que o ofício de ensinar piano. Adestrou-se na crítica epigramática. Com uma simples frase era capaz de traspassar um compositor como borboleta num alfinete. Manifestou o seu desprêzo à "música de passo de ganso e elmo de ferro de Wagner". Comparou Massenet a um fabricante de perfume. "Tem um cheiro agradável, mas é artificial". E queixava-se de que a música americana era excessivamente mecânica. "Ponde uma criança numa máquina e, cinco minutos depois, tereis um musicista".

O seu desprêzo aos outros, entretanto, era contrabalançado pela sua modéstia em relação a si mesmo. Raramente falava da própria música. Nunca se considerou um grande homem. Foi genuína a sua surpresa ao receber a cruz da Legião de Honra. Aceitou-a apenas porque "ela dará prazer a meus pais". Certa vez foi aclamado numa revista francesa "o grande inovador musical". Quando lhe chamaram a atenção para êsse tributo, advertiu, sorrindo, que êle era de todo indigno dessa honra. "Não tenho feito outra coisa senão realizar experimentos a fim de satisfazer o meu gôsto pelo inexpressível".

Não padecia, porém, de humildade excessiva nem de inveja mesquinha. O menosprêzo das próprias obras e a crítica das obras dos outros compositores era o resultado de um julgamento honesto. Estava sempre pronto a reconhecer o mérito quando o encontrava. Era justo até para com aquêles que não apreciava. Embora não tolerasse a arrogância de Wagner, "os acordes **fortissimo** das trombetas... os gritos bestiais de Tristão... a grandiloquência inumana de Woltan... o esbravejar e o mugir da música que parece berrar constantemente: "Eu sou o maior dos compositores!" sintetizou a sua estima pelas obras de Wagner numa sentença que é tão incisiva quanto justa: "Se Wagner tivesse sido mais humano, teria sido realmente divino".

III

Dois anos após o início do século XX principiou um novo século musical, pois foi apresentada, nessa ocasião, **Pelléas et Mélisande**. Era essa ópera um divórcio completo das tradições do passado. Não tinha efeitos melodramáticos, nem artificiosas mudanças

(Continua na pág. 55)

VIDA LITERÁRIA

Por HERMAN LIMA

MEMÓRIAS

As memórias, como as biografias, são a literatura da meia idade. Para quem as escreve e para o leitor. Eu sei de mim que até há poucos anos êsse gênero literário não era absolutamente do meu interêsse, preferindo-lhe sempre a ficção, o romance e acima de tudo, por ter sido sempre da minha mais decisiva predileção, os contos: contos de Maupassant, lidos e relidos um sem número de vêzes, contos de Fialho e do Eça, de Blasco Ibañez e de Edgar Poe, de Villiers de l'Isle Adam e de Javier de Viana, de tôdas as classes e procedências, até o descobrimento dum Anton Tchecov e duma Katherine Mansfield, dum lado e dum Ribeiro Couto e dum Antônio de Alcantara Machado, de outro e, entre os primeiros, ainda, porque foi por êles, gosto de confessar singelamente, que aprendi a contar também as histórias das minhas praias e das minhas várzeas, os contos cearenses de Gustavo Barroso, aparecidos aí por volta de 1912 nas edições de natal do "Fon-Fon" e reunidos depois no livro justamente daquele título: "Praias e várzeas". Ninguém me falara ainda mais intensamente das belezas das dunas de Mucuripe, do cicio das palmas do carnaubal, do tumulto dos nossos mares, das intrigas e dos amores sertanejos, da graça e dos amavios das caboclas da minha terra. Lendo aquela saga de humildes criaturas, desprendidas e animosas, era, de par com as suas vidas simples, tôda a loucura daquele sol eternamente fuzilante das praias do Meireles, aquela imensidão de savana russa das várzeas do Icó e de Aracati, o ribombo das ondas verdes que embalava e povoava de sonhos de maravilhosas viagens meu sono de menino e de adolescente, que eu ia devassando, linha a linha, naquela dezena de histórias tão nossas e particularmente tão minhas. Os anos correram, naturalmente, outras paisagens literárias se abriram aos meus olhos, outros caminhos correram paralelos, mas a memória dos vinte anos ficou fiel àquelas letras amigas, tão belas e tão claras, tão cheias de alma, — até que agora, passados trinta anos, tudo aquilo me volta de novo, não mais nas páginas do velho livro da Livraria Alves, que me tem acompanhado sempre onde quer que eu vá, com outros poucos do mesmo apreço, mas nos três volumes de memórias do mesmo Gustavo Barroso, "Coração de menino", "Liceu do Ceará" e "Consulado da China", aparecidos quando eu andava justamente longe do Brasil e que somente há pouco tive ocasião de ler. O que era então anseio informe de criação literária, virou nesta outra fase da vida, já no declive, condão de reminiscência dorida, regresso aos sítios natais, pela transfiguração da saudade, à palavra do amigo que os traz de novo, inteirinhos, para o meu coração. E' assim que êsses livros, que não tiveram — o que é injustiça clamorosa, a acolhida que lhes é devida, pelo grave conteúdo humano e pela serena beleza de tantas páginas de evocação, de recriação histórica dum curioso e turbulento período da vida cearense e de conceituação dos homens e das coisas, encontro e revejo tantas figuras e tipos e fatos da minha infância e dos meus tempos de rapaz, na quietude da minha cidadezinha provinciana, como o Chagas dos carneiros, o bispo D. Xisto Albano, o velho João Brígido, o oitizeiro do Rosário, os pastoris e os congos, uns mal entrevistos num canto de rua, outros bolindo sempre com a minha lembrança, e também os areiais do Outeiro, com as moitas de mofumbo e guabiraba, os banhos de mar na praia de Iracema, as aventuras de estudantes do Liceu a que fui tôda a vida arredio, as retretas do Passeio Público e da Praça do Patrocínio. Mas, há, sobretudo, uma criatura que não conheci e é tão grande, no comovido perfil que dele nos dá o escritor cearense, que bastaria para sagrar-lhe tôda essa crônica: o velho Macaíba, Hermelino Sobral Macaíba, funcionário aposentado e antigo vereador da Câmara Municipal de Fortaleza. Que fez o velho Macaíba, de tão extraordinário? "Recebeu do seu amigo, coronel Pedro Barroso, do Curu, um pedido para lhe comprar e guardar um bilhete do grande prêmio da Loteria Federal. Comprou-o, juntamente com outro, para si, na agência do Guilherme Rocha. Meteu-os numa gaveta em envelopes separados. A loteria correu. Saiu premiado com quinhentos contos, veja-se bem — quinhentos contos! o bilhete que reservara para o seu amigo. O dele estava branco. Escreveu-lhe logo, dando a alvissareira notícia e lhe entregou o bilhete, quando o coronel Pedro Barroso mandou o coronel Anastacio Braga receber o prêmio no Rio de Janeiro. Pobre, como Job, quinhentos contos, uma imensa fortuna naquele tempo! não o tentaram. Não havia uma testemunha humana da compra, não havia um documento que identificasse o bilhete e êle, com sacrifício, comprara outro, o branco. E' que o velho Macaíba vivia nesta vida na presença de Deus e sabia que Deus tudo sabe e tudo vê". Só isso, mas, seguramente, êsse doce velhinho redime de muita miséria e infamia a nossa época. E vale, no seu sacrifício branco, por um "panache" da raça, humilde criatura da minha terra, para quem se volta, nesta hora de tanta desagregação moral, o nosso coração, embora com um ardor de lágrimas nos olhos.

UM ROMANCISTA MÍSTICO

Deve-se à Livraria do Globo o conhecimento, em português, dum dos grandes nomes da letras inglêsas contemporâneas, pois foi na sua coleção Nobel que apareceu há cinco ou seis anos, o "Sparkenbroke", de Charles Morgan, seguido logo depois pelas traduções de "A fonte" e "A viagem". Essa luminosa saga da vida interior se completa agora com o aparecimento de "Retrato num espêlho", que a mesma editora acaba de publicar, traduzido por Lino Valandro e que o Livro do Mês, muito acertadamente, escolheu para sua distribuição de setembro último. Quando do aparecimento dêsse livro em francês, o crítico de "Le moi" assinalava, com muita propriedade, a frequência do uso feito por Morgan de palavras como "visitação" e "visão", que só empregam os místicos. Daí o profundo sentido de austeridade que tem essa dolorosa história do pintor Nigel Frew, a tentar em vão reproduzir na tela o retrato de Clara, entrevista por êle, aos dezoito anos, em todo o esplendor de sua beleza virginal. O fracasso dessa tentativa que acompanha, ao mesmo tempo, a crônica de seus amores platônicos, vem de que o artista pretende inutilmente pôr em sua obra muitas coisas ao mesmo tempo, exprimir tôda a personalidade e tôda a alma da jovem, além do seu próprio desejo de infinito, de sua própria aspiração para a unidade e a quietude da alma que só se acham em Deus. E' a pungente crônica do primeiro amor, tão menosprezada hoje em dia e que, na arte do grande romancista, encontra uma linguagem de grave e alta beleza, compatível com o tema, a par daquela poderosa harmonia de concepção e de forma que lhe confere aos livros uma categoria de aristocrática linhagem nas letras atuais. Todo o livro, como os demais dessa verdadeira trilogia que forma êsse belo romance com "A fonte" e "Sparkenbroke", se mantém num inalterável clima de pureza e de emoção, dificilmente encontravel na moderna literatura, de tão amargo e nilista pessimismo em todo o mundo.

CHARLES MORGAN

★

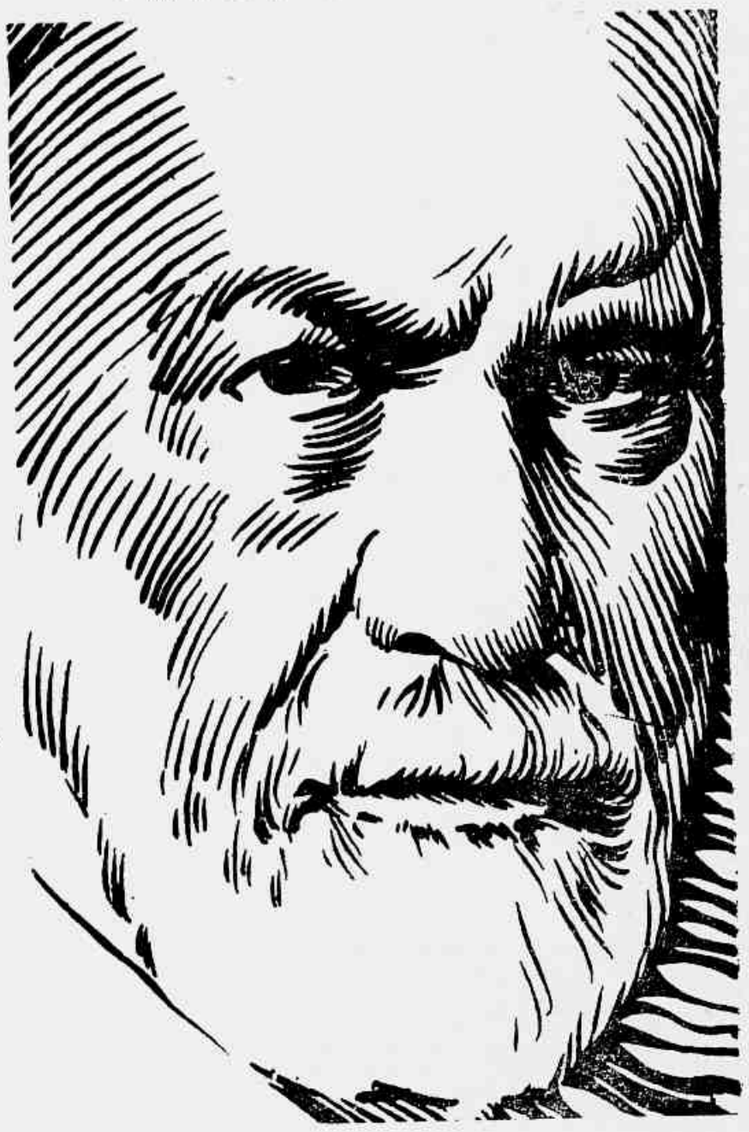
ALMANAQUE DO CEARÁ

Durante quarenta anos, o "Almanaque do Ceará", fundado por João Câmara, em 1895, foi uma tradição na vida literária cearense, pela segurança dos seus dados estatísticos e informativos, como pela excelência de sua colaboração, a cargo dos nomes de mais evidência no Estado. Depois de uma longa interrupção, é auspiciosamente que a velha publicação nordestina retoma, no mesmo cunho de seriedade e amenidade do passado, sua crônica de luzidas glórias. O anuário de 1948, que só agora nos chega às mãos é perfeito, na parte informativa, como de grande interêsse prático, pelos dados do seu indicador comercial. Além disso, tem ainda um sumário de letras da melhor classe, com a presença de Thomas Pompeu Sobrinho, Eduardo Campos, Joaquim Alves, Ademar Távora, Hugo Victor, Filgueiras Lima e muitos outros. Excelente, uma resenha histórica dos principais jornais de Fortaleza. Entre muita coisa interessante, ficamos sabendo, por exemplo, que o primeiro impressor que chegou ao Ceará, para trabalhar no primeiro jornal cearense, o "Diário do Govêrno do Ceará", dirigido pelo famoso padré Mororó que morreu arcabuzado em 1825, por ter tomado parte na Confederação do Equador, era pernambucano, chamava-se Francisco José de Sales e ganhava 300$000 por ano, isso em 1824. Ordenado astronômico, uma vez que dois ajudantes compositores ganhavam 160 réis por dia e dois serventes tinham o salário de 100 réis diários, com promessa de aumento...

NO ANO 2.000

Quais os dez autores americanos vivos que têm maiores probabilidades de serem considerados clássicos pelos leitores do ano 2.000? Essa, a pergunta feita a seus leitores pela revista dos colecionadores de livros, "The New Colophon". O inquérito ainda não terminou mas nem por isso deixa de ser interessante recordar, como o faz J. Donald Adams no suplemento literário do "New York Times Magazine", de 5 de setembro último, que há doze anos, em identica competição, os nomes mais votados foram: em primeiro lugar, Sinclair Lewis, com 332 votos, seguindo-se, em ordem de preferência, Willa Cather, Eugene O'Neill, Edna St. Vincent Millay, Robert Frost, Theodore Dreiser, James Truslow Adams, George Santayana, Stephen Vincent Benét e James Branch Cabell. A simples leitura dêstes nomes, mostra como é precário o juizo contemporâneo, para semelhantes escolhas. De fato, é bem fácil de ver que não são poucos, os que nem hoje mais, apenas doze anos decorridos, ocupam qualquer lugar de relêvo no panorama das letras americanas, a ponto de serem considerados clássicos no nosso tempo, quanto mais daqui a cincoenta anos. Daí dizer aquêle comentarista que, por sua parte, duvida muito que haja dez escritores americanos vivos, de reconhecida importância atual e que no século XXI sejam de leitura mais ou menos relevante. De todos êles, o jornalista destaca apenas Sinclair Lewis que lhe parece terá futuramente uma importância pelo menos documentária e Robert Frost e T. S. Elliot, que, na sua opinião, serão talvez os únicos poetas americanos de leitura provável, fora das antologias.

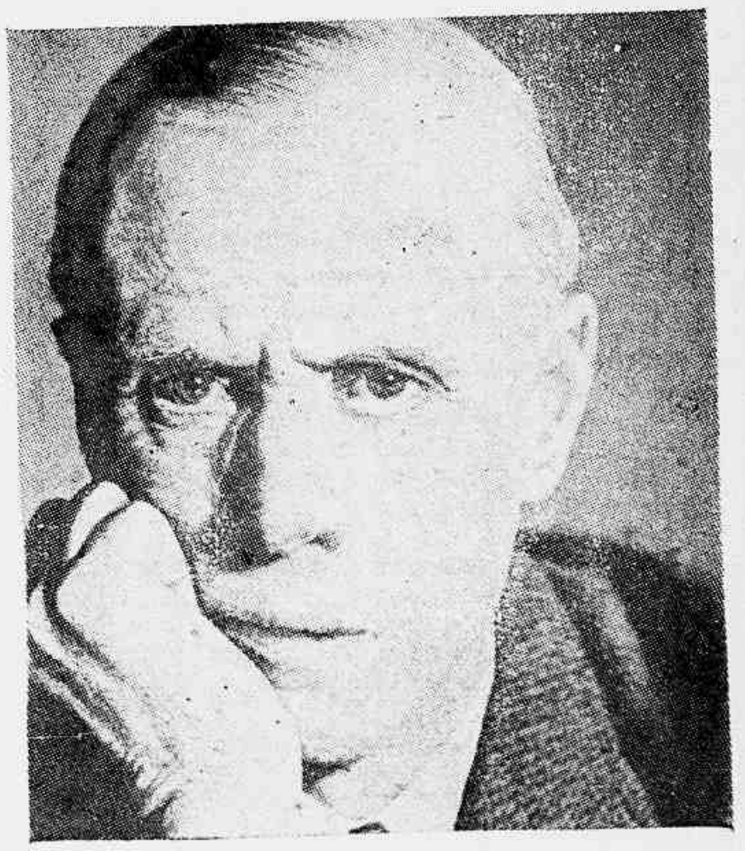
FREUD E LUDWIG



FREUD

Almir de Andrade traduziu e prefaciou, com a sua autoridade de autor dum livro de grande repercussão, tanto no Brasil como no estrangeiro, sôbre o mesmo tema, a famosa obra de Emil Ludwig, "Der entzauberte Freud", que tomou em português o título "Freud desmascarado". O conhecido biógrafo de Napoleão, Guilherme II e Wagner, insurge-se, nesse livro de polêmica, contra o predominio da concepção pansexual nas teorias de Freud, considerando-a um verdadeiro perigo, especialmente para os Estados Unidos, onde o cientista vienense adquiriu uma influência tão grande como em nenhum país da Europa: "Nos Estados Unidos, diz êle, onde era vedado ao sexo penetrar nos salões, Freud surgiu, por isso mesmo, como um providencial pretexto para que se abrissem as discussões nesse terreno, protegidas pelo manto da ciência". O que o escritor alemão pretende é principalmente combater o excesso dos postulados freudianos, acentuando de logo que a objeção de ser apenas leigo já se tornou banal, em face da nova ordenação da ciência e da arte e mesmo porque nesse caso talvez fosse mais correto dizer que o leigo é Freud, que, de neorologista, se transformou em pesquisador de almas. O livro é escrito com veemencia e o autor de "Gênio a caráter" desenvolve, inegavelmente, um sério e grave libelo contra as exuberancias da psicanálise, muito embora seja também certo que os especialistas hão de ter por seu lado muito que verberar nessas páginas persuasivas e de fascinante interêsse, que a Livraria José Olympio Editora acaba de lançar no mercado.

★



SINCLAIR LEWIS

O mistério DOS BOTÕES

AQUELA boa mãe que era a sra. Poston, notou, imediatamente a falta de um botão no paletó do filho. Aliás era um dos seus maiores cuidados o reparar se faltava alguma coisa a Ernie, pois que todo o seu orgulho estava centralizado naquele rapaz.

Mas, pondo-se de parte êsses exageros maternos, a sra. Poston era perfeita em todos os sentidos. Gostava de ter as coisas de sua modesta casa em perfeita ordem e limpeza, desde a fila reluzente das panelas e utensílios de cozinha sôbre a prateleira, até à página marcada pela fitinha que ela fazia questão de manter em sua Bíblia sempre conservada no justo lugar, ao lado da cama.

Pelo seu próprio temperamento meticuloso, seus cabelos brancos, sua voz mansa e sua pequena estatura, ela mesma costumava fazer a auto-crítica, julgando-se uma pobre mulher sem sorte.

Desde a infância de Ernie, quando ainda era um garotinho, ela já então sofrendo as agruras de infausta viuvez, sempre cuidou das roupinhas do filho, mantendo-as limpas e bem remendadas, com os botões firmemente pregados. O filho, entretanto, não percebia aqueles pequeninos sacrifícios maternais seria capaz de, com impaciência, arrancar a roupa das mãos da genitora, com um daqueles estouvados: "Que é que há, mamãe?"

Enquanto isso ela, pacientemente, ia procurando meter a linha na agulha, dar aquêle nòzinho na ponta para não escapar, e concluir a costura para bem do filho e de suas roupas.

Às vezes se enfezava e lhe respondia entregando a roupa: "Aí está; pode dar o fora! Não amole mais!"

Apesar de tudo, gostava de ver e admirar o filho que, naturalmente muito a estimava.

Se quando ainda pequenino era-lhe motivo de vaidade, já agora, feito homem, êsse orgulho era duplo, pois que êle já percebia salário que dava para manter a casa, graças ao emprêgo que ocupava na firma Pressley. E quando a vizinhança fazia elogios ao jovem, ela costumava dizer: "E' um bom rapaz, embora tenha herdado um pouco do gênio apressado do seu pobre pai".

Por uma associação de idéias que o sub-consciente explica, logo que ela se lembrou de que estava faltando um botão no paletó do filho, recordou-se que também notara o rosto de Ernie bastante turbado, denotando certa preocupação ou desgôsto íntimo. Seu alegre semblante onde sempre se via um sorriso nos lábios, estava então carrancudo. De súbito, lhe veio à lembrança a figura de uma jovem, e ela fez de si para consigo esta pergunta: "Será ainda ela?"

—— oOo ——

— Você chegou tarde, hoje. — Notou ao filho, ao regressar ao lar naquele dia. — Mas eu guardei sopa quente para você. Esteve com Bela?

Contudo Ernie não respondeu. Então...

— Não quero tomar a sopa, mamãe, disse com voz que denotava inquietação.

Sua mãe reparou em seu estado anormal. O filho parecia irresoluto, a movimentar o chapéu nas mãos, não podendo olhar direito para ela, como se temesse alguma coisa. Suspendeu a costura que fazia, esqueceu os botões, e na sua ansiedade perguntou:

— Ernie, meu querido filho, você precisa deixar de mão essa mulher. Ela não lhe serve, não lhe está sendo sincera nessa persistência de atraí-lo como vem fazendo, nunca resolvendo declarar se deseja ou não casar-se com você.

— Bobagem, mamãe, não diga isso. — Mas sua voz o traía. Tinha uma entonação dolorosa. No mesmo instante soltou verdadeiro gemido nesta frase sintomática e angustiada: "Oh! meu Deus!" — E vergou a cabeça entre as mãos.

A sra. Poston ouviu-lhe o gemido e sentiu sua aflição. Não chorou; mas aqueles olhos maternais assim estanques eram mais tristes e sofriam mais do que se vertessem o pranto diante de um filho a padecer moralmente. Tranquilamente retirou sua mão do ombro do filho, a mão em que estava o anel de casamento, com a côr meio desmerecida pelo tempo. E começou a pensar com rancor em Bella Murphy, elegante, linda e jovem, com aqueles verdes olhos malvados a emoldurar um rosto aperfeiçoado pelo "baton" e o "rouge" que Londres lhe ensinara e de onde acabava de chegar. Aquêle ar de refinamento social e mundano estava atordoando a cabeça de muitos rapazes de Eyeford e, dentre êles, Ernie.

Recobrando mais coragem para dirigir-se ao filho, disse-lhe:

— Você, Ernie, não é o único rapaz com quem ela está a brincar.

Êle ergueu os olhos. Estavam congestionados e vermelhos. Com um riso sardônico e áspero, voltou-se abruptamente, sem uma palavra e precipitou-se para a rua.

A sra. Poston correu para êle, com os óculos suspensos na testa, procurando detê-lo. Mas já era tarde e o filho se sumiu na escuridão da noite.

A mãe aflita ainda gritou:

— Ernie! Volte, meu filho, venha tomar sua sopa.

Mas o jovem não lhe deu nenhuma atenção.

A sra. Poston fechou a porta e suspirou. Jogou fora a sopa, limpou a panela, apagou o fogo muito fraco, deixando tudo preparado para o dia seguinte, num fogão bem limpo e asseado.

— Com certeza tiveram outra briga — pensou, enquanto, ajoelhada dobrava a folha de jornal onde recolhera cinzas e detritos, murmurando mais consolada:

— Bem, espero que isso tudo passe — monologou, enquanto batia os tições com fôrça, para limpá-los, com o mesmo vigor com que o faria se estivesse a surrar Bella, a indigna torturadora de seu lar.

Ao recolher-se tornou a pensar naquele botão que faltava no paletó do filho e, sem saber como, lhe veio à mente que talvez êle não tivesse perdido. Enfim, seu divertimento era mesmo aquêle de cuidar bem da roupa do filho.

E ela que nunca podia dormir bem quando Ernie estava fora de casa, aquela noite sua insônia ainda foi maior.

Mal conseguira adormecer, quando sua atenção foi despertada por certo ruído na porta em frente ao seu quarto, o que a fez erguer-se, parecendo que algo de anormal se passava com Ernie, que parecia ter tropeçado e caído. Levantou-se e, mesmo em seu vestido de dormir de flanela e longas mangas folgadas, ela acorreu ao quarto do filho, levando uma luz. A sra. Poston nunca o censurava, indagando de sua vida íntima; mas, ao vê-lo em situação estranha, tentou segurá-lo com fôrça, mau grado suas débeis mãos. E, ordenando-lhe severamente como não o fizera mesmo quando o filho ainda era pequeno, gritou-lhe:

— Venha para a cama!

Seu coração palpitava com fôrça, desordenadamente. Ernie, que sempre se comportara como um rapaz correto, estava em mísero estado de embriaguez, segundo parecia.

O rapaz a fitava com olhos baços, de ébrio, sem firmeza. Sua mãe tentou enlaçá-lo, mas êle era muito maior, mais forte, mais robusto para aqueles pobres braços franzinos. Contudo, ela não se deu por vencida diante da resistência e tornou a exigir com voz imperativa:

— Venha, já! — enquanto procurava metê-lo no quarto e fechar a porta.

Mas o jovem, mesmo naquele estado, tinha mais fôrça que ela. Com um arranco brutal, empurrou-a e libertou-se de seus braços.

— Não me toque, sua... — E pronunciou uma palavra grosseira.

Nunca os ouvidos daquela pobre mãe tinham ouvido tamanha afronta. E êle, estùpidamente prosseguiu em seu desrespeito:

— Nada quero com você... Deixe-me só!

E quando ela, assombrada, afastava-se dêle, a mais furiosa torrente de impropérios e desaforos vomitou contra a própria mãe. De pé, trêmula de emoção, de medo e indignação, ela teve um pressentimento. Não estaria o filho a confundi-la com Bella, em virtude da sua turbação de sentidos? Julgando que êle não a houvesse reconhecido, teve coragem para aproximar-se e chamá-lo à razão, pondo-lhe uma das mãos ao ombro e exclamando angustiadamente:

— Ernie, sou eu, sua mãe! Venha, meu filhinho! — A meiguice com que falou tinha aquela entonação da voz materna quando se dirige aos filhos pequeninos e os acaricia à hora de dormir.

Mas o bruto repeliu aqueles braços com tamanha fôrça e violência que os magoou dolorosamente.

— Se me tocar de novo eu a mato! — vociferou, enquanto se dirigiu para o quarto, tropeçando, a cambalear. Logo que entrou, deixando a porta meio aberta, sua mãe aproximou-se na ponta dos pés e o viu lutar para tirar o paletó; ouviu-lhe resmungos e palavras de ódio, quando jogou fora seu casaco, rolando então já um tanto dominado pelo sono, sôbre a cama. E pensou:

— E' melhor deixá-lo em paz. O sono lhe fará bem. — Fechou a porta devagarinho, afastou-se sem ruídos e apagou o lampeão.

— Amanhã é domingo — monologou, com grande alívio — e êle terá tempo de dormir bastante.

Mais calma e satisfeita por ver o filho recolhido, entrou também em seu quarto e fechou a porta. Seu pensamento, porém, não a deixava dormir. Estava aceso e ela meditava em todos aqueles acontecimentos. Mas, coração de mãe, não achava justo censurar o procedimento do filho. Sabia que êle muito amava Bella. Durante tôda aquela semana o jovem a havia cortejado, e ela, com certeza lhe teria provocado ciúmes com suas atitudes esquivas, provocadoras, a infundir suspeitas, flutuando entre o sim e o não, hoje lhe dando esperanças e amanhã desesperos. Um jôgo do agrado de uma jovem como Bella, mas torturante para um rapaz que trabalhava como seu filho, e que, com êstes procedimentos, a moça o estava pondo a perder, pensava a sra. Poston. Com satisfação íntima, concluía: — Não, não devo censurá-lo. E, antes de pegar no sono naquele resto de noite, esteve pensando no pudim de que o filho tanto gostava e que ela fazia aos domingos, especialmente para êle. Iriam os dois respirar o ar puro da praia e tudo estaria esquecido.

Quando, pela manhã, ela foi à soleira da porta e se inclinou para apanhar a garrafa de leite, uma vizinha debruçou-se sôbre o pequeno muro que separava as duas casas e lhe contou a grande novidade do dia:

— Não sabe, Bella Murphy foi encontrada morta, no mato, estrangulada. Não tendo regressado à sua casa ontem à noite, foram procurá-la e...

A vizinha, a sra. Richards, continuou a contar a tragédia com mil detalhes. Era tagarela como ela só, e o fato lhe desenvolveu a capacidade de falar. Mas a mãe de Ernie não ouvia nada mais. Parecia absorta, fora do mundo; amparou-se com uma das mãos no portal como para não cair, enquanto com a outra segurava o leite. E, num relance, lembrou-se daquele botão que faltava no paletó de Ernie. Sentiu uma pertur-

NOVELA POLICIAL DE **E. M. WINCH** ★ TRADUÇÃO DE **RENATO DE ALENCAR**

bação na vista e esteve a ponto de desmaiar. Agarrou-se fortemente ao portal. A memória vieram os acontecimentos da noite. Ela não podia ver nada. A rua com seu movimento, as casas cinzentas, os jardins à frente, os muros cheios de arbustos verdes, aquêle céu de azul brilhante numa radiosa manhã de primavera, tudo representava a vida diante de seu olhos; mas a sra. Poston a tudo parecia alheia, sua razão fugira, ela nada via. Tinha os pés gelados nos velhos sapatos negros. Aquêle corpo frio e magro, mal podia sustentar o avental sempre limpo e bem pôsto. Mas, no seu estupor, ela ouvia a própria voz do coração a dizer-lhe: "Eis aí, e não se surpreenda. Comporte serenamente, como se tudo isto não passasse de conversa de vizinhos".

Procurando recuperar a presença de espírito, não podia apagar de seus olhos as cenas da noite anterior com Ernie furioso diante dela, e seu pensamento caía de chofre naquele botão que faltava, mostrando as linhas arrebentadas.

Sem poder ouvir o amontoado das palavras da vizinha, ela entrou, fechou a porta e murmurou com voz fraca: — "Ernie fez isto!"

E então não pôde mais achar meio de perdoá-lo. Seu senso de justiça era completo. Nenhuma provocação — pensou — justifica um assassínio. E sentiu voltar tôda a plenitude de seu espírito. Deixou de tremer. Reparou que não havia aberto as cortinas. Recebeu a luz da manhã e isto lhe fez respirar com satisfação. Esteve a meditar por uns minutos, ponderando, planejando. Sabia agora o que devia fazer. Era contra a lei. Um crime. Mas estava decidida a agir e realizar seu plano com os mesmos detalhes com que executava suas costuras, pondo cada coisa em seu lugar. O fogo estava bem aceso e brilhante. Pegou de uma folha de jornal e o estendeu sôbre a mesa que, na véspera, tinha limpado deixando-a lisa e alva como o mármore. Sôbre o papel colocou sua caixa de costura. Então, dirigiu-se silenciosamente para o quarto do filho; deu volta ao trinco, abrindo a porta.

Ernie dormia profundamente. Seu rosto afogueado lhe dava o frescor da mocidade. Sem rugas de sofrimento ou da idade, até parecia sorrir naquele sono reparador. Seus membros lassos, denotavam o estado desordenado com que caíra na cama de camisa e calça, sem cobrir-se, sem usar normalmente os travesseiros.

Sua mãe, de mansinho, apanhou-lhe o paletó que estava no chão. Aproximou-se mais do filho e reparou cuidadosamente nas coisas que êle usava desde a véspera. Olhou-lhe as mãos, a cabeça, as pernas, os braços.

— Estrangulada... Bem... Isto não deveria deixar nenhum sinal de sangue — murmurou, enquanto se retirava silenciosamente, fechando a porta. Agora que o choque daquela novidade havia passado, a sra. Poston se sentiu perfeitamente controlada. Sentou-se para trabalhar metòdicamente como sempre fazia e suas mãos franzinas começaram a executar as tarefas de costura. Três grandes botões a serem escolhidos, e mais quatro pequeninos para os punhos das mangas.

Botões acinzentados, mais claros do que a fazenda. As linhas ainda estavam fortes, pois que a sra. Poston as havia reforçado quando o filho comprou aquela roupa.

— Já estavam bem velhas estas linhas — pensou — mas devia ter sido muito forte o puxão para fazer isto. E sentiu tremerem suas mãos dificultando o manejo da tesoura. Muitas linhas ela usara na fixação daqueles botões. Abriu sua caixinha de costura, modesta e de madeira, mais velha do que Ernie, e dentre as várias linhas que ali havia, escolheu um carretel de linha mercerizada cinzenta. Pegou uma caixinha de botões de metal barato, já tão velha e usada que mudara a antiga côr marron.

E todo aquêle sortimento de botões de côres e feitios variados se derramou em seu avental branco, botões que ela já havia pregado tantas vêzes e que lhe pareciam velhos amigos, recolhidos de outras roupas de Ernie durante aqueles vinte e três anos de sua vida. Botões de madrepérola, de madeira, de chifre, de variados feitios, de côres diversas, brilhantes ou opacos. Mergulhou a mão naquele rol de botões e sua aguçada vista se deteve em alguns de côr cinza. Três deviam ser grandes e quatro menores. Escolheu dentre uma série completa aqueles que lhe pareciam melhor e os foi colocando junto dos botões que havia arrancado do paletó de Ernie. Estava certa de que agindo como estava, incorria em perigosa cumplicidade, dissimulando culpados, ocultando um criminoso, ofendendo a lei. Depois de feita a seleção, colocou na velha caixa os botões que lhe não serviram e preparou a agulha com a linha. Daquilo tudo só os seus óculos foram testemunhas, e ela os retirou limpando-lhes os vidros, como se desejasse retirar das próprias lentes os vestígios da astúcia.

Sete botões que deveriam ser pregados, destramente em seus lugares sem que resultasse dessa substituição o menor traço de vestígio. Quando terminou seu trabalho de cuidadosa dissimulação, tomou os restos de linha, os botões antigos, juntou aquilo tudo numa folha de jornal e, fazendo uma bola, jogou a prova do crime nas chamas do fogão. Sentiu o cheiro dos botões de chifre a arder. Apanhou mais uns restos de jornal e avivou o fogo que esteve quase a sair pela chaminé.

Para desfazer o acre cheiro que encheu o ambiente com a queima dos botões, colocou toucinho numa caçarola e deixou que a gordura chiasse sob a ação do fogo, anulando o cheiro de chifre queimado.

Examinou cuidadosamente o paletó, depois. Parecia estar tudo muito bem. Porém ela ainda não se sentia satisfeita. Tudo fazia com absoluta perfeição, como sucedia com a limpeza de seus móveis, de sua cozinha, dos utensílios de costura. Tinha precisão de saber se não ficara no paletó algum vestígio de linha preta com que cosera os botões retirados. Rebuscou os bolsos, encontrando cigarros, fósforos e uma medalha que o filho ganhara em campeonato de futebol e que êle sempre trazia consigo para dar sorte. Súbito, descobriu que num dos botões havia um vestígio denunciador, por ter ficado à vista certa parte do tecido que parecia revolvido. Ela não conteve um gesto de aflição. Correu à panela em que fritava o toucinho, derramou algumas gotas da graxa a um canto do fogão e, tirando um pouco com a ponta dos dedos, sujou um tanto aquêle local denunciador, a fim de parecer velho. Feito isto se sentiu mais tranquila. Respirou aliviada. Sua obra era perfeita e ninguém poderia acusar o filho ou a ela de conivência naquele crime. Mas, quando tornou ao quarto de Ernie para levar o paletó com as dissimulações de sua artimanha, sentiu certa contrariedade íntima. E pensou:

— Êle, meu filho, fazer isto... — E de seus olhos borbulharam duas lágrimas silenciosas. Ali estava um assassino. Pela lei devia pagar com a vida. Então um temor estranho lhe invadiu a alma. Sacudiu o filho com fôrça, pelos ombros, com a maior ansiedade de ouvir de seus próprios lábios o relato completo de como havia assassinado a namorada. Com as sacudidelas, Ernie se espreguiçou molemente, abriu os olhos, resmungou, e novamente os fechou.

— Ernie, levante-se! — Rogou com voz suave, quase em sussurro. Diante de sua imobilidade, insistiu:

— Ouça, meu filho, você precisa levantar-se! Ela foi encontrada!

O rapaz mal resmungou e virou-se para o outro lado. Nêsse mesmo instante a velhinha percebeu baterem à porta de casa. Ergueu-se e escutou. Estava lívida, o coração aos pulos e a respiração opressa. Voltou a sacudir o filho tentando acordá-lo.

— Ernie! — E lhe veio à mente esta suspeita: se alguém de fora ouviu o que eu disse?... e se os vizinhos... Quando os olhos do filho se abriram, ela lhe revelou em voz baixa:

— Meu filho, ela foi encontrada... e andam à procura de você. Nada lhes conte, pois eu... — e num esfôrço terrível completou: — Eu mudei os botões de seu paletó...

O rapaz parecia tão fora de si e tão perturbado ainda que ela não tinha a certeza de que havia sido compreendida na sua advertência. Os batidos prosseguiam com insistência, e agora davam a impressão de que procuravam arrombá-la. Compôs o cabelo, retirou o avental, e foi atender a quem batia, procurando encher-se da maior coragem.

Dois homens, sendo um policial, já seu conhecido de vista, e outro um desconhecido à paisana, a quem ela nunca vira antes, desejavam entrar. Ao defrontá-los, a sra. Poston pôde ver grupos de gente enchendo a rua defronte, olhando sôbre os ombros dos dois representantes da lei.

— Que há? — perguntou ela.

— E' a sra. Poston? — indagou o paisano. E, sem dar tempo a que ela respondesse, o policial adiantou:

— Precisamos falar com Ernesto Poston. Êle está?

Ela não pôde responder de pronto. Fez apenas um sinal de confirmação com a cabeça e os deixou entrar, fechando a porta, tirando dos populares o prazer daquele espetáculo. Instintivamente molhou com a língua, nervosamente, os lábios secos. Recobrando um pouco o alento, murmurou:

— Sim, sim... Êle ainda está deitado. E os guiou até o quarto do filho. Ao ver o paletó no chão, sentiu um aperto na alma. Sem conter-se, olhou o policial e percebeu que ambos se entreolharam. Estariam êles de posse do botão perdido quando o filho estrangulara Bella?

Os olhos daquela mãe aflita não escondiam sua preocupação e ela pestanejava nervosamente.

— Então?... — E o policial sacudia Ernie com fôrça procurando despertá-lo.

O rapaz, preguiçosamente se ergueu, sentando-se na cama. Olhou os circunstantes e perguntou:

— Que há?... — E cabeceou ainda sonolento.

Sua mãe procurou ampará-lo, mas o policial impediu-a e lhe disse:

— Precisamos fazer-lhe algumas perguntas sôbre o que você fez à noite passada, "seu" Ernesto.

A sra. Poston viu Ernie pensar um pouco, como quem procura reconstituir episódios passados, e no rosto do filho se estampou a côr dos sofrimentos morais. Ficou de cara amarrada.

— À noite passada?... — E virando-se para sua mãe: — Que aconteceu?

— E' que... êstes dois senhores, meu filho, precisam saber...

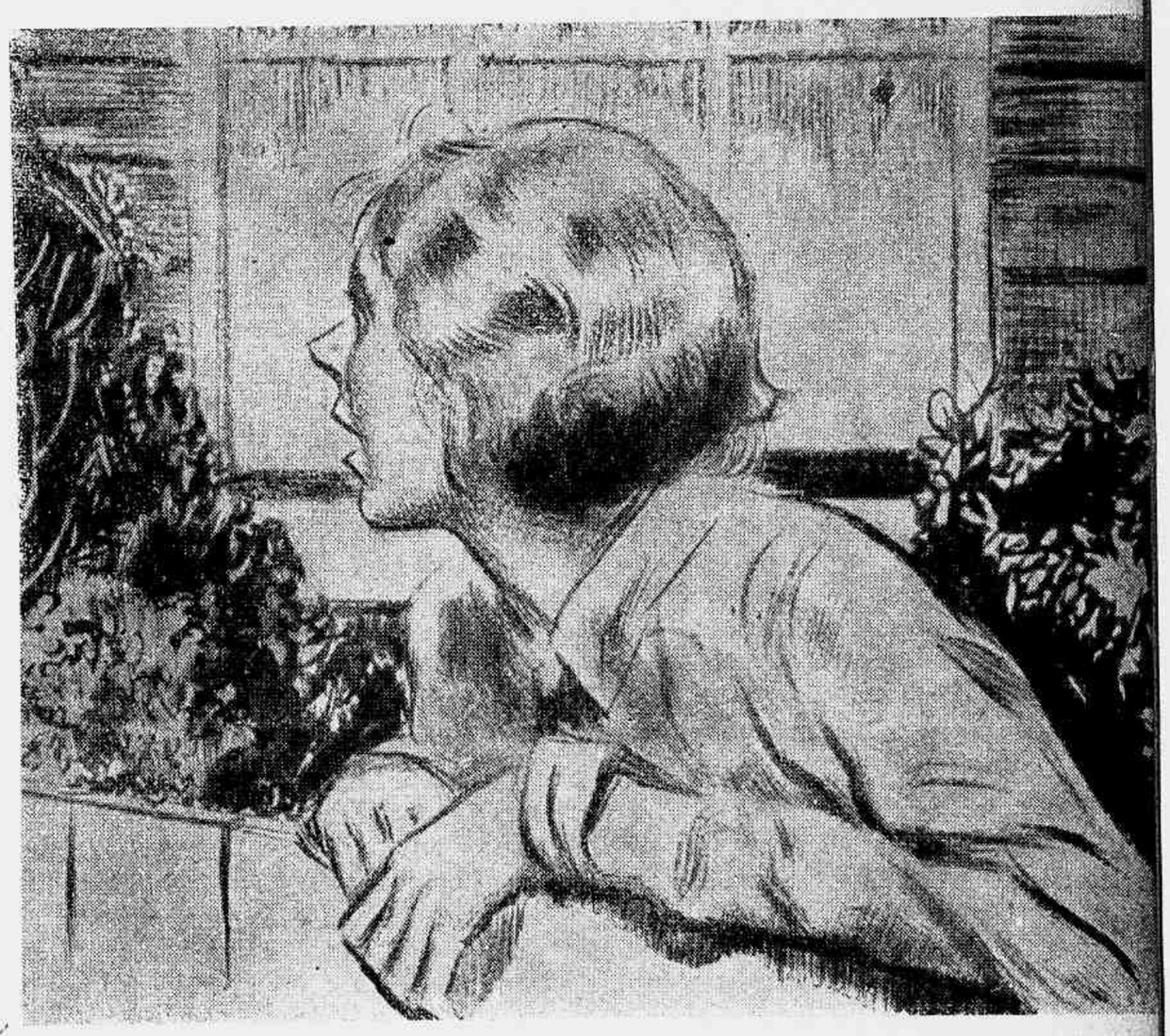
— Saber?... Saber o que? — E dizendo isto êle desceu da cama.

— Precisamos adiantar que você não está obrigado a responder, mesmo porque, às vezes, ao falarmos estamos acumulando provas contra nós mesmos — pilheriou o policial.

Sua mãe, entretanto, não lhe tirava os olhos de cima, temendo que êle dissesse alguma inconveniência e se traisse. Não podendo conter-se, exclamou muito nervosa:

— Êle de nada sabe! Está surpreendido com tudo isto... — Calou-se sem tirar os olhos do filho.

— Um assassínio acaba de verificar-se, e nós supomos que você, Ernesto, esteja



em condições de esclarecer alguma coisa, nas circunstâncias em que se deu. Você esteve ontem, depois das dezoito horas com Bella Murphy... — Tornou o policial com voz calma.

A sra. Poston via, com angústia, o filho metido naquela embrulhada, acompanhando a narração do policial. Êle, porém, não parecia estar com remorsos, e ouviu tôda a história sem denotar inquietação. Depois o policial perguntou:

— Pode lembrar-se do que fez entre aquelas horas?...

O rapaz acenou afirmativamente com a cabeça e informou com voz pausada:

— Fui passear com ela... mas, discutimos, mas ou menos pelas sete horas... — Sua voz interrompeu-se como se a memória lhe escapasse. Fez um movimento de cabeça como quem deseja recordar-se com grande esfôrço. Sua mãe o ouvia ansiosamente e não notou nenhuma alteração na fisionomia do policial. O jovem prosseguiu:

— Depois... deixei-a na esquina da Harper Lane e vim para casa. Minha mãe sabe que eu vim, e a que horas...

— Passavam cinco minutos de sete — esclareceu a sra. Poston, com voz calma. E concluiu: — notei isso porque êle chegou já muito tarde para a ceia.

O policial tomou notas e fez um sinal a Ernie para que continuasse.

— Bem, então... — e êle falou como se estivesse decidido a não ocultar nada — então... dei ainda umas voltas e fui depois ao velho Crown e ali estive matando um pouco o tempo, penso eu.

— Pensa?... — perguntou o paisano meio desconfiado.

— Sim... — respondeu Ernie — eu estava embriagado. — E com um sorriso algo contrafeito, êle ajuntou: — O dono daquela casa deverá lembrar-se muito bem, pois que êle me mandou embora.

Então o policial releu para todos ouvirem as notas que tomara:

— Você brigou com Bella e a deixou ao voltar à esquina de Harper Lane. Pode provar o que afirma? Estaria ali alguém que possa confirmar isso?

— Acho que não..., pois não vi ninguém por ali. Íamos discutindo, mas, como sabe, não julguei que...

— Quer dizer que não pode apresentar prova nenhuma para comprovar o que diz? — O jovem sorriu e respondeu:

— Não, a menos que o senhor fôsse encontrar meu botão. Foi assim: ela não queria deixar-me ir. Segurou meu paletó e fez fôrça para que eu continuasse a andar ao seu lado. Opus-me, e então dei um puxão para libertar-me dela. Naquele momento

(Continua na página 58)

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

História antiga do Oriente Próximo

★

Por H. R. HALL, tradução de FABIO CRISSIUMA

★

Edição da Casa do Estudante do Brasil — Rio de Janeiro 1948

Esta obra teve já nove edições em inglês, sete em vida do autor e duas póstumas. Uma nota explicativa nos ensina que H. R. Hall se revelou conhecedor ou, pelo menos, grande estudioso das civilizações antigas, ainda, a bem dizer, na infância. Ao completar dez anos de idade, tinha já organizado um museu, se não de maior vulto e importância, pelo menos curiosíssimo. A sua precocidade se dirigiu num sentido bem especial e bem raro. Muito se fala de crianças espaniosamente dotadas para a música, quer na qualidade de executantes, quer, embora em menor número, na de compositores. Também tem aparecido uma ou outra com o talento temporão da aritmética, do desenho, da oratória... Ora, H. R. Hall foi um menino prodígio da História e da Arqueologia. Na adolescência, isto é, aos dezesseis anos, escreveu uma obra notável sôbre a Pérsia Antiga. E, lidando sempre com livros e professores, cada vez mais interessado por aquêle ramo de conhecimentos: trabalhador apaixonado e infatigável, veio ilustrando o seu nome de autor até êste definitivo triunfo, alcançado em 1936: **The Ancient History of the Near East**.

E' uma obra tão vultosa quão opulenta, que vai, em amplo formato, a mais de seiscentas páginas, desenvolvendo-se com prodigiosa minudência de nomes, datas, episódios, cenários, particularidades de análise e traços de apreciação. Composta expressamente — diz a mesma nota editorial — para os alunos do curso de **Litterae Humaniors**, de Oxford, a sua utilidade se estende a todos os amantes — e decerto a muitos mestres — da matéria. Vem da mais antiga civilização da Grécia até à Babilônia com os medas e persas, passando pelos capítulos: do Egito arcaico; o Egito sob os reinados antigo e médio; História primitiva da Babilônia; o Egito sob o império; Reinos da Síria e da Palestina etc. Comporta, entre fotografias e mapas, mais de cem ilustrações. E da tradução, que exigia tanta competência e tanto cuidado, dignamente se encarregou o sr. Fábio Crissiuma.

★

Até que surja a alvorada

★

Romance de ZEDAR PERFEITO DA SILVA

★

Rio de Janeiro 1948

O herói desta história descende de israelitas, mas seu pai casou com uma moça cristã e daí lhe veio a malquerença da sua gente que passou a perseguí-lo. O homem era enérgico, decidido; soube lutar; e foi vencendo sempre — até que, estando a discursar num comício, o mataram com um tiro. Tinha já enviuvado; deixou um filho de quinze anos, chamado Guilherme. Eis o protagonista do romance; e agora Guilherme nos conta, como se costuma dizer, a sua vida desde criança.

Naquela idade hostilizado como seu pai na terra natal, Guilherme mudou-se para São Paulo à procura de trabalho. Não lhe foi fácil encontrá-lo; comeu o pão que o diabo amassou; e um dia, meio morto de fome, entrou numa casa, sem saber como explicaria tal invasão. Teve sorte. O morador recebeu-o generosamente. Arranjou-lhe trabalho, protegeu-o nos estudos até à formatura; e deu-lhe a filha única, a formosa Marina, em casamento. Falecido o sogro, Guilherme não deixou de triunfar e prosperar. Mas a adversidade resolve novamente tomar conta dêle, por algum tempo, e leva-o à persuasão de que Marina o traiu. Indignado com o aparecimento de um sintoma que não nomearemos, o homem interpela a espôsa que está sofrendo do mesmo mal e lhe atribui, a êle, tôda a culpa. Separam-se, com ódio um do outro. Mas o caso se explica. Um cafeiro vingativo conseguiu indiretamente fazer que viesse passar por adúltera a espôsa honestíssima. Sabedor da verdade, certamente Guilherme, se não fôra a intervenção de terceiros, mataria o infame. Corre então à Casa de saúde, onde Marina, que foi operada, acaba de dar à luz um lindo menino. E **tout est bien qui finit bien**.

A ação do romance pera, às vezes, pela lentidão dos episódios ou pelo excesso dos pormenores, e outras vezes nos surpreende com a falta de verossimilhança; e, aqui e além, surgem expressões populares que, perante a boa linguagem, constituem senões mais ou menos graves: "Doutor, o meu desejo é agradá-**lo**... peço-te para **calares**... fundou um **jornal** hebdomadário e a nação **que leve** o diabo... **malcriação**... prometi **a êle**... **alviçaras** (no sentido de parabéns)... interrogou-**lhe**" etc. Não faltam, porém, ao livro qualidades agradáveis, cativantes — e a prova disso, é que o lemos até ao fim.

★

Manual Prático de Caracterização Técnica

★

Do ator ensaiador OLEGÁRIO AZEVEDO

★

Papelaria Pedro I, Editora — Rio de Janeiro 1948

O sr. Olegário Azevedo orientou o seu livro, conforme nos diz, especialmente para ser útil aos atores principiantes e aos amadores; mas quase todos os artistas de teatro precisariam de o ler atentamente bem como as obras nestas páginas indicadas. Não o declara o sr. Azevedo, porém qualquer espectador poderá atestar que raros dos nossos artistas se caracterizam convenientemente. Abusam dos pincéis e dos "bâtons". Os homens possuem-se de uma espécie de adoração pelas cabeleiras; adotaram-nas a qualquer pretexto e até sem necessidade alguma, isto é: quando com alguns toques na fisionomia, um ligeiro avivamento das feições — por causa da luz do palco e da distância a considerar — obteriam suficientemente a figura adequada ao papel. Além disso, quase sempre as cabeleiras "desafinam"; apesar das camadas grossas de pasta que as deveriam disfarçar, nota-se à légua onde começam; discordam dos olhos, da expressão, de tudo; deixam, ao cabo de algum tempo, escapar, pelos lados e atrás, o cabelo natural — enfim, um horror. As mulheres encarregadas de personagens atraentes, cativantes, ficam, em regra, menos bonitas em cena do que realmente são, cá fora. Por que? Porque o **maquillage**, em vez de lhes acentuar os traços graciosos, espirituosos, e atenuar algum aspecto desfavorável, produz o duplo efeito contrário. E por que? Porque essas **senhoras** não se sabem caracterizar. Quando se trata de apresentar uma figura de certa idade, então, é um desastre. Damas já para além dos oito lustros acham que, para obter um tipo de quarentona, precisam de se encher de rugas do fundo do queixo ao alto da testa; arranjam verrugas, sinais cabeludos, nariz torto ou desmedido... Imaginam ou querem dar a entender que são escandalosamente novas de mais para o papel. Enfim, uma desgraça.

Se lograr o merecido êxito, poderá o presente livro melhorar o velho estado de coisas no tocante ao arranjo dos personagens de maneira a darem êstes a impressão exata do que são e não apenas às primeiras filas da platéia mas a tôda a sala. Para organizar o seu manual, consultou o sr. Olegário Azevedo mestres e especialistas em Biologia ou História Natural e outros peritos em assuntos de teatro: C. de Mello Leitão, Rita Amil de Rialva, Mário Faccini, Paulo e Camilo Bouts, Eduardo Vitorino, A. G. Bragaglia e sobretudo Antônio Pinheiro, cujo livro **Caracterização dos Atores Portuguêses** é várias vezes citado e um tanto ou quanto saqueado. Não deixa, porém, o autor de apresentar observações, conceitos e comentários próprios; e essa contribuição apreciàvelmente favorece a obra que, repetimos, se recebida e disseminada como de justiça, poderá prestar bom serviço em tão importante ramo da arte de representar.

Ilustram o volume numerosos desenhos bem como fotografias, antes e depois da caracterização, de vários artistas brasileiros.

Lágrimas que falam

★

Cinquenta e dois sonetos de OCTAVIO RIBEIRO DA CUNHA

★

Rio de Janeiro 1948

O sr. Octávio Ribeiro da Cunha, engenheiro-arquiteto, lente da Escola Politécnica, tem o amor, a devoção da linha. E' um desenhista de rara sutileza e harmonia. Sonha com edifícios, monumentos clássicos, a que aplica — e eis o poeta — motivos e particularidades da flora nacional ou adaptada a êste solo. Em colunas com os seus capitéis, em ombreiras, retábulos e rebordos, introduz, bem discretamente mas de maneira a sempre se fazerem apreciar, detalhes de palmeira, vitória-régia, tinhorão ou gragoatá. Assim os seus versos, por via de regra, trazem, com a feição básicamente tradicional, alguma coisa familiar e moderna que só um brasileiro, e brasileiro de hoje, poderia verdadeiramente sentir. Tendo a poesia no sangue — é sobrinho de Castro Alves — sempre o sr. Ribeiro da Cunha tem diante dos olhos imagens e construções de arte. Aos seus enlevos de sonhador corresponde o empenho do esteta em compor e realizar, tanto quanto possível, no sentido da perfeição. Por isso dêstes versos se guarda, não apenas o fundo espiritual e emotivo, mas também o que: que seja de projeto ou planta para o palácio, templo ou até arranha-céu em que a inspiração se quis exteriorizar.

Não escolhamos para não perder longo tempo hesitando. Mais vale abrir o livro ao acaso. Aqui temos a página intitulada **Perfeição:**

Vês aquela montanha de granito,
A mais alta entre as altas cordilheiras,
Erguendo a prumo as cristas altaneiras
E afrontado a amplitude do Infinito?

Olha-a à distância. Admira-a, mas não queiras
Alcançar o seu cume ermo e inaudito
Logo te encontrarias só e aflito
Entre escarpas, abismos e geleiras.

Aflito e só, na plena solitude,
De onde o cimo jamais se descortina,
Num cenário de pedra em convulsão;

Surdo pelo silêncio da altitude,
Cego em frente ao velário da neblina,
Perdido entre as voragens da ascensão!

★

Recebemos:

Alegria, 2.ª edição do livro de versos de Adalzira Bittencourt, do qual detidamente nos ocupámos nestas colunas e que vem agora acompanhado da tradução integral em alemão por Ignes Teltscher. — Rio de Janeiro — 1948.

Três dias Felizes, opúsculo ornado de foto-gravuras e contendo os discursos pronunciados durante a visita do Embaixador de Portugal dr. Pedro Teotônio Pereira à cidade de Recife. Livraria Moderna, editora. Recife, 1948.

Revolução e tradição, aula inaugural na Faculdade de Direito da Universidade da Bahia pelo senador Federal Aloysio de Carvalho Filho, lente da mesma Faculdade. Imprensa Regina. Bahia, 1948.

Catálogo Geral das publicações da Comissão Rondon e do Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1946.

Zoologia, Esponglários (Porifera) estudo pelo dr. Othon Xavier de Brito Machado, Naturalista-Chefe da Equipe da Expedição à Mesopotâmia Araguaia-Xingu, organizada sob os auspícios do C.N.P.I. e em colaboração com o Serviço de Proteção aos Índios e Serviço de Conclusão da Carta de Mato-Grosso. Publicação do Ministério da Agricultura. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1948.

Indice de Cultura Español, Ano II, n.ºs 16 a 19, publicação do Ministério de Assuntos Exteriores. Madrid, 1948.

DOIS BAGOS DE VINHO

MARIA é um nome próprio que de tanto usado tornou-se um nome comum. Muito comum mesmo. Pois bem, ela é apenas u'a Maria anônima entre tantas anônimas Marias. Agora acaba de sair do escritório onde trabalha e abre a porta de seu quarto pobre de uma pensão barata. As paredes de madeira ordinária, são tabiques pintados de branco. Dum branco que parece azul claro. Senta-se na cama e descalça os sapatos. Olha para uma parede. Um cromo antigo de folhinha. A mesma menina, sua velha conhecida já, que faz "crochet" com uns óculos enormemente redondos, na certa tirados da vovó. Cromo descorado. **Seu Cateb do armazém... Mamãe pedindo uma folhinha p'ra seu Cateb no dia primeiro do ano.** Deita-se de costas. **Rangendo os ossos. Eta corpo véio danado...** Se ela pudesse deitar-se mais... Esparramar-se mais... Espalhar-se... E' tão bom... Tem uma vontade de alargar as costas cansada em tôda a extensão da cama. Um levantamento dos lábios superiores em expressão de dor. A boca de lábios vermelhos contrai-se.

— Ô... que dôr na costa... resmunga baixinho num espreguiçamento.

E aninha-se novamente, encolhendo-se tôda, num carinho a si mesma, com vontade de se lembrar de coisas antigas. E começa o desfile de lembranças. A sua mãe... O sinal que tinha bem debaixo de uma das narinas. Com uns três fios de cabelo... E o mistério de seu pai com nome de personagem de novela de rádio. Ricardo. Um nome rasgado. Algo de imponente, de nobreza nêsse nome. Mistério só quando ela era pequena. Criança... Então vem-lhe à memória um retrato amarelo de uma menina mostrando os dentes num sorriso desconsolado. Quando ela era pequena e perguntava a sua mãe, por seu pai (as outras meninas tinham pai), ela respondia embrulhando o assunto. Uma mistura de **foi s'imbora, outra, ingrato, abandonou.** Mudava de assunto. E não falava mais nisso. Quando ela cresceu compreendeu tudo. Mas não ligou. E lembra-se nitidamente do dona Helena conversando. Quando falava, parava de vez em quando. Parecia uma viagem de ônibus. Ela aspirava então nessas paradas, o ar e as últimas sílabas. O seu peito parecia eternamente encatarrado e ela suspirava um assobio chupado de quando em quando. Ela dizia que era asma complicada com coração. Na véspera de um Natal, de um ano qualquer, d. Helena dizendo para Maria:

— Minha filha, (chiado, o peito sobe) Papai Noel não existe. E' mentira...

E depois, ela teimando num canto do colégio público com as meninas ricas que **Papai Noel não existia, qui era mintira, i qui prá prová quem contou prá ela foi mamãe...** Na noite seguinte à de Natal, ela pensando como foi que Teresinha... **(trança loura — corda de cebola; trança loura — corda de cebola;** Teresinha chorando com o dedo curvado sôbre um ôlho, muito alva. E os meninos vaiando "trança-loura"... Maria olhando com inveja para Teresinha e vaiando também, **de ce-bo-la lá-lá)** Bem, depois do Natal, Maria pensando na cama: **Teresinha ganhou uma boneca qui fala, Joana ganhou um fogãozinho. E não foram buscar cartão no Centro Espírita...** E ficava matutando como era que as meninas ricas recebiam brinquedos de Papai Noel. As que não precisavam, as que ganhavam brinquedos até em dias de semana. De tarde recebeu um saco de papel cheio de coisas na casa da sessão. Uma peça de chitinha, um saco de bombons e um livro de letras graúdas. Ela que tanto queria uma boneca.

— Olha, até serviu... dona Helena procurava consolar com palavras asmáticas, frouxas de som. Acho que ela também sofria com aquilo...

Depois Maria se lembra de um dia em que ela e sua mãe estavam muito amigas. Ela estava obedecendo tudo muito direitinho para ser como Santa Teresinha. A professora (cara comprida) disse na aula de catecismo: **Santa Teresinha era a bondade em pessoa. E porque ela era bem comportada era bonita. Tão bonita que até impressionava as pessoas.** E contou a história de um homem chamado Grasini... Brasili... um nome parecido com Brasil... uma coisa assim da qual ela não se lembra agora. Êle devia ter uma barba preta e curta. Tinha nome de gigante, de gente mau. E Teresinha converteu êsse bruto. Porque era obediente. Ela estava sentada na porta da cozinha, vendo sua mãe lavar. E adulando, concordando com tudo, sendo boazinha. Ela se lembra das pernas grossas de dona Helena, pernas cheias de bolotas, de veias roxas. E as coxas cobrindo-se e descobrindo-se com o vestido que subia e descia obedecendo ao ritmo da lavagem. E de repente, sem saber porque, sem associar a idéia das pernas de sua mãe ao que ia dizer, perguntou:

— Mamãe, o qui qué dizê gato iscundido cum rabu di fora?

Dona Helena virou rindo:

— Por que tu perguntaste isso, piquena?

— Porque eu quiria sabê...

E' a mesma coisa qui tu quando era piquena. Tu passava o dia nuasinha e quando ia ti visti, tu ti trancava no quarto e cumeçava a gritá: — Non enta ati adólha.. Non veim ati no cáto qui Maía tá di sunga...

E d. Helena afinou a voz como criança para falar como Maria quando era pequena.

— Quá, essa piquena fais cada uma... qui até parece duas... Há!...

Riu e sacudiu a cabeça como quem diz não, e virou-se para o tanque, alegre com a graça de sua filha quando era menor.

— Ai, ai...

Maria faz um ruidinho de saliva nos dentes: di. Com o "di" molhado. No quarto vizinho o inglês que vende cortes de sêda, acende a luz. No mesmo lugar de sempre, no quarto de Maria, a lista de luz que passa por uma racha de tabique ordinário.

Respira fundo. Cobre os olhos com o braço e fica nessa posição. Os lábios exageradamente vermelhos entreabrem-se.

Acho que adormeceu a Maria anônima...

—oOo—

Eu podia aproveitar a côr dos lábios de Maria para dizer que era uma coisa muito poética e ir por aí à fora, fazendo comparações daquele vermelho vivo, dizendo que era uma rosa, falando de nacarinos lábios e coisa e tal. Parecem dois bagos de vinho, com frisas, como se fossem bagos de tangerina. Engelhados como pontas de dedos com frio. A pele fina e transparente que descasca, parece querer arrebentar em uma explosão vermelha de vinho de sangue. Mas essa côr tão linda é produzida por uma

Conto de **REGINALDO FORTUNA** (Selecionado pela **"REVISTA DA SEMANA"**) Ilustração de **O. MATTOS**

causa tão reles. E' pena... D. Helena quando conversava com as vizinhas, sempre dizia falando de Maria:

— Ah! Coitadinha... A minha filha sempre desarranjada da barriguinha...

Pois bem, êsses desarranjos me roubaram um bocado de frases bonitas que eu podia fazer com muita poesia.

——oOo——

Já fazia muito tempo que ela vinha aturando aquilo. Estava até emagrecendo... Vinha suportando aquilo tudo desde o dia em que viu aquêle anunciozinho no Jornal do Brasil:

> Procura-se moça que entenda de datilografia. Não precisa ter diploma. Tratar à rua "tal" n.º tanto Sala 8, 2.º andar.

Ela encontrou êsse anúncio na lista dos "pês", pequenino, confundido com os outros. Dirigiu-se logo a tal rua Tal. E pelo caminho ía ruminando as palavras. Estas iam ficando meio esquisita e ela continuava remoendo: — "Não precisa ter diploma... rua Tal... Tal... moça datilógrafa... Eu sou uma moça datilógrafa. Ora, eu nunca tinha pensado nisso. Eu sei datilografia mas nunca tinha empregado êsse têrmo: **Moça datilógrafa**. Número tanto. E' preciso não esquecer o número: tan-to.

Parou defronte de um edifício. Um choque no coração. Era o número tanto. Pegou o elevador e pensou quando viu o ascensorista: **Ah! Êsse garoto vai ficar acostumado comigo quando eu trabalhar aqui. Vai me ver todo o dia.**

E ela apertava os dedos gelados no nervosismo do antecipamento da cena que ia ter com o futuro patrão.

— Andar... — perguntou o ascensorista querendo ver a frase completa.

— E'... é o segundo... — E ficou com raiva de si mesma, por ter gaguejado.

Os números graúdos passaram. Ela acompanhou a porta que ia descendo, e sentiu um gelo na barriga quando o elevador parou. — **E' agora!** O garoto que tinha cara de quem está aborrecido, abriu a porta de grades e disse como caixeiro de armazém quando avia uma lista de compras:

— Segundo andar... — parecia que êle ia dizer "que mais?"

Maria saiu. O elevador fechou-se atrás dela e desceu.

Então ela, quando se viu sòzinha no corredor de tapete de borracha encarnada (por que ela notou êsse detalhe?) sentiu-se desamparada e teve medo.

Foi procurando os números das salas. **Sala 3... 5... Deve ser do outro lado. 8. oito... 6. Ah! ali está! 8! Escrito numa placa de vidro.** Foi falar com o chefe. Automàticamente, sem saber porque, num gesto rápido, ajeitou o cabelo com a mão. Passou a língua nos lábios secos. E entrou. O chefe era um homem de cara gordaça sempre vermelha. Riso cínico. Com marcas redondas salpicadas pela cara. **Foi catapora**. Tinha um dente quebrado bem na frente. Falava entre pigarros arranhados. Ficou contratado o emprêgo. No dia seguinte começaria.

Foi desde êsse dia que ela começou a não ter mais sossêgo. O chefe sempre "mostrando como era", vendo o serviço, muito interessado. **Isso é só agora que eu sou novata aqui.** E êle fazendo sempre a mesma coisa, e o que é pior, com um progresso, sempre avançando. Como se ela nunca deixasse de ser caloura.

Ditava com a sua voz azeda, cartas comerciais entre pigarros arranhados e sarrentos. Eram cartas tão secas e materiais que o "Ilmo. Sr." lá em cima e isolado do texto por seis espaços, mais parecia mera convenção. E era mesmo. Numa, até que despedia um sujeito "por não ter satisfeito a firma", o "Ilmo. Sr." estava irônico lá em cima. E depois, no fim de cada carta ela colocava o nome do chefe: — (a) J. C. Felintro.

Ela achava aquele nome parecido com relincho de cavalo. E achava também que tinha de escrever à máquina debaixo daquele traço porque os garranchos que o patrão rasbicava em cima, cheios de riscos que iam e vinham, não se podia compreender.

Fingida, a cara gordaça do patrão durante as horas de serviço. Vivia a falar de promissórias, ofícios, caixas, débitos, lançadores de contas, faturas e outros nomes de complicações de papeladas. Mas quando terminava os expedientes, ficavam inexpressivos os papéis sôbre as mesas em arrumações amontoadas. E para a pobre Maria, para a Maria anônima, sempre havia "um favorzinho" que teria de fazer "se tivesse a bondade". Todos (e para Maria, TODAS, principalmente), saiam. E ficavam apenas, ela, a tamborilar na máquina de escrever, terminando algum papel que "só pode ser para hoje", e êle, o patrão, que nessas horas ainda queria ter autoridade. Mas, por debaixo da cara gordaça, por debaixo da casca barrigauda de chefe de escritório em progresso, um demônio segredava coisas. Às vêzes podia-se notar em seus olhos um brilho rápido que perpassava num sorriso de más intenções. A revelação momentânea de fauno que tinha desejos maliciosos dentro de J. C. Felintro, vendas e consignações. E bombardeavam-se, brigavam, esquivavam-se as palavras dos dois. As dêle com um tom amalandrado de voz safada. E as dela, envergonhadas, e se possível, enrubecidas. Êle prendia-a por momentos. Não que a sua prosa fôsse dessas que cativassem uma pessoa. Prendia-a sim, a figura do patrão que poderia despedi-la. Eram tentativas de sedução, ataques lisonjeiros, indiretas com pretensões a galanteios e, por momentos, aquela conversa tão direta, indo reta sôbre o assunto com uma insistência enervante e cretina. Martelando, martelando com uma teimosia de picapau atarefado. As palavras de Maria esquivando-se cabisbaixas. E ela doida para ir para casa... Ansiosa para acabar com aquilo, com aquêle suplício de todos os dias... Depois, o chefe vendo que nada conseguia, mandava-a embora e ficava disfarçando a arrumar alguns papéis sôbre a secretária. Como ficava diferente aquêle homem nessas horas... Êle que só tratava de comércio, começar com carinhos e mostrar-se interessado em uma pessoa... Mas, talvez fôsse uma espécie de comércio o que êle desejava...

Talvez fôsse...

E Maria saía dali com um sentimento de nójo, de culpa, de perseguida, com uma vontade desesperada de ir-se embora, de se acabar... de se rasgar... Tomava o ônibus sempre cheio de pessoas que pareciam não querer saber dela. Sempre repleto de pessoas que silenciosamente brigavam, a custa de arrumações espremidas de corpos suados. Todos só pensando em si mesmo. Almejando a conquista de um lugar mais cômodo no veículo superlotado. Sempre ocupado por pessoas suas inimigas! Todos inimigos! Ia tôda escura, sentindo a tristeza da côr cinza dentro de si. E aquela côr triste, acentuada ainda mais por aquêle princípio de sombra na claridade baça e amarela que pairava sôbre os edifícios de cimento armado. As sombras dos prédios sufocando as ruas. E quando já era quase noite acendiam-se as clareiras de luz dos postes elétricos. Os arranha-céus picados pelos quadradinhos das janelas iluminadas. As vitrinas, brilhantes de luz fluorescente, numa criatura da luz do dia. E os anúncios tremendo, apagando-se, reacendendo-se, rolando, brilhando em nervosismos luminosos. Por cima de tudo, o céu longe e ignorado. Se havia lua, ninguém sabia. E mesmo, a lua não brilha em cidades modernas. Havia luzes mais brilhantes cá na terra. Havia luzes mais brilhantes, mercadorias das companhias elétricas.

E chegava, sentindo uma sensação de quem encontra um amigo confidente, no seu quarto pequenino. Um cubículo, quase que uma prisão, mas tão bom... Que importava que viessem luzes do lado vizinho? Vozes que discutiam em teimosias de jogos de carta. Até altas horas da noite. De outro lado, o homem inglês. Êsse era calado.

— Dama!

— Ás de copas!

— Pega essa! Qu-iá! Qu-iá! — Qu-iá! Qu-iá!

Lá estava a risada escandalosa, corada e catarrenta. A julgar pela gargalhada o seu dono devia ser gordo.

— Viu, brutão!?

E a datilógrafa pobre pensando entre os tabiques azulados. **Ah! Laura danada! Era só o que faltava... Eu que ando fugindo do droga do Felintro, ir... Ora!... Era só o que faltava... Êle é que anda atrás de mim e a Laura pensando que eu que quero tomar êle, dela. Ela que fique com o danado...**

— Viu, brutão! Qu-iá! Qu-iá, — Huiá-há-há...

...que eu não quero saber dêle. Ela pensa que eu não já vi o jeitão dela tôda se derretendo... ora... Eu quero é encontrar outro emprêgo que deixe a Laura livre. Ela que lamba, que engula logo o chefe... Êles vão ver!

E começava a rezar as três Ave-Marias de tôdas as noites. E as Ave-Marias confundindo-se com histórias sem nexo. As orações rezadas umas dez vêzes nenhuma delas perfeitas, na sonolência semi-inconsciente dos princípios de sonho. E dormia, embora os baques cavos das pauladas na mesa do quarto vizinho se sucedessem numa precisão quase matemática.

— Essa vai ser minha...

— Ia! — Pancada na mesa (Pun!).

— Viu? — Outra pancada (pun).

— Qu-iá! Hu-iá! iá, iáaa...

A gargalhada encatarrada... Ave Maria cheia de graça, o Senhor é convosco... Vou ter um emprêgo... Amanhã... Semana inglêsa, ora... bendit'é o fruto do vosso ventre Jesus. Ô que pulga... Vão ver!

Numa tarde, quando ela voltou de uma casa de brinquedos onde foi pedir emprêgo, ela chorou. Era um de seus choros. Apenas um dêles...

O mulato-gerente disse que ela não tinha lido direito o anúncio. E cheio de "ss" e "rr" em afetações de seu sotaque carioca, o mulato perfumado falava. Êle disse **que não, que ela não servia**. E ela tinha que continuar no escritório de Felintro. Ela empertigada, firme, procurava não parecer ridícula. Tinha as orelhas em fogo e um riso desconcertado teimava em suspender-lhe os cantos dos lábios vermelhos. Ela ainda quis protestar, mas aí notou que ia se fazer de mercadoria, se valorizar.

— Quer dizer que eu... E esperou a resposta que ela já sabia qual seria.

— E', minha filha, não... E êle entortava a cabeça, afinando a voz, procurando explicar. E fez um gesto com os ombros que completava desesperadamente a frase.

Maria retirou-se com um movimento brusco, querendo mostrar desprêso. Sacudiu o cabelo. A risadinha em quadradinhos, de um caixeiro, picotou o espaço dando pulinhos saltitantes de borracha. Ela só ouviu isso embora um som apertado de flauta de lata subisse e descesse e muita gente falasse.

Quando chegou "em casa" pegou o jornal. Marcado por um lapis: "Moça com boa aparência para servir em casa de brinquedos. Paga-se bem. Rua..." Ela leu o resto do anúncio, aérea, porque logo nas primeiras palavras ela viu num instante porque foi mesmo que lhe aconteceu **aquilo**. Deixou cair os braços, fitou o cromo da pequena do "crochet", sem olhar nada. Seus olhos foram adquirindo mais brilho perto dos cílios inferiores e por fim, tremeram hesitantes duas lágrimas que pingaram no jornal. A sua bôca começou a se mover em contrações como se ela fôsse falar. E depois precipitou-se numa arremetida de fôrça presa, o desabafo do primeiro soluço. Maria curvou-se sôbre o jornal e chorou baixinho para ninguém escutar. Depois foi se mirar no espelho amarelo que tinha umas manchas da côr de azinhavre. Viu a sua imagem turva. Passou a mão nos olhos e era a mesma ainda. Começou a achar defeitos onde não existiam e a acentuar os visíveis. Seu aspecto de fato não era dos melhores. Estava um pouco magra mas (ela achava) não era muito, também.

— Ah! Bandido!

Êsse insulto ela atirou não sabe se para o mulato ou se para o Felintro antipático. Mordeu os lábios excessivamente vermelhos que tremiam. Êles ficaram com a marca dos dentes, mais vermelhos ainda. Atirou-se na cama sem um consolo, a coitada. **(Vai chorar na cama que é lugar quente)**. E ela viu uma pessoa rindo com escárneo, indiferente. Era Laura! Em seu rosto, nos dois montículos de carne avolumados com o riso, um brilho. As bochechas coradas do J. C. Felintro... A cara redonda de lua cheia do chefe, rindo também atrás do rosto de Laura. Dentes se mostrando, bocas gargalhando, dedos apontando, o homem gordo que joga ri, todos riem). Deitada de bruços via-se as suas costas agitadas em convulsões de chôro sentido.

— Ah! Bandido!

——oOo——

Acorda a Maria anônima. Tem uma vontade de tossir. Levanta o busto magro e enfraquecido. Os olhos abrem-se desmesuradamente. Ela se agita. Tem um acesso de tosse. Duma tosse sêca. Deita-se novamente arfando cansada os seios mirrados.

Êle não a persegue mais. Está magra. A Laura é loura e bonita.

Um fiozinho dum líquido da côr de vinho escorre da bôca de Maria.

Talvez fôsse o suco daqueles lábios vermelhos, polpudos como o Amor...

"Toilette" para a noite em organdi lavrado. Fôrro de renda. Sugestão de Joan Fontaine, da Universal International

NOS BASTIDORES FEMININOS

VOCÊ me surpreende... Você que com os seus quinze anos de idade apenas, já demonstra possuir tanto conhecimento da vida, já adquiriu uma incrível prática no "flirt", já resolveu abandonar a passividade que, no terreno das conquistas, caracterizava as mulheres de alguns anos passados, para tomar a "ofensiva". Você que num ônibus ou num cinema, resolve conquistar o rapazinho da Aeronáutica, empregando para isso recursos que até então só uma verdadeira "vamp" empregava... Você, que com os seus olhares e atitudes faz com que o mocinho compreenda que o caminho está livre... E' só êle querer e... pronto; êle passará a figurar na longa lista dos seus namoradinhos; êsses rapazinhos que a levam ao cinema, a beijam, abraçam, etc, etc.... Tudo isso você encara com uma santa ingenuidade. E o que tem isso? "A gente tem que namorar, não é?" Então, toca a namorar o primeiro que apareça, desde que, fisicamente, êle não faça muito feio. "Veja lá se quero ser vista ao lado de algum "espeto?" Não é assim, menina de quinze anos? Não é assim que você pensa e age? Infelizmente isto é verdade. Infelizmente você, menina de quinze anos, está presente, com tôda a sua falta de moral e de dignidade, em qualquer ponto da cidade. Infelizmente você com o seu pouco pudor e nenhum amor próprio, vive assim, exposta à opinião do mundo e ao comentários maldosos, exibindo, talvez até mesmo inconscientemente, o mal de uma época. Infelizmente, você mesma está traçando a sua própria ruina, a sua própria desgraça. Lembre-se que os seus quinze anos não serão eternos; êles passarão, mas muita cousa feita nessa época deixará marcas profundas para tôda a vida. Não pense, menina de quinze anos, que a sua vida é um filme. Em geral, nos filmes, as "Gildas" são apresentadas com tanta candura, têm sempre um final tão bonito (com flores de laranjas, véo, etc....), que você é levada a crer que o mesmo acontece na vida real. Mas não se iluda. O final, só é bonito no cinema. Na vida real tudo é diferente e mais amargo. Na vida real, elas, as "Gildas" acabam envelhecidas prematuramente, abandonadas, esquecidas, isoladas e desiludidas. Raramente, muito raramente mesmo, encontram um homem disposto a aruinar o seu nome e o seu sossêgo para torná-las mais do que simples "amiguinhas". Observe, menina de quinze anos, que não são as moças mais levianas que casam e são felizes. Em geral, são felizes aquelas que sempre souberam manter uma atitude decente e digna; aquelas que inspiraram não só o amor, mas também a confiança, o respeito e a consideração do homem. Ouça, menina de quinze anos. Não acredite na história da "Gilda" nem da de outras que o cinema imprudentemente anda por aí contando. Deixe de dar "vantagens".

KITTY

A VOLTA DO *Organdi*

Organdi vai renascer neste verão. Até agora, somente era visto nos vestidos das crianças, porém, na nova estação o veremos vestindo mocinhas, moças e até senhoras. Para as últimas, naturalmente, os modelos não serão tão amplos e vaporosos. Jacques Heim, por exemplo, apresenta um modêlo em organdi branco, todo bordado em rosa pálido. Maggy Rouf apresenta um modêlo também em organdi branco, com grandes pastilhas bordadas. O corpete é justo, transpassando na frente e atrás. Balenciaga sugere um modêlo em organdi branco com flores aplicadas em todo êle. Cintura formada por faixa drapeada de tafetá preto. Jacques Griffe criou um modêlo que tem a saia coberta de rosas aplicadas. Gola estilo Maria Antonieta, transpassado na frente. Finalmente, em cima, gracioso modêlo em organdi branco com babados ao redor do decote e na saia, bem ampla.

Uma pequena elegante deve ter um vestido apropriado para cada hora, é o que diz Jacqueline White, "estrelinha" da RKO que ilustra as suas palavras com os seus próprios modelos:

À ESQUERDA — Para um baile, nada mais elegante do que êste vestido em crepe romano com corpo longo, todo franzido, decote quadrado e saia **godet.** AO ALTO — Um modelinho esportivo e gracioso é êste de linho branco, com saia **godet** e bolero sem gola, completados por uma blusa de largas listras brancas e verdes. Na página ao lado, em baixo: Vai à praia dar um passeio? Então êste vestido em sêda ou algodão de listras lhe servirá. A gola quadrada, aberta atrás, é em **piqué** branco. AO ALTO: Um modêlo para um **cocktail** ou um jantar um pouco mais cerimonioso. E' em gaze preta, com pinturas na saia. Faixa de **faille** rosa presa com grande fivela dourada

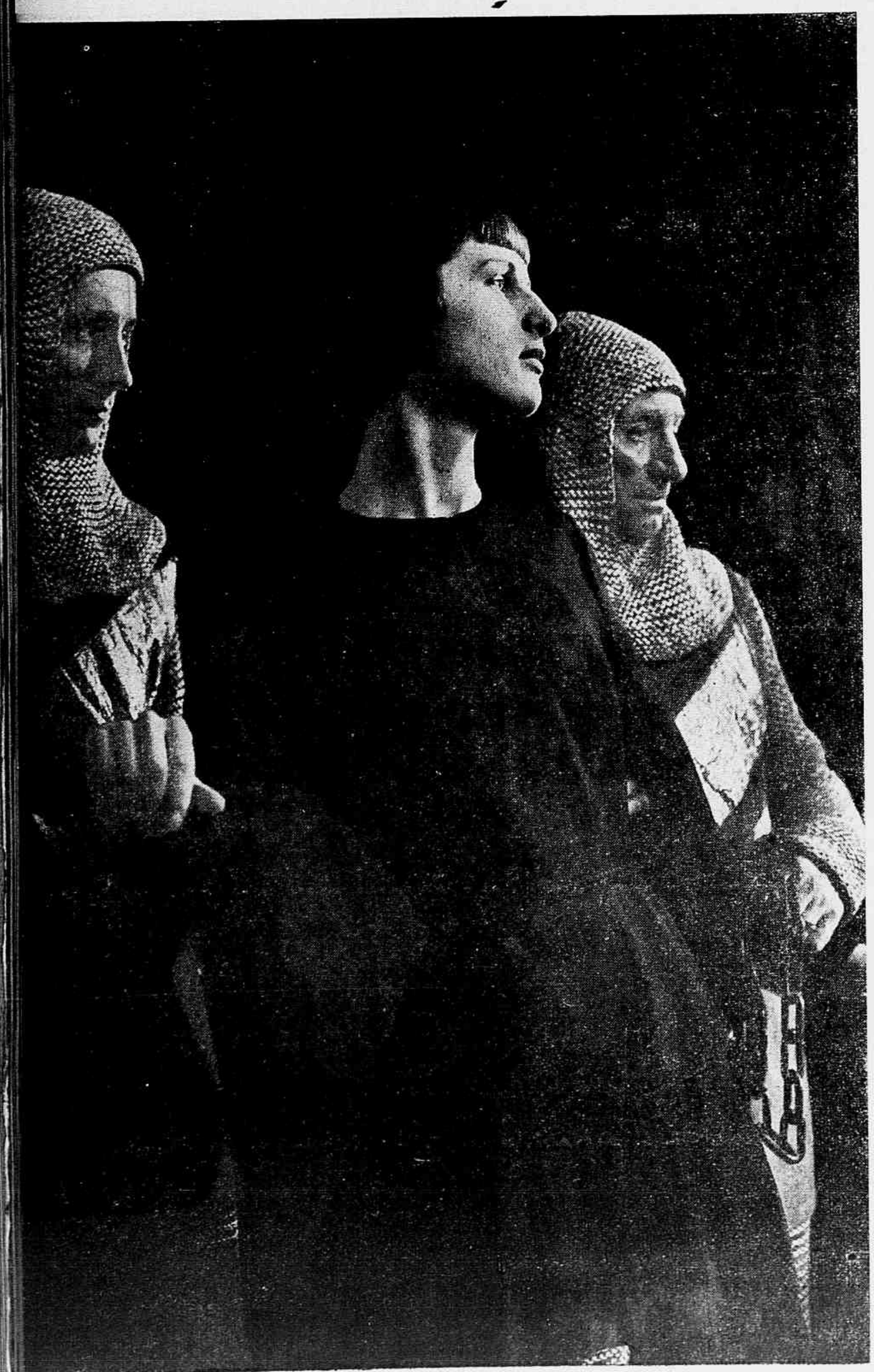
de couro recortada na frente
Para uma visita à tarde, experimente êste vestido de **jersey** branco, de gola alta, mangas "três quartos", saia em pregas soltas e cinto

SUGESTÕES DE *Jacqueline* WHITE

O TEATRO

O FESTIVAL

EM CIMA — Cena da apresentação das Valsas do "Cavalheiro da Rosa" pelo grupo do Ballet Volkoff. EM BAIXO — Cena fotografada durante a excelente representação de Miss Olga Landiak no papel da Virgem de Orleans, na peça de Shaw "Santa Joana", apresentada pelo Teatrinho de London durante o Festival do Drama



PELA primeira vez o Canadá realizou, no corrente ano, um Festival Nacional de Ballet".

No teatro Odeon, em Winnipeg, Província de Manitoba, três grupos de artistas não profissionais — o "Ballet de Winnipeg", o "Ballet Canadense Volkoff" de Toronto, Província de Ontário, e o "Grupo de Danças Modernas Ruth Sorel" de Montreal, Província de Quebec — apresentaram-se durante dois dias em espetáculos que não tinham, entretanto, o caráter de uma competição. Centenas de entusiastas de Winnipeg aplaudiram cada um dos espetáculos os quais deram oportunidade a que fôssem apreciados bailados criados pelos diretores dos grupos que se apresentaram.

Exceção feita ao "Capítulo 13", moderno "ballet" melodramático focalizando um "gangster", uma rainha burlesca e uma aldeia boêmia de Greenwich, o "Ballet de Winnipeg" e o "Grupo Volkoff" mantiveram-se durante seus espetáculos dentro das tradições clássicas. Seu programa incluia "Gisele", as Valsas do "Cavalheiro da Rosa" e "Estudo", um bailado clássico sôbre música de Chopin. As "performances" coreográficas apresentadas pelo "Grupo Ruth Sorel", se bem que modernas em sua concepção, também não se afastaram de um tema tradicional característico.

O sucesso do Festival estimulou os artistas à aspiração de um maior renome nacional. Logo após aqueles dois dias de representações, teve lugar uma reunião das companhias, sendo então constituída uma sociedade nacional do "ballet", a qual recebeu o nome de "Canadian Ballet Associates".

A nova sociedade servirá de traço de união entre os grupos de "ballet" do Atlântico ao Pacífico e lutará pela organização de espetáculos itinerantes e um festival nacional cada ano, que não tenha caráter de competição.

A principal finalidade da sociedade recentemente criada é incentivar o interêsse pelo "ballet" no Canadá, de maneira a que as companhias e os artistas canadenses se sintam em condições de poder satisfazer às suas próprias necessidades nêsse setor particular da arte.

O TEATRINHO DE LONDON

O notável sucesso alcançado pelo IX Festival do Drama realizado no Canadá no decorrer deste ano foi um bom presságio para o teatro canadense. Espectadores entusiastas na capital do país tiveram oportunidade de assistir a uma semana de representações, tanto em inglês como em francês, nas quais tomaram parte as melhores "troupes" de todos os cantos do Canadá. Algumas companhias revelaram tal competência que chegaram mesmo a merecer palavras de encômio dos mais "blasés" dos frequentadores de teatro. A interessante peça de Shaw, "Santa Joana", levada à cena pelo Teatrinho de London, província de Ontário, foi definida pelo ator britânico, conferencista e escritor Robert Speaight, como "mais que um espetáculo — uma experiência".

Crítico dos mais minuciosos, é quem se diz que pesa as palavras.

De **J. MORIS** para "E

Na foto à esquerda, aparecem bailarinas das zonas oriental e ocidental do Canadá, bilidades do "Canadian Ballet Associates". À direita: o diretor Kenneth Baskette

NO CANADÁ DO "BALLET"

o sr. Speaight declarou que Olga Landiak dera ao papel principal a interpretação mais satisfatória de que êle se lembrava — e, entretanto, não se esquecera do desempenho de Dame Sybil Thorndyke, cêrca de vinte anos antes. Tão comovente foi a interpretação que deu ao seu papel a jovem de London, que Speaight se sentiu impelido a escrever a George Bernard Shaw, falando-lhe da sua arte "Repeti esta opinião numa carta que dirigi ao autor", declarou êle ao conceder a Miss Landiak o prêmio que lhe coube como melhor atriz do Festival.

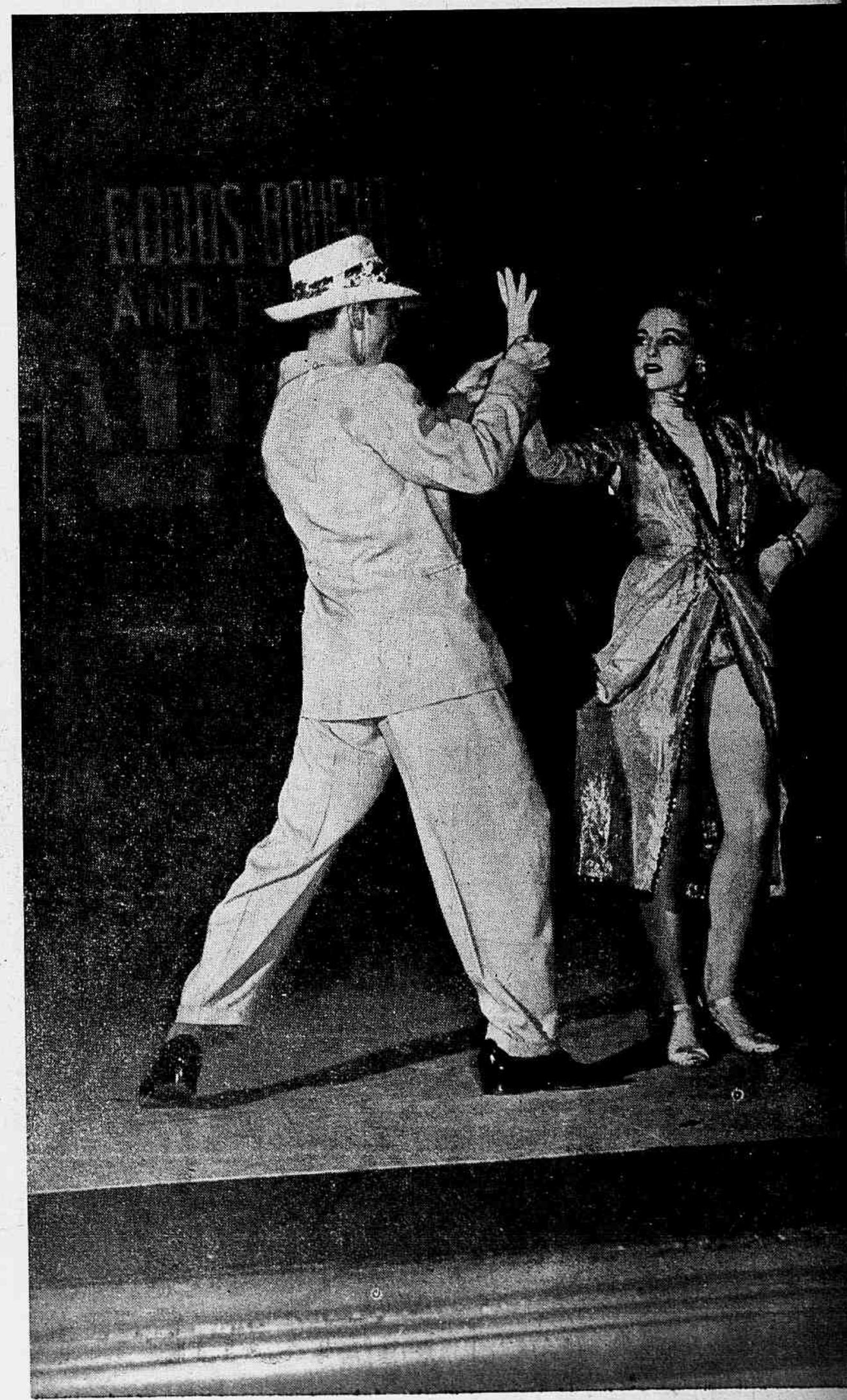
No Canadá ainda não se pode fazer do teatro um meio de vida, e a falta de "troupes" profissionais torna impossível a carreira teatral. O concurso anual, porém, que se realiza de uma ponta a outra do país, além de constituir uma inegável atração como acontecimento de gala e um elemento de valor cultural, desenvolvendo o interêsse e a participação em atividades dramáticas, oferece ainda aos ambiciosos jovens atores e atrizes ampla oportunidade de obterem fama. Torne-se Miss Landiak a grande atriz que promete ser, ou decida ela seguir uma estrada diferente, a verdade é que a sua participação no Festival do Drama do Canadá lhe abriu novas perspectivas e tornou conhecido o seu grupo. Graças à sua magnífica interpretação e à ótima qualidade do elenco que com ela contracenou, o Teatrinho de London conquistou o troféu Bessborough.

Êsse cobiçado prêmio, instituído em 1933 pelo fundador do Festival do Drama do Canadá e ex-governador geral do Canadá, Conde de Bessborough, é concedido à **troupe** que obtém o maior número de pontos na competição nacional anual, numa peça em francês ou em inglês. Durante sete proveitosos anos, essa iniciativa inspirou aos amantes de teatro de todo o país, grandes realizações. Ao rebentar a guerra, seguiram-se sete anos vazios, durante os quais foi interrompida a competição, sendo esta restabelecida em 1947. A realização do Festival no "Grand Theatre" de London, no ano passado, foi um tributo à organização teatral de amadores da cidade, cujos esforços estão fazendo ràpidamente dêsse centro da parte ocidental da Província de Ontário, segundo a opinião de muitos, a capital teatral de lingua inglêsa do Canadá

Essa liga dramática, entretanto, não é uma organização destinada a ter lucros pecuniários. Qualquer quantia que sobre é empregada em melhoramentos do "Grand Theatre" e na expansão das atividades teatrais nas regiões circunvizinhas.

O Teatrinho de London está trabalhando em prol da organização de um teatro de repertório canadense. Com o interêsse despertado pelas competições nacionais e regionais do Festival do Drama do Canadá, os vencedores do Troféu Bessborough, para o ano em curso, poderão encontrar rivais em outros pontos do Canadá. Mas o público continuará a contar com a sua guia e a sua inspiração, pois que êles escreveram um novo e estimulante capítulo na história da arte dramática.

EM CIMA — Grupo de bailarinas do Teatrinho London, em Ontário, exercitando-se sob a direção de Berenice Harper. EM BAIXO — Cena tomada com Jean McKenzie e Reginald Hawe durante a apresentação feita pelo Ballet de Winnipeg do bailado moderno "Capítulo 13", com música de George Gershwin e coreografia da diretora do grupo, Miss Gweneth Lloyd



Durante uma ceia realizada após o Festival do Ballet, discutindo com entusiasmo as possíveis últimas instruções a estudantes participantes dos espetáculos do Teatrinho de London

Modêlo em tafetá listrado. Grande laço arrematando a gola. Criação de Jacques Heim

À ESQUERDA — Em "shurah", com grandes "pois". Jaqueta sem mangas deixando aparecer as mangas da blusa. À DIREITA — Em sêda ou "surah"; decote quadrado, grande gola formando capeline. Modêlo de Germaine Lecomte. EM BAIXO — Também em linho é o modêlo de Nina Ricci, obtendo-se a impressão de cintura fina por meio de nervuras. De Marcelle Dormoy, modêlo em tecido "double-face". A blusa forma "basque" imitando jaqueta

Modêlos FRANCESES

Chapéus

Os chapéus pequenos dão maior realce ao rosto e podem ser usados em qualquer estação do ano, de preferência, porém, à tarde e à noite. Aqui, Joan Fontaine, da Universal International, nos sugere dois encantadores modelos: o primeiro em palha preta, aba estreita e reta, copa com crina e grande rosa rubra. O segundo em **tulle** negro, saindo sôbre um lado do rosto e enfeitado com papoulas e "aigrettes". De Virginia Mayo, a encantadora "estrêla" de Samuel Goldwyn, "toque" de palha em côr natural, coberto de violetas e rosas de diversos tons

À **esquerda:** Modêlo de Jeanne Lanvin, em tafetá lavrado. Grande decote nas costas, drapé sôbre o busto. Saia amplíssima, com grande banda atrás, caindo em forma de cauda. Em crepe de sêda branco, é executado êste modêlo, também de Lanvin, com drapeados na saia e na blusa. A parte drapeada da saia é mais curta, alongando-se para o lado oposto. **Em baixo:** Para mocinhas Heim criou êste modêlo em tafetá com incrustrações de rendas

Estampamos nesta página, três encantadores e originais modelos para noite, que sem dúvida farão realçar a sua elegância e o seu encanto pessoal. São modelos de Jeanne Lanvin e Jacques Heim, portanto a última palavra em elegância.

para a noite

Refinamento

Estampamos aqui, modelos para a intimidade. E' na roupa íntima que a mulher revela tôda a sua sensibilidade. Numa camisa de noite, num pijama ou uma **liseuse.** Os modelos que aqui apresentamos atestam o bom gôsto dos seus criadores, como você atestará o seu bom-gôsto na sua escôlha

Jaara

Para tôdas as horas e todos os gostos, temos, nestas duas páginas vários modelos elegantes e sugestivos que você por certo apreciará. Na página ao lado, ao alto, à esquerda, modêlo de Jacques Fath em tafetá de duas cores. À direita: uma sugestão em organdi branco e estampado, maravilhoso modêlo para a tarde. Em baixo: dois notáveis modelos para noite; o primeiro **surah** preto e verde musgo; o segundo em **moiré** côr de ouro. Nesta página, ao alto, modêlo em sêda lilás com "pois" brancos e azues, no canto, à direita, elegantíssimo modêlo para tarde

todos os gostos

Liga dos Direitos da Mulher

Na sede da Liga dos Direitos da Mulher. Dia de assembléia geral extraordinária. Hora e meia após a marcada para a sessão, começam a aparecer as sócias. Verifica-se, ainda assim, uma relativa exatidão, porque, dentro de alguns minutos, fica a sala cheia; quer dizer: chegaram quase todas ao mesmo tempo. Grupinhos amistosos; impressões de "toilette"; cumprimentos, beijos, perfidiazinhas... Chega, enfim, apressurada, descalçando as luvas, a presidente. Forma-se rapidamente a mesa. Campainha.

A PRESIDENTE — Está aberta a sessão.

MME. SILVA — Peço a palavra!

TODAS AS OUTRAS — E eu! E eu!

PRESIDENTE — Um momento. Mais uma vez, e desta com a maior instância, rogo às prezadas consócias que se restrinjam ao assunto em questão. Trata-se...

VÁRIAS VOZES — Bem sabemos, bem sabemos!

PRESIDENTE — Atenção! Trata-se, repito, do projeto apresentado à Câmara dos Deputados pelo dr. Maurício de Lacerda, estabelecendo o sufrágio feminino, e da atitude que devemos assumir perante tão magno acontecimento. Escusado é recordar...

MME. SILVA — Sim, sim, é escusado!

TODAS — Escusadíssimo! O que lá vai, lá vai! Deixemo-nos de coisas tristes! História antiga! Muito bem! Muito bem! **(Salva de palmas destinada a pôr têrmo à oração da presidente, mas que esta interpreta como um incentivo para continuar.)**

PRESIDENTE — Agradeço os aplausos da ilustre assembléia, nos quais, menos que uma homenagem à minha insignificante pessoa, sinto um justo protesto contra a impaciência daquelas que tentaram impedir-me de concluir.

MME. SANTA — Muito bem! Peço a palavra!

MME. SILVA — Perdão! Eu tinha-a pedido antes!

VOZERIA GERAL — E eu! E eu!

PRESIDENTE, **fazendo retinir a campainha** — Quem primeiro pediu a palavra foi Mme. Silva. É, portanto, a ela, na forma do artigo 1º § 1º dos Estatutos, que a devo conceder.

MME. SOUSA — Não apoiado! Requeiro a leitura do artigo e parágrafo citados.

PRESIDENTE, **à secretária** — Queira proceder à leitura.

SECRETÁRIA, **abre os Estatutos e lê** — "Artigo 1º — Os fins desta sociedade..."

PRESIDENTE — Adiante: parágrafo 1º.

SECRETÁRIA, **lendo** — "Parágrafo 1º — Durante os debates falará uma sócia de cada vez. Esta será sempre a que primeiro o houver solicitado da presidência..."

MME. SILVA — E' quanto basta.

MME. SOUSA — Perdão! **(Dirigindo-se à Mesa)** — Faz ponto?

SECRETÁRIA — Não, senhora: vírgula.

MME. SOUSA, **triunfante** — Bom! E que mais?

SECRETÁRIA, lê — "Obtendo deferimento."

MME. SILVA — E' o meu caso.

MME. SOUSA — Não é tal. A presidência não lhe concedeu a palavra.

MME. SILVA — Mas também ma não negou.

MME. SOUSA — Está subentendido.

MME. SILVA — Protesto! Quem cala consente.

MME. SOUSA, **à presidente** — V. Exª calou?

PRESIDENTE — Apelo para a gentileza das nobres colegas, a fim de que ponham têrmo a essa discussão.

MME. REIS — Isto mesmo. Desistam ambas... em meu favor.

PRESIDENTE — Tanto mais que estamos perdendo um tempo precioso. Insisto em chamar a atenção da ilustre assembléia para a relevância do assunto de que nos vamos ocupar. Ao cabo de tantos esforços inúteis, minhas senhoras, quando a nossa propaganda parecia ter sofrido o golpe de morte da indiferença pública, eis que, subitamente, inesperadamente, um deputado, honra e brilho da classe, cheio de talento, bonito rapaz, ainda por cima...

MME. ARAÚJO — Bonito, francamente, não acho.

MME. COSTA — Como não? Mas é belo, belíssimo! V. Exª não o conhece bem.

MME. ARAÚJO — Ora, essa! E' até visita de minha casa. Ainda na quinta-feira, dia dos meus anos, lá esteve!

MLLE. FONSECA — E' verdade. Posso dar testemunho disso.

MME. ARAÚJO, **perversazinha** — Por sinal que dançou com V. Exª bastantes vêzes...

MLLE. FONSECA, **ruborizada** — Não seja maliciosa...

MLLE. SOARES — Peço licença para enviar à mesa um pedido de informações.

PRESIDENTE — Queira aguardar a oportunidade.

MLLE. SOARES — Trata-se, porém, de matéria urgente!

PRESIDENTE — Nesse caso, pode V. Exª fazer o pedido mesmo verbalmente.

MLLE. SOARES, **com a maior seriedade** — Desejo saber se o deputado em questão... é solteiro. **(Risos)** Não sei, realmente, o que haja nisso de extraordinário! **(Redobra a hilaridade).**

PRESIDENTE, **que tirou do "réticule" um espelhinho e corrige certos detalhes do penteado** — Atenção! **(Continua preocupadíssima com as "belezas" rebeldes).**

MLLE. SOARES — Não compreendo, repito, o efeito causado pelo meu pedido de informações, que considero perfeitamente compatível com a dignidade da casa, com a minha situação social e **(acentuando)** com a minha idade.

MLLE. FONSECA — Que idade tem V. Exª?

MLLE. SOARES — Vinte e dois anos.

MME. MENDONÇA — V. Exª labora em êrro.

MLLE. SOARES — E V. Exª não é capaz de provar o que afirma!

MME. MENDONÇA — Nada mais fácil. Basta lembrar-lhe que andamos juntas no colégio, eu nas **pequenas** e V. Exª nas **grandes.**

MLLE. SOARES, **indignada** — Porque eu me desenvolvi muito cedo, tanto física como intelectualmente. Ao passo que V. Exª sempre foi, em tudo, **nanica!**

MME. MENDONÇA — Oh, sua malcriada!

VOZES — Ordem! Ordem! Isto é um escândalo! Por estas e outras é que não nos tomam a sério! Que faz a Mesa, que não intervem? Para que serve a campainha?

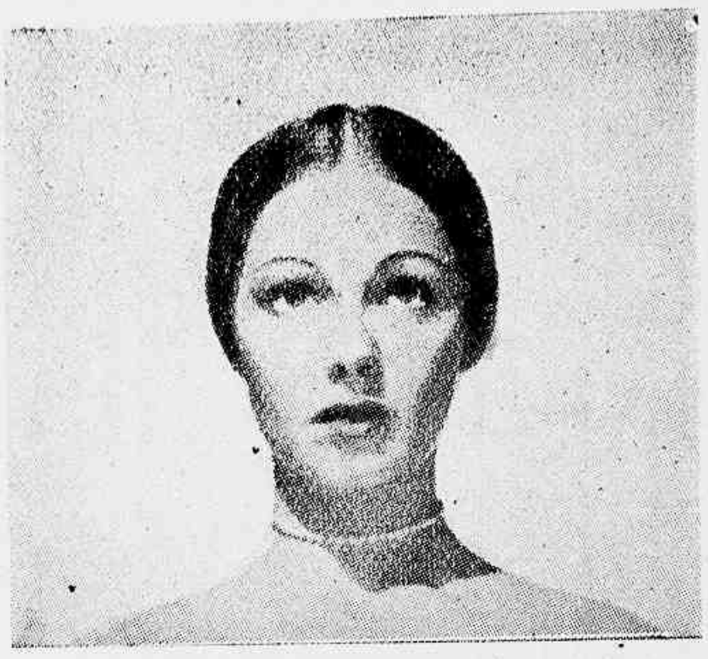
UMA VOZ, **tarda e isolada** — Até parece que já estamos na Câmara!

BERREIRO GERAL — Ordem! Ordem!

SECRETÁRIA, **dando uma cotovelada à presidente** — Deixe isso duma vez!

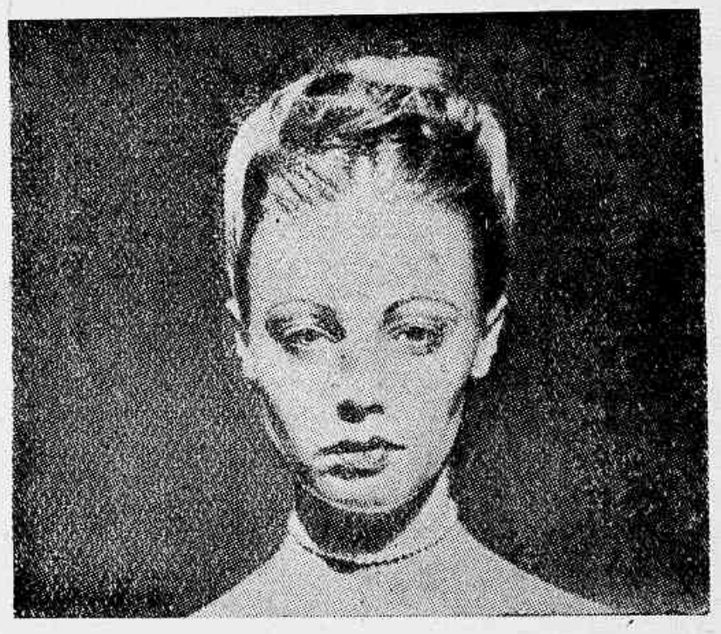
(Continua na página 54)

Conto dialogado de **JOÃO LUSO** ★ Ilustração de **JERÔNIMO RIBEIRO**



NÃO! Um sorriso alegre e jovial, não poderá vir dêstes lábios de "vamp demodé". O aspecto é de uma mulher já muito vivida. E por que? O penteado envelhece e o "maquillage" vulgariza.

NÃO! "Bandeaux" florentinos muito acentuados. Olhos muito pintados; sobrancelhas muito marcadas. Tudo dá a idéia de que se trate de uma mulher fatal de 35 que quer passar por 17.



NÃO! E a expressão interior? Para que êste "ar" alucinado que está tentando inspirar? Desista dêsse aspecto de quem está permanentemente triste, ou à procura de um sonho irrealizável.

A BELEZA AOS DEZOITO ANOS

NESSA época, as mocinhas devem ter o cuidado de não imitar as senhoras em idade balzaquiana. Os conselhos que Danny Robin, do cinema francês, dá a tôdas as jovens do mundo, são simples: nada de "maquillage", ou pouquíssima e muito natural; bastante legumes verdes para manter a tonalidade e a frescura da pele; passeios ao ar livre; nos cabelos uma ligeira ondulação e muitas escovadelas por dia e, quanto à expressão, ela deverá traduzir a espontaneidade e a alegria de viver.

NÃO! Sofisticada... Também não é recomendável. E' uma personagem falsa e inadequada... Agora, veja à esquerda: eis Danny Robin e eis como deveriam ser tôdas as adolescentes do mundo: simpáticas, simples e naturais.

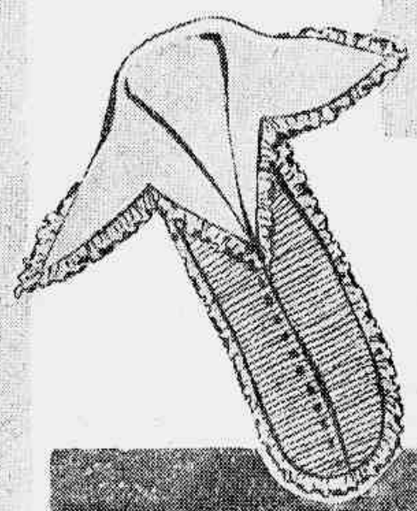
DETALHES EN

Eis o "movimento" para trás de Christian Dior! Arrojado e perigoso, não acham?

Um sapato para a noite, feito em tira de "lamé" prateado

Um chapéu de palha branca, com aba drapeada. Flores sôbre a mesma. Véu preto

Gola e peitinho de organdi branco com babados e nervura-

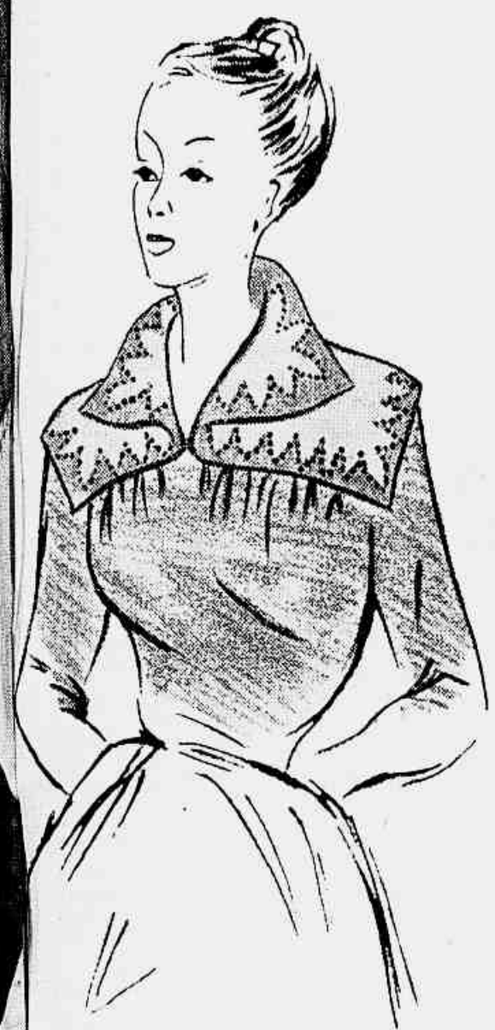


Complementos para a praia. O chapéu de fustão branco. A blusa vermelha e branca. As sandálias vermelhas

A última novidade de Carven, é esta bolsa com gaveta. Poderá ser confeccionada em veludo negro, gaveta em baquelite também negra, adornos em metal dourado

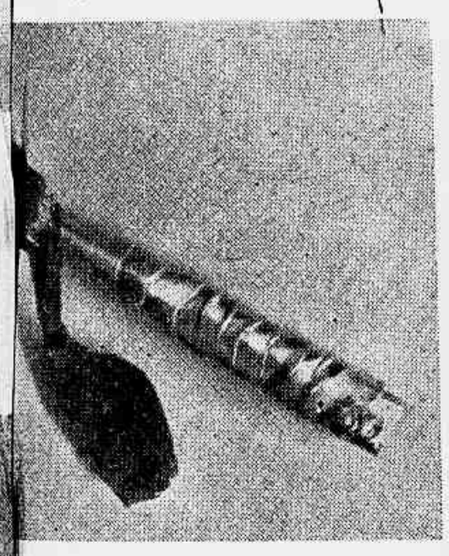
NOVIDADES

Uma pala de organdi rosa bordada, aplicada sôbre um vestido preto

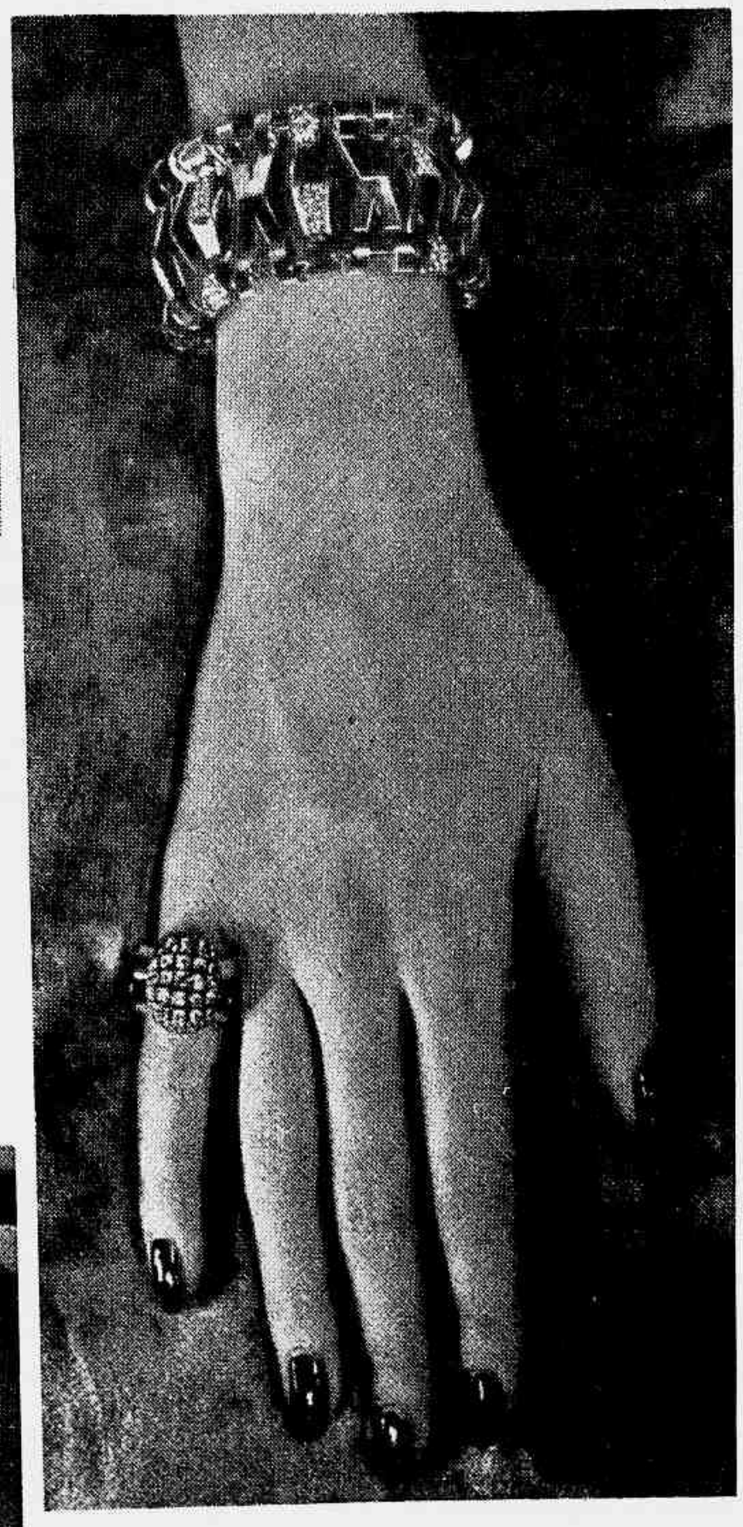


O bordado é a grande moda. Modêlo para a noite, de Robert Piguet

Luvas em pelica havana com cano "godet"



Cabo de guarda-chuva modernissimo, em metal dourado



Um rico jôgo de pulseira e anel, em ouro com rubis e diamantes

★

Numa saia de baixo, fitas de veludo enfiadas em entremeios de linho

A BELEZA DAS MÃOS

AS mãos muitas vêzes envelhecem prematuramente, principalmente quando não recebem os devidos cuidados. Jacqueline White, "estrelinha" da RKO, ilustra aqui alguns dos seus sistemas para manter a beleza e a mocidade das mãos.

1 Naturalmente, o primeiro passo é a limpeza. Mãos bem lavadas, unhas limpas e em seguida a aplicação de um bom creme ou de uma boa loção. O creme ou a loção são aplicados da ponta dos dedos para baixo, e nesse sentido também é feita uma ligeira massagem, como se estivesse calçando luvas.

2 Ao redor das unhas, em geral, a cutícula se torna grossa e áspera; Jacqueline aplica um óleo próprio, fazendo massagens nas pontas dos dedos, ao redor das unhas.

3 E convém nunca esquecer os cotovelos. O creme pode e deve ser aplicado até atingí-los. Também naqueles pontos ela faz massagens em sentido giratório, deixando que o creme permaneça durante 1/2 hora, retirando depois o excesso com um papel adequado.

E' fácil, portanto, o sistema de Miss White, e os resultados são excelentes. Vamos tentar?

week-end NA COZINHA

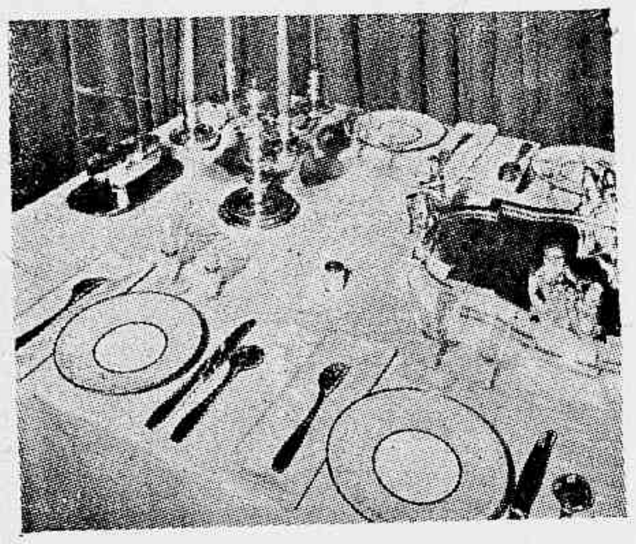
Se você trabalha e ao mesmo tempo deve dirigir o seu lar, certamente encontrará em seu caminho muitas dificuldades. Uma delas, sem dúvida, se refere às empregadas; coisa que se torna dia a dia mais difícil e complicada. Em parte, porém, êsse mal veio beneficiar a própria mulher, pois levou-a a se interessar diretamente pelos problemas domésticos, coisa que há algum tempo atrás, não acontecia. Confiamos então, em dedicadíssimas empregadas, confiando-lhe a direção da casa. Senhora alguma que se prezasse, entrava na cozinha; quanto a sair à rua para fazer compras, seria humilhação. Hoje, felizmente, em consequência do péssimo serviço de empregadas, passou a mulher a se interessar mais pelas suas coisas e, é assim que as vemos nas feiras, nos mercados, nos armazéns e nas quitandas, fazendo compras, regateando nos preços, etc. Você então, que não dispõe de muito tempo, deve aproveitar o pouco que lhe reste, para a sua tranquilidade e em benefício do seu próprio bolso, habituando-se a fazer as suas próprias compras, o que poderá ser num sábado à tarde ou num domingo pela manhã (tendo geladeira, bastará fazer compras uma vez por semana). Para evitar desperdício, convém também organizar um "menu" para a semana, comprando então, só o que se tornar necessário para a sua realização.

★

PARA O SEU MENU

BIFES DE CEBOLADA À PORTUGUÊSA

Ingredientes: 1 quilo de filé de alcatra, 125 grs. de banha, 125 grs. de manteiga, 2 colheres, das de sopa, de vinagre, 5 cebolas, sal e pimenta.
Preparação: — Trata-se da carne, corta-se em bifes finos que se batem ligeiramente com o soquete, temperam-se com sal e pimenta e fritam-se com as cebolas. Quando os bifes estiverem corados e as cebolas doiradas, junta-se-lhes o vinagre e retira-se do fogo.



Mesa para um jantar íntimo

★

FAROFA DE INHAME

Ingredientes: 1 ou 2 raízes de inhame; 100 ou 200 grs. de manteiga, sal.
Preparação: Corta-se o inhame em rodelas e leva-se para cozinhar em água e sal; depois escorre-se e leva-se ao fôrno para secar. Em seguida corta-se em pedacinhos que se esmagam com um garfo e passam-se em uma peneira grossa. Juntam-se-lhe a manteiga, anteriormente derretida e uma pitada de sal. Mistura-se tudo muito bem com o garfo, põe-se numa travessa e serve-se com um assado qualquer.

★

ANGU À MINEIRA

Ingredientes: 250 grs. de fubá de milho, sal.
Preparação: Lava-se o fubá, põe-se numa caçarola, junta-se-lhe água quente e um pouquinho de sal e leva-se ao fogo mexendo-se continuamente com uma colher de pau. Deixa-se ferver bem e engrossar. Depois põe-se numa travessa. Serve-se com feijão ou picadinho.

★

SALADA DE ASPARGOS COM COUVE-FLOR

Ingredientes: 50 pontas de aspargos, 1 couve-flor, 2 colheres das de sopa, de vinagre, 5 idem de azeite, 1 colher das de café, de mostarda, 2 ovos cozidos.
Preparação: Cozinham-se os aspargos e a couve-flor em água a ferver com um pouco de sal e deixam-se arrefecer. Corta-se a couve-flor em pedaços e junta-se os aspargos. À parte batem-se as gemas com o azeite e a mostarda, acrescentando-se depois o vinagre, o sal e a pimenta e misturam-se com os legumes. Dispõe-se tudo numa saladeira, enfeitando-se com as claras cortadas em pedacinhos.

★

COSTELETAS EM PAPELOTES

Ingredientes: 1 quilo de costeletas de vaca, 250 grs. de toucinho, 250 grs. de miolo de pão, sal, salsa e pimenta.
Preparação: Tratam-se as costeletas, cortam-se, temperam-se com sal e pimenta e embrulhando-se num recheio feito com toucinho o miolo de pão, a cebola e a salsa, cortados em pedacinhos ou passados na máquina. Em seguida, cobre-se cada uma com uma tira de toucinho, o mais delgado possível e embrulha-se com um pedaço de papel impermeável bem untado de manteiga, ou de zeite. Colocam-se tôdas numa grelha grande e dupla, levando-se a assar em fogo lento.

★

BOLO DE CERVEJA

Ingredientes: 500 grs. de açúcar, 500 grs. de farinha de trigo, 3 colheres das de sopa, de manteiga, 1 chícara das de chá, de cerveja, 6 ovos.
Preparação: Batem-se as claras em neve e juntam-se-lhes as gemas, uma a uma, o leite, a farinha peneirada três vezes com o fermento e por último as claras em neve. Mistura-se tudo, põe-se numa fôrma untada com manteiga e assa-se em fôrno regularmente quente.

★

NINHOS DOURADOS

Ingredientes: 500 grs. de fios de ovos, 1 lata pequena de qualquer geléia.
Preparação: Tomam-se porções iguais de fios de ovos, enrolam-se nos dedos, dando-lhes o formato de um ninho e põe-se no centro de cada um uma rodelinha de geléia. Levam-se ao fôrno para corar em tabuleiros forrados em papel molhado. Depois de frios, coloca-se cada ninho sôbre um quadrado de papel de sêda recortado e arrumam-se todos num prato de cristal.

PIJAMAS

Para dormir ou para casa, o pijama é sempre um traje prático. Êstes são realmente graciosos. O primeiro, em tecido quadriculado, é inteiriço, lembrando um arlequim. O segundo em sêda tem bolsos embutidos, e o último, em algodão listrado vermelho e branco tem **festonnée** branco

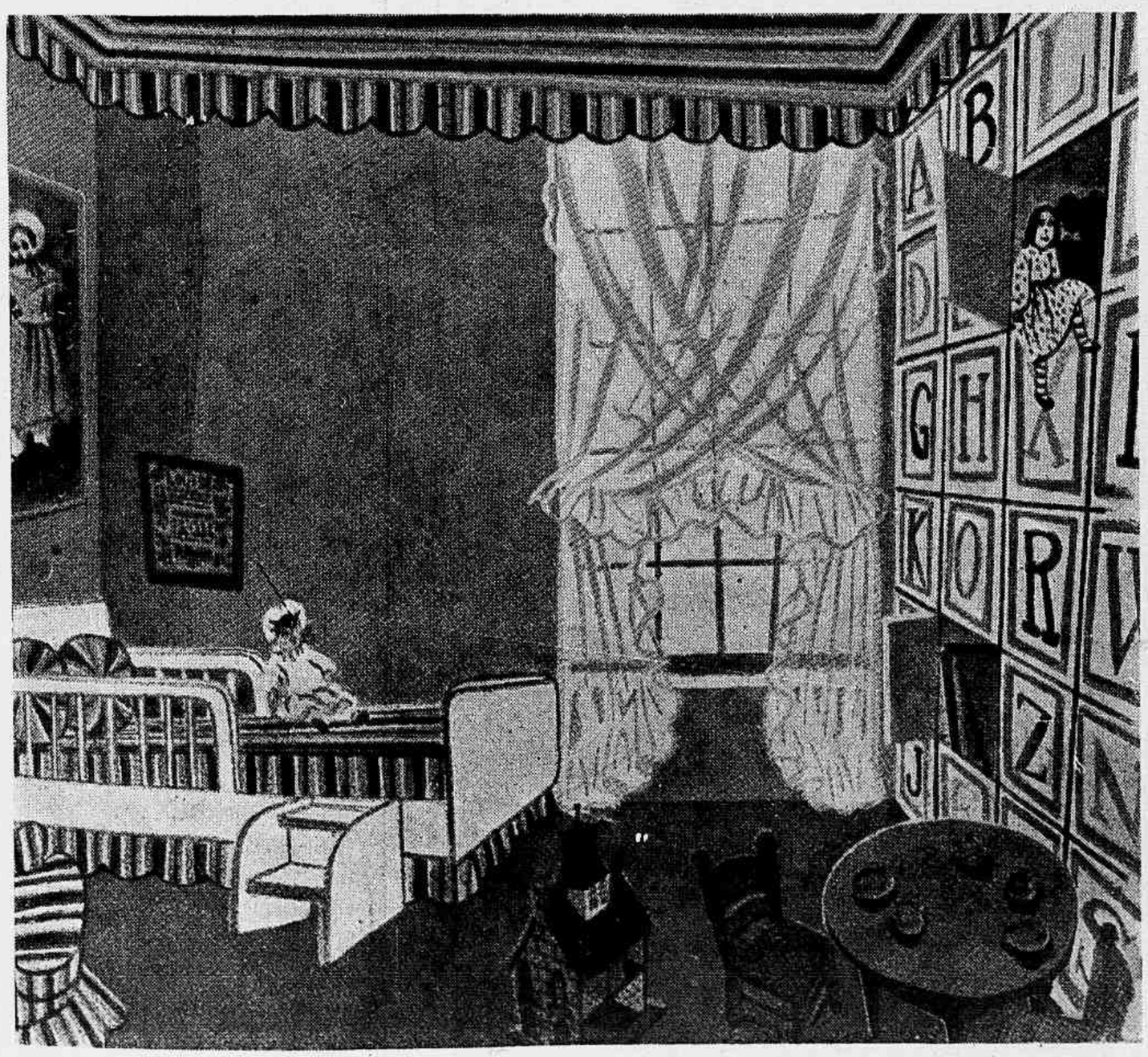
Mães e Filhos

De **ANA MARIA CÉLIA**

O "MUNDO" DA CRIANÇA — A criança vive num mundo de sonhos que é o "seu" mundo. Para ela, êsse é o mundo real e ela não compreende, de forma alguma, que êste não seja também o mundo do adulto. Nêsse seu mundo, criado pela sua própria imaginação, ela é sempre bem recebida; todos pensam e agem à sua maneira, todos se entendem e se amam, todos são bons e felizes. Se os pais soubessem o quanto magoam os seus filhos quando riem do "seu mundo", nunca mais fariam tal cousa. Para êles, seria bem melhor que tentasse penetrar nêsse mundo, olhando as cousas através da imaginação e dos olhos dos seus filhos, ajudando-os a resolver os seus problemas de acôrdo com o ponto de vista infantil e não com o do adulto, como comumente vemos acontecer. Ao invés de forçarem a criança a agir de acôrdo com a sua mentalidade, o que é um êrro, seria muito mais interessante que os pais procurassem agir — com os filhos, de acôrdo com a mentalidade dêstes. Talvez muitos achem isto difícil e inútil, porém, nada é difícil e inútil quando se trata do bem estar e da felicidade de uma criança. Procurem os pais compreendê-las e não forçá-las a compreendê-los; procurem enxergar as cousas à maneira das crianças; procurem participar das suas brincadeiras por mais inexpressivas que estas lhes pareçam, pois a criança se diverte com cousas que muitas vêzes podem não ter graça para o adulto. Mas convém fazer o sacrifício. Procurem orientá-las dentro da sua própria mentalidade. E conquistarão uma cousa preciosa: a amizade e a camaradagem dos seus filhos. Ser amigo e considerado como amigo dos filhos, é muito mais importante do que ser considerado simplesmente como pai ou como mãe. Aqueles que contam com a amizade dos filhos, que são aceitos no "seu mundo", podem estar certos de que souberam agir com inteligência e compreensão, beneficiando as crianças e a si próprios.

Shirley Temple, a garota prodígio, fez-se mãe Aqui a vemos exibindo orgulhosamente sua filhinha

O castigo corporal deve ser evitado. Êle humilha e revolta a criança, sem que sejam obtidos quaisquer outros detalhes satisfatórios. — A alimentação é a base da saúde. Uma alimentação variada e sadia faz crianças fortes. — Ensine, desde cedo, hábitos de higiene aos seus filhos. Lavar as mãos, escovar os dentes, tomar banho diàriamente, escovar os cabelos, ter cuidado com as roupas, etc., são cousas que se aprende em pequeno



Quarto de dormir para criança, de estilo alegre e original. Notem, principalmente o grande armário embutido, formado por pequenos cubos, dentro dos quais podem ser guardados brinquedos e objetos de usa da criança. Em cada cubo na letra do alfabeto

DOIS MODELINHOS

Virginia apresenta os dois modelinhos de baixo, o primeiro composto de saia em algodão quadriculado, tôda pregueada e blusa de cassa branca. O segundo modêlo é em organdi com **pois** no mesmo tom. Pala redonda com "vivo" do mesmo tecido. Saia muito franzida guarnecida com um babado.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO

AGRICULTURA OU INDUSTRIA?

Imaginemos uma criatura humana: — tem o corpo e a vida, isto é, a matéria e o espirito. Nunca ninguém se lembrou de pensar num homem que fosse corpo sem alma e sem vida; ou que fosse só alma, só espirito, sem corpo... Os povos, as nações, o mundo, são como os homens. Sua riqueza tem um corpo: — a **natureza**. E tem uma alma, um espirito: — a **ação do homem.** Perguntar, por isso, se as nações podem viver só do aproveitamento da terra, é o mesmo que perguntar se o homem poderá ser apenas o corpo. E perguntar se os povos podem viver somente do espirito industrial é admitir que haja um homem sem corpo...

A **agricultura**, o cultivo da terra, está para a **indústria** assim como a **matéria** está para a fôrça que a dirige e a aproveita.

Não se pode pensar em riqueza sem as duas coisas. Nem nunca o homem foi exclusivamente agricultor. Quando o **homem das cavernas**, o homem da **idade da pedra**, fez seu primeiro utensilio, acendeu seu primeiro fogo, era **industrial.** Mas só podia aproveitar essa qualidade tendo, na natureza, a matéria prima que a terra dá.

Em 1950 acontece o mesmo que em milhares de anos antes de Cristo: a terra (agricultura) e a ação humana (indústria) são indispensáveis à vida. Hoje a **indústria** é que está renovando a fôrça da terra cansada.

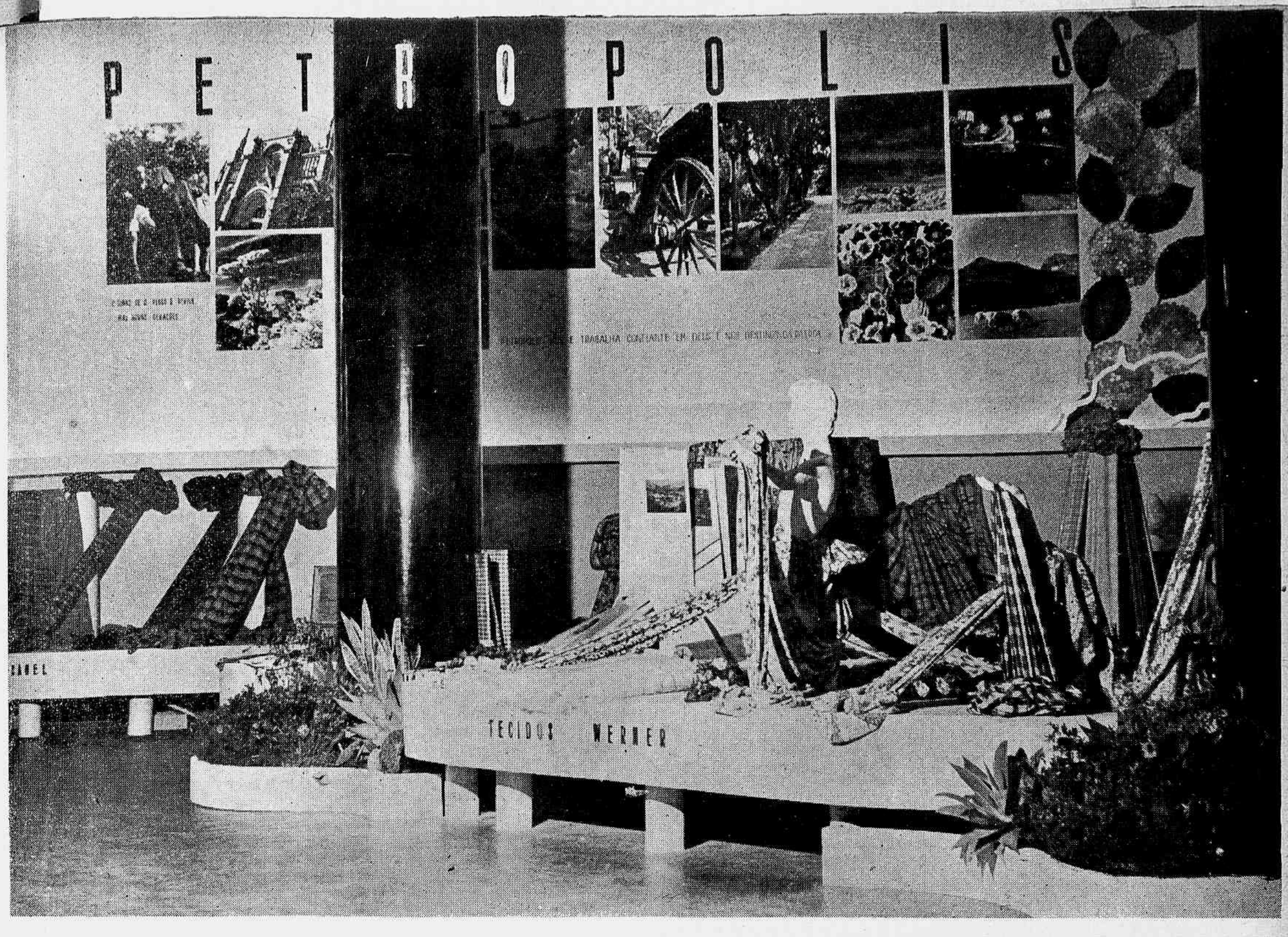
A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE QUITANDINHA é uma escola para êsse rumo inevitável. No Brasil, onde há terras produtivas, a **indústria** é mais necessária do que nunca!

Aprende-se a aproveitar a **indústria** mostrando seu poder, indicando seus recursos, ensinando suas armas e sua fôrça. O próprio ato de **plantar** é um ato que depende da indústria porque as mais simples ferramentas são criações industriais.

Por isso, o programa da EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE QUITANDINHA não é um programa contra a terra e a vida agrícola. E não poderia ser só da terra e da vida agrícola. E' o programa **da vida humana**, que é e sempre foi agrícola, industrial e comercial, ao mesmo tempo!

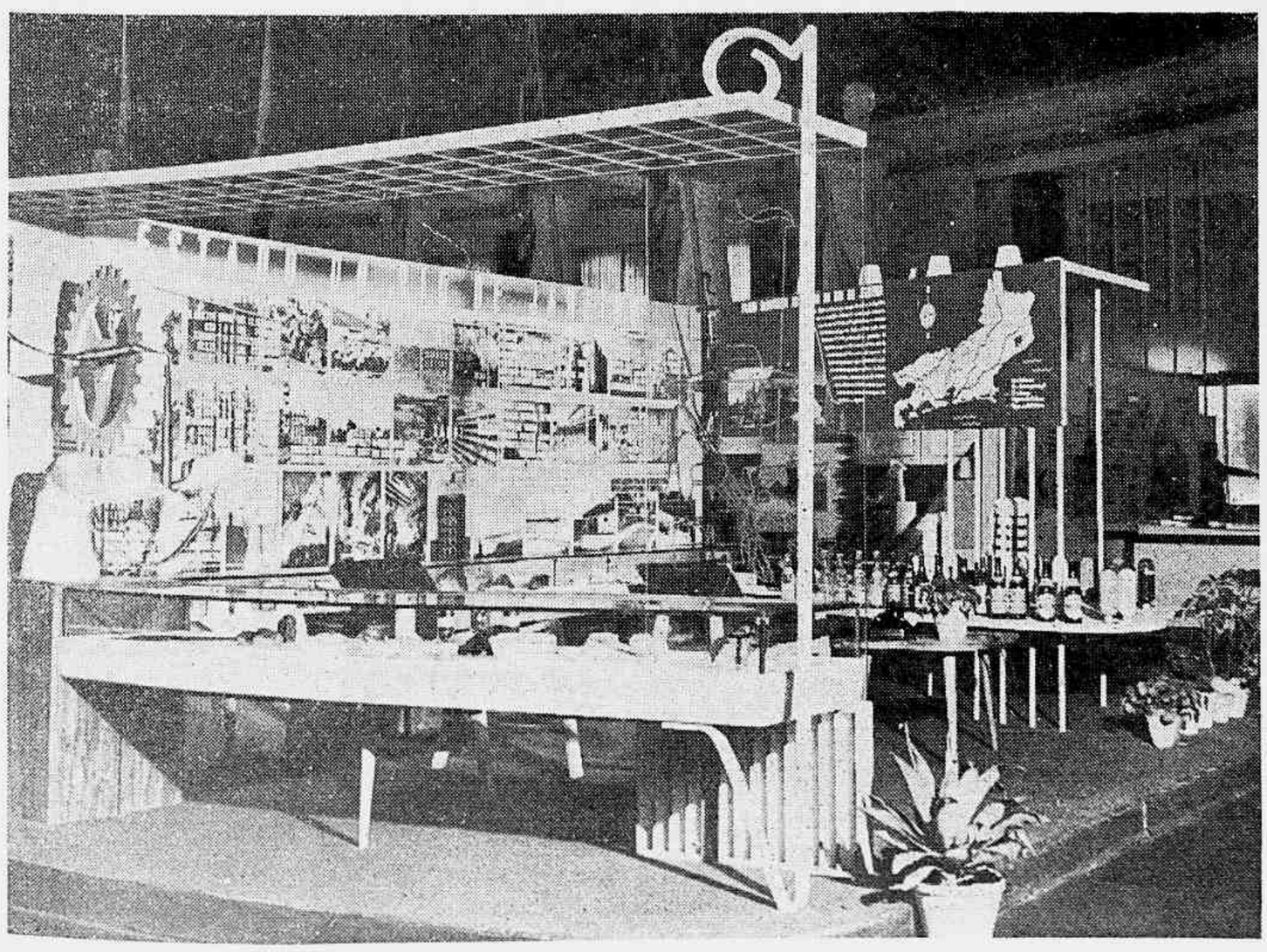
Nas páginas seguintes, e na medida do possível, procuraremos focalizar alguns aspectos da grande mostra industrial e comercial de Quitandinha, fornecendo aos leitores elementos pelos quais poderão julgar dos benefícios que resultarão do referido certame para a economia brasileira.

C.



AS INDÚSTRIAS FLUMINENSES NO CERTAME DE QUITANDINHA

A localização da Exposição Internacional de Indústria e Comércio em Quitandinha não foi um mero acaso. Todo país tem seu cérebro diretor e seus órgãos ativos, que trabalham, produzem, mantêm a vida. A direção pertence à cabeça; e cidade que a executa é, por isso, a Capital. No Brasil, a Capital está rodeada por uma faixa de terra que forma a sua ligação com o interior do país: — o Estado do Rio de Janeiro. Perto da Capital, êle tem uma posição incomparável e já dispõe dos recursos próprios para produzir, porque está como a vanguarda do interior do País. No passado, foi êle o celeiro do Império. As indústrias novas estão fazendo sua recuperação integral.



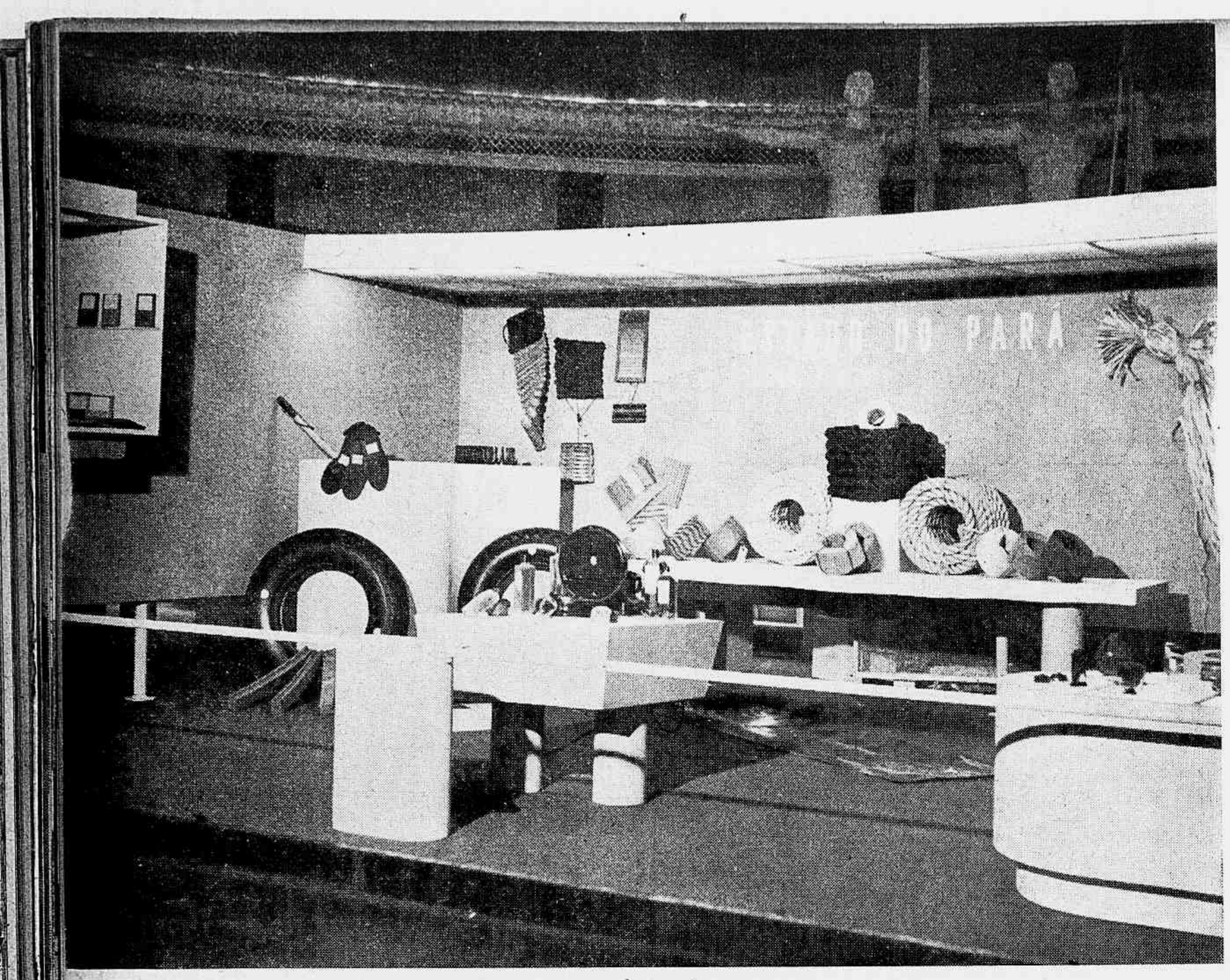
A direção da Exposição Internacional de Indústria e Comércio de Quitandinha tem um plano: — grupar todos os expositores dos diversos ramos da atividade industrial fluminense num **stand** próprio, subdividido em seções: tecidos, metalurgia, produtos alimentares, bebidas e refrigerantes, indústria do papel, madeiras, farmaco-química, cimento, materiais de construção, etc., etc.

Ora: uma Exposição é uma paisagem completa. Mas uma Exposição permanente é uma espécie de radiografia: mostra aquilo mesmo que não é aparente. E só assim se pode verificar a saúde da produção, aproveitar as energias, remediar as deficiências, acudir, na hora e no lugar adequados, com a providência salvadora.

O trabalho nunca é o resultado da ação isolada, porque os homens sempre dependeram uns dos outros. O provérbio diz que "a fôrça é a união"; e isso nunca foi tão certo como no domínio econômico.

Esta é a razão pela qual o Estado do Rio de Janeiro, — que dispõe dos meios mais rápidos para um miraculoso progresso, — está em condições excepcionais para aproveitar todas as oportunidades da **éra técnica** que o mundo vive.

Seus produtores, suas classes, suas populações, seus governos, estadual e municipais, — terão na Exposição Internacional uma espécie de laboratório de pesquisas, um mostruário de fôrças e de reservas valiosas. A mesma coisa que um retrato fiel. A mesma coisa que uma planta, um mapa, um levantamento permanente do **chão econômico** de que todos vivem.



O PARÁ NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE QUITANDINHA

O Estado do Pará, como as demais unidades da Federação, se fez representar na Exposição Internacional de Quitandinha, com o mostruário dos seus produtos agrícolas, pastoris e industriais, no qual se vê desde a juta às essências naturais e aos pneus e outros produtos da borracha.

O desenvolvimento econômico do grande Estado do norte se pode apreciar através dos dados estatísticos apresentados nesta página, em que se verifica o valor extraordinário da sua produção agrícola e extrativa.

Nos dados abaixo transcritos oferecemos também aos leitores um resumo expressivo do notável volume de exportação e importação realizadas nos últimos tempos pelo progressista Estado do Pará, a cuja frente se encontra um administrador que tem revelado bom senso e operosidade na execução de um programa capaz de colocar o grande Estado brasileiro em posição de alto prestígio e justo relêvo no seio da Federação.

ESTADO DO PARÁ

PRODUÇÃO AGRÍCOLA NO PERÍODO DE 1943 A 1947

		Cr$
Algodão em caroço	12.924 ton.	17.151.500,00
Arroz em casca	2.643.454 sacos de 60 ks.	132.109.232,80
Cacau	114.838 sacos de 60 ks.	22.720.691,60
Cana de açúcar	459.006 ton.	32.095.354,00
Feijão	59.181 sacos de 60 ks.	6.714.698,20
Fumo	8.991.093 ks.	85.812.381,60
Juta	14.707.994 ks.	64.908.439,40
Mandioca	1.330.109 ton.	148.042.950,00
Milho	556.814 sacos de 60 ks.	28.369.548,00

Produção extrativa		
Borracha	40.535.055 ks.	393.408.072,70
Caroços e sementes	34.446.021 ks.	14.155.209,20
Castanhas da terra	583.800 hectolitros	110.815.785,00
Conchas marinhas	4.133.244 ks.	4.971.447,00
Fava cumaru	178.119 ks.	2.233.752,50
Fibras vegetais, uacima e outras	12.257.433 ks.	41.955.373,20
Madeira	401.270 m³	113.181.041,80
Óleo copaíba	48.690 ks.	1.059.942,50
Óleo pau rosa	135.016 ks.	13.688.975,80
Peles de animais silvestres	1.704.928 ks.	54.576.153,60
Raiz de timbó	913.675 ks.	2.304.754,30
Resina jutáicica	739.053 ks.	3.004.711,00

EXPORTAÇÃO — 1938/1947

ORIGEM	PÊSO EM QUILOS			VALOR EM Cr$		
	Interior	Exterior	Total	Interior	Exterior	Total
Regional	650.621.914	350.453.406	1.001.075.320	1.893.649.115,10	1.019.859.280,60	2.913.508.395,70
Nacional	112.847.496	67.804.721	180.652.217	750.765.197,30	660.014.113,60	1.410.779.310,90
Estrangeira	250.612.326	7.748.545	258. 360.871	650.818.121,50	37.001.991,00	687.820.112,50

IMPORTAÇÃO — 1938/1947

PÊSO EM QUILOS			VALOR EM Cr$		
Interior	Exterior	Total	Interior	Exterior	Total
952.765.322	918.221.136	1.870.986.458	3.934.060.115,00	1.162.824.880,70	5.096.884.995,70

"Stand" de Adriano Ramos Pinto & Irmão Ltda. no recinto da Exposição Internacional de Indústria e Comércio

GRUPOS MOTOR-GERADORES

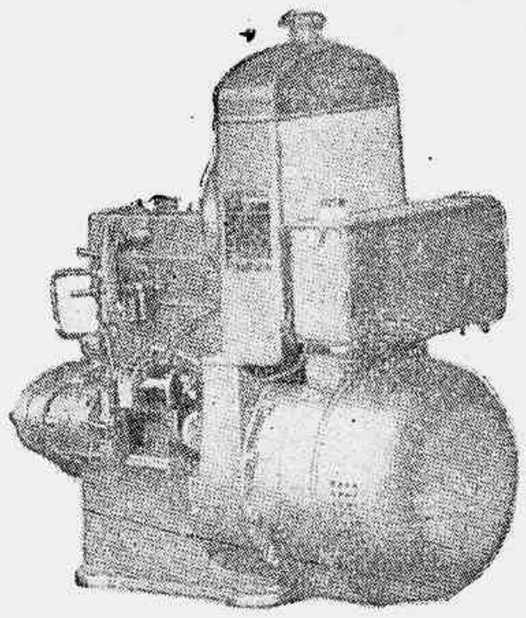
"KOHLER"

para

ENERGIA DE LUZ E FÔRÇA INDEPENDENTE

Garantia e segurança em

Fazendas — Granjas — Sítios — Igrejas — Lojas — Cinemas — Casas de Campo — Fortalezas — Faróes — Acampamentos — Navios de Guerra e Mercantes — Campos de Aviação — Hospitais



Séries de 800 a 10.000 Watts

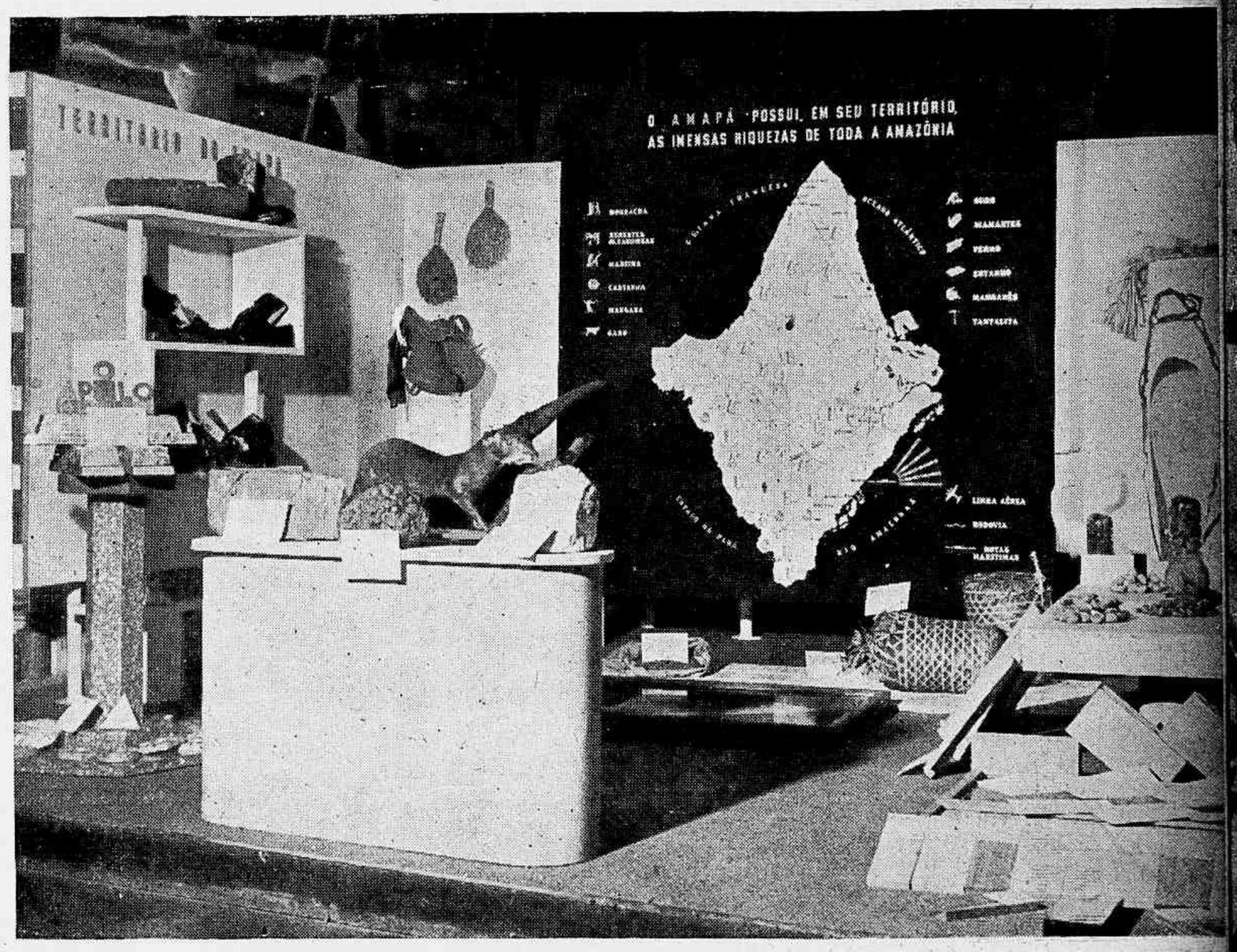
KOHLER OF KOHLER

Representante exclusiva para o Brasil

CASA MAYRINK VEIGA S. A.

RUA MAYRINK VEIGA, 17-21
C. P 309 — TEL.: 23-1600
RIO DE JANEIRO

Visitem nosso "Stand" na Exposição Internacional de Indústria e Comércio em QUITANDINHA



O TERRITÓRIO DO AMAPÁ E AS IMENSAS RIQUEZAS DA AMAZÔNIA

Na Exposição Internacional de Quitandinha o visitante, se quiser, pode, a qualquer momento, saber o que se produz, as possibilidades e os recursos econômicos das regiões mais longinquas do Brasil. Tôdas as unidades da Federação se acham ali representadas em "stands" que exibem as peculiaridades de cada uma.

O Território do Amapá se apresenta com um mostruário bastante expressivo no qual estão expostos os produtos agrícolas e industriais daquela região.

Um grande mapa nos dá uma idéia imediata de suas imensas riquezas, constituidas de produtos naturais como borracha, sementes oleaginosas, madeiras, castanha, e de minérios, como ouro, diamante ferro, estanho etc.

Embora se possa ter uma visão do que o Território produz através êste "stand" o capitão Janary Gentil Nunes, governador do Território, através folhetos e relatórios, procurou revelar aos interessados a organização do Território e os vários setores de suas atividades agrícolas, pastoris e industriais.

A ECONOMIA POPULAR COMO BASE DE PROSPERIDADE COLETIVA

A Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, que nos últimos anos tem desenvolvido de maneira surpreendente suas operações, criando novas e numerosas Agências em todos os bairros e subúrbios da cidade; facilitando e estimulando por todos os meios possíveis e imagináveis a economia do povo, motivo pelo qual ocupa hoje lugar de grande relêvo e máxima importância nas esferas do crédito e da economia brasileiros, vem trabalhando honesta e incessantemente no sentido de elevar cada vez mais o nível do volume dos seus negócios, que marcham e crescem paralelamente com a economia popular, e que, portanto, constituem índice de previdência e prosperidade coletivas.

No "Salão Vermelho" da Exposição Internacional de Indústria e Comércio em Quitandinha, onde estão localizados os **stands** das autarquias, a Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro mandou instalar o seu **stand**, que recebeu a visita do exmo. sr. general Eurico Dutra, presidente da República, acompanhado do sr. Edmundo de Macedo Soares, governador do Estado do Rio, do sr. Ariosto Pinto, presidente da Caixa, ministros de Estado e altas autoridades, conforme se vê numa das fotos que ilustram esta página.

No outro aspecto aparecem um grande painel fotográfico e um gráfico detalhado focalizando as realizações do importante instituto de economia popular, no terreno da assistência social, e as aplicações que vêm sendo feitas nas diversas modalidades de empréstimos ou bens.

O Lloyd Brasileiro, desde a sua fundação em 1890, vem desempenhando papel preponderante no desenvolvimento da economia nacional. Tem sido, em toda a sua existência, a mais importante emprêsa de navegação da América do Sul, posição que ainda hoje mantém. Sua frota, que vem sendo acrescida de novos navios desde 1945, no total de 36 unidades modernas e velozes, no valor de um bilião e quinhentos milhões de cruzeiros, se compõe atualmente de 99 navios, somando 617.990 toneladas dead-weight.

Os navios do Lloyd Brasileiro servem a 39 portos nacionais e escalam em 20 portos estrangeiros, fazendo 26 linhas regulares.

Durante a última guerra, coube-lhe a tarefa de manter o abastecimento de nossos portos. Vinte de seus navios foram afundados por ação do inimigo e 329 de seus tripulantes perderam a vida, mas sua missão foi cumprida, tendo transportado dez milhões de toneladas de carga.

DAR PREFERÊNCIA AOS NAVIOS DO LLOYD BRASILEIRO E' CONCORRER PARA O ENGRANDECIMENTO DA MARINHA MERCANTE NACIONAL

O general Eurico Gaspar Dutra, presidente da República, ladeado pelos srs. dr. Clovis Pestana, ministro da Viação e Obras Públicas (à esquerda), e comandante Augusto do Amaral Peixoto Junior, diretor do Lloyd Brasileiro, no stand desta emprêsa na Exposição Internacional de Indústria e Comércio que se realiza em Quitandinha

No **stand** do LEITE DE ROSAS, o mais eficiente e aconselhado embelezador da mulher, os milhares de visitantes que acorrem diariamente à Exposição Internacional de Indústria e Comércio, contemplam a arte e o bom gôsto que servem de moldura à linha de produtos do conceituado Lab. Leite de Rosas Ltda.

NÃO! mandei pintar com

OPEX

• Se quer que o seu automóvel fique brilhando como no dia em que saiu da fábrica, mande repinta-lo com OPEX — a lacca de secagem rápida. OPEX dá um acabamento perfeito e protege seu carro contra o tempo. Visite uma boa oficina de pintura para maiores detalhes — e faça a sua seleção entre as 41 côres modernas que OPEX lhe oferece.

Para os que preferem repintar o seu carro com esmalte sintético a Sherwin Williams recomenda — KEM-TRANSPORT.

TINTAS E VERNIZES

SHERWIN DO BRASIL S.A. WILLIAMS

São Paulo - Rua Barão de Itapetininga, 124 - Revendedores em todo o País

56.515

COMPORTAMENTO DO LACTENTE SADIO

DR. SABOIA RIBEIRO

ALGUNS requisitos se unem na criança sadia, e seu conhecimento muito importa para formar um juízo seguro de seu pleno estado de saúde. Dos mais importantes é o pêso e o desenvolvimento da estatura, correspondentes à idade. As crianças que nascem de pais muito jovens ou, ao contrário, muito idosos, são muitas vêzes de pêso inferior ao normal. Outras vêzes, se se trata de pais de traços delicados e pequena estatura, o pêso exprimirá uma tendência morfológica, decerto hereditária, se diminuido. Todos sabem que os prematuros se caracterizam, também, pelo pêso escasso, mas nestes a curva corpórea é particularmente aumentada, de modo que, ao completarem 6 meses, já se igualaram aos outros.

E' preciso levar em conta êstes elementos na interpretação do pêso da criança. Êle, por outro lado, não é tudo, quer dizer, não basta corresponder o pêso à idade da criança, para concluir que esta desfruta uma boa nutrição. Na apreciação do pêso, deve ser levado em conta o aspecto geral da criança, máxime a distribuição de sua própria gordura. Uma criança pode apresentar um pêso normal ou, até, acima do normal, e padecer um distúrbio de nutrição ou de glândulas, ambos sérios.

As superalimentadas, por exemplo, possuem carnes esparramando-se pelos flancos, dorso, punhos e artelhos; as que sofrem da tiróide, mostram a obesidade; as com distrofia farinácea (moléstia causada pelo excesso de farinhas e sal na alimentação), são, além de pálidas, de tecidos moles, infiltradas (calcando-se com os dedos sôbre os tornozelos, persistem as impressões).

Por outro lado, com o pêso normal e o aspecto morfológico normal, devem-se observar outras particularidades: as boas côres da criança, o bom sono, a alegria natural.

Sôbre as côres, convem salientar que é sobretudo nas mucosas que estas devem ser pesquisadas, e que, por outro lado, crianças de temperamento linfático ou constituição especial (como algumas crianças nervosas), apresentam uma palidez apenas aparente, como o revela o próprio exame do sangue.

O sono da criança é outro ótimo índice de sua saúde.

Quando interrompido por crises de chôro, nem sempre a causa está no aparêlho digestivo, como em geral se cuida, mas antes pode estar em causa coisa mais séria, inclusive uma afeção óssea que evolui ocultamente.

Sente-se sem esfôrço a fisionomia da criança sadia. Após o nascimento, é sem expressão, nos primeiros dias, o mais do tempo dormindo. Com bôca fechada, respira apenas pelo nariz. Só alguma vez, durante o sono, esboça um como sorriso nervoso, que faz as comadres dizerem que ela brinca com os anjos; na verdade, porém, o que há é uma pequenina cólica. Só depois do primeiro mês é que se consegue fazê-la rir. Pouco a pouco, vai adquirindo êsse movimento de traços, êsse jôgo de fisionomia, que é uma como linguagem muda.

"A fisionomia é, ao dormir, beata, serena, de uma calma proverbial."

As mães, de ordinário, prestam muita atenção ao caráter das fezes. Êste caráter não importa muito, senão quando há catarro, pus e sangue, únicos sinais de infecção, ou se mostram duras, "como massa de vidraceiro", expulsas com dificuldade; ou esguichadas, "como água de peixe".

Nos demais casos, o pêso estando conforme e sendo bom o estado geral, tudo vai bem. Nenhuma importância tem — cabe aqui lembrar — a coloração verde das fezes, que tanto impressiona as mães; é uma mera crendice, nada mais.

O estado de prisão de ventre cumpre saber reconhecer. Muitas e muitas vêzes, não o há, mas tão só um total aproveitamento das quotas alimentares pelo organismo infantil.

Se, todavia, ocorre dar qualquer coisa à criança como corretivo, então que se lhe dê suco de limão, laranja, uva, cenoura ou tomate, bem adoçado com bom açúcar (50 a 100 gramas), entre as mamadas, ou purêia de maçã (2 a 4 colherinhas de maçã ralada).

Foto oferecida por Johnson & Johnson

Em suma, só há prisão de ventre verdadeira, na criança, com parada ou queda do pêso.

Damos, a seguir, uma tabela de pêso e estatura da criança:

	Pêso	Estatura
Nascimento	3.000 gr	50 cts.
1º mês	3.750 "	54 "
2º "	4.500 "	57 "
3º "	5.200 "	60 "
4º "	5.900 "	62 "
5º "	6.500 "	63 "
6º "	7.000 "	64 "
7º "	7.450 "	65 "
8º "	7.850 "	66 "
9º "	8.200 "	67 "
10º "	8.500 "	68 "
11º "	8.750 "	69 "
12º "	9.000 "	70 "

Estas cifras representam o pêso ao fim de cada mês respectivo, e por elas se vê que a criança dobra de pêso ao fim do 4º mês e triplica ao fim do 1º ano.

A criança de pêso normal e morfologicamente perfeita não deve ter o **perímetro abdominal** maior do que o **perímetro torácico** (compara-se com a fita métrica, passando respectivamente pelo umbigo e pelos mamilos da criança); além disso, o **perímetro craniano** e o **torácico** guardarão as seguintes proporções: no primeiro trimestre, o perímetro craniano excederá o torácico de 3 centímetros; no segundo, idem ou tendência para menos; no terceiro, 1 centímetro. No fim do primeiro ano, todavia, as duas circunferências se igualam (toma-se o perímetro craniano tocando-se os pontos de maior distância recíproca do crânio).

Depois do 1º ano, a criança pesará e medirá: fim do 1º ano — 10.200 e 74 (gramas e centímetros); do 2º, 12.700 e 85; do 3º, 14.700 e 93; do 4º, 16.500 e 99; do 5º, 18.000 e 104; do 6º, 20.500 e 109; do 7º, 23.000 e 115; do 8º, 25.000 e 120; do 9º, 27.500 e 125; do 10º, 30.000 e 130.

O pêso, repetimos ainda uma vez, não tem um valor absoluto como índice de saúde infantil. Deve ser apreciado em confronto com outros elementos, e em muitos casos só se pode concluir pela existência da saúde em uma criança após um exame mais minucioso, que não prescinde do laboratório e dos Raios X.

MADALENA TAGLIAFERRO — DA BIOGRAFIA À ANEDOTA — DIPLOMACIA E BOM HUMOR — OS MESTRES VERDADEIROS

De **ROBERTO LYRA FILHO**

(Especial para a **"REVISTA DA SEMANA"**)

NA França, ela será madame Tagliaferro. Na Itália, provavelmente, La Tagliaferro. Mas para o público brasileiro ela é, se me permitem, simplesmente Madalena. A fama e o sucesso aproximam o artista do povo, tornando intolerável o protocolo. E uma prova segura da estima em que é tido está, precisamente, nessa intimidade no tratamento.

— Você assiste às aulas da Madalena? — pergunta-se, com naturalidade.

"As aulas da Madalena" têm, oficialmente, o título seguinte: "Curso de Alta Interpretação Musical". Mas ninguém se assusta com êsse nome. Não há nada de inacessível, solene ou pretensioso nas "aulas da Madalena". Mas o que mantém prêsa ao encanto de suas explicações uma assistência constante? Por que há um interêsse permanente em acompanhar êsse curso que, normalmente, interessaria, apenas, à professora e seus alunos? E' essa qualidade especial do ensino, conforme é ministrado por Madalena Tagliaferro, que esta crônica pretende fixar.

Madalena Tagliaferro

DA BIOGRAFIA À ANEDOTA

De início, é preciso que se esclareça que as "aulas da Madalena" não se dirigem exclusivamente ao aluno, e, sem perder de vista a sua finalidade, que é orientar os jovens pianistas, as explicações de Madalena Tagliaferro ultrapassam o seu objetivo imediato e se expandem em pequenas preleções sôbre a obra executada.

Culta, fina, exprimindo-se com elegância e facilidade e revelando um delicioso humorismo, Madalena Tagliaferro não se esquece nunca de procurar situar o discípulo dentro do espírito da obra a ser executada, indicando o "background" do compositor. Apreciações sintéticas sôbre cada obra, muitas vêzes detalhes curiosos informações, até anedotas (estas sempre contadas com muita graça), realçam, adornam e enriquecem as aulas de Madalena Tagliaferro.

DIPLOMACIA E BOM HUMOR

Além disso, é preciso observar que, a par dessas digressões, sempre oportunas, que prendem e interessam, Madalena Tagliaferro desenvolveu uma técnica toda especial para lidar com o aluno. O palco, o número de assistentes, tudo isso, se, por um lado provoca um certo nervosismo, desde logo e sem as responsabilidades de um recital, vai habituando o futuro "virtuose" a apresentar-se em público. Mas, de qualquer forma, é preciso, em primeiro lugar, pôr o aluno à vontade. Assim, as primeiras palavras de Madalena Tagliaferro são sempre no sentido de realçar os pontos louváveis. Em vez de criticar logo, ela procura, em primeiro lugar, mostrar os aspectos positivos da execução, os pontos em que o esfôrço do aluno foi coroado de êxito. Além disso cria um ambiente de familiaridade que, sem quebra do respeito, confere à aula a aparência de uma cordial troca de idéias sôbre a obra escolhida.

Mas não é só. A crítica, quando feita, é sempre suave, objetiva, bem humorada, procurando disfarçar a severidade dos reparos. Sem sacrificar a análise da interpretação, Madalena Tagliaferro consegue manter a jovialidade, evitando o que há de vexatório na atitude dos mestres que se colocam na posição de juízes implacáveis e inspiram nos alunos o sentimento de que estão sendo submetidos a processo em que figuram como réus.

OS MESTRES VERDADEIROS

Há, ainda, outro aspecto que deve ser assinalado nas aulas de Madalena Tagliaferro. Quando acentuei que ela não dispensa esclarecimentos mais amplos, que excedem os detalhes técnicos da execução da obra, para integrar o aluno no seu espírito, eu me reportava ao entusiasmo pela música que ela sabe comunicar a todos, à vivacidade, à sua alegria que consegue banir a pomposa pretensão, para colocar a professora numa atitude humana, compreensiva. Os verdadeiros mestres não têm necessidade de recorrer ao ar de importância, gelado, distante, para que seus méritos sejam reconhecidos. E o sentimento de camaradagem que se estabelece entre alunos e professores que procuram transmitir o conhecimento com simpatia e amabilidade permite uma cooperação muito mais estreita, um conhecimento muito mais preciso das qualidades e das deficiências de cada estudante, orientando melhor o ensino. Como surpreender-se com o interêsse despertado pelas aulas de Madalena Tagliaferro? Se elas encerram pequenas palestras sôbre temas musicais, se revelam, pela leveza das suas explicações, uma compreensão de que o professor, para ser erudito e seguro, não precisa ser cacete, se indo ao piano para corrigir as falhas dos alunos, ela dá, a par da análise da execução, um estudo completo da obra, se, com espírito, sabe amenizar os temas áridos da técnica com comentários humorísticos, — não é, na verdade, surpreendente, que a tenha acolhido o Ministério da Educação, fornecendo-lhe o auditório, e que a emissora dêsse mesmo Ministério transmita essas aulas, pois elas difundem a cultura de forma atraente e acessível. Nem é de admirar que um público fiel e assíduo acompanhe, sempre, cursos como êsse.

O verdadeiro espetáculo de beleza está nos olhos das mulheres que usam Cilion. Cilion alonga, escurece e recurva os cílios e impede a formação de caspas e terçóis.

Prefira o TUBO GRANDE, rende mais e custa relativamente, muito menos.

CILION

embeleza e protege os olhos

Publicidade para a
"Revista da Semana"
em São Paulo:
Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º And. Sala 217
Fone: 8-6718

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

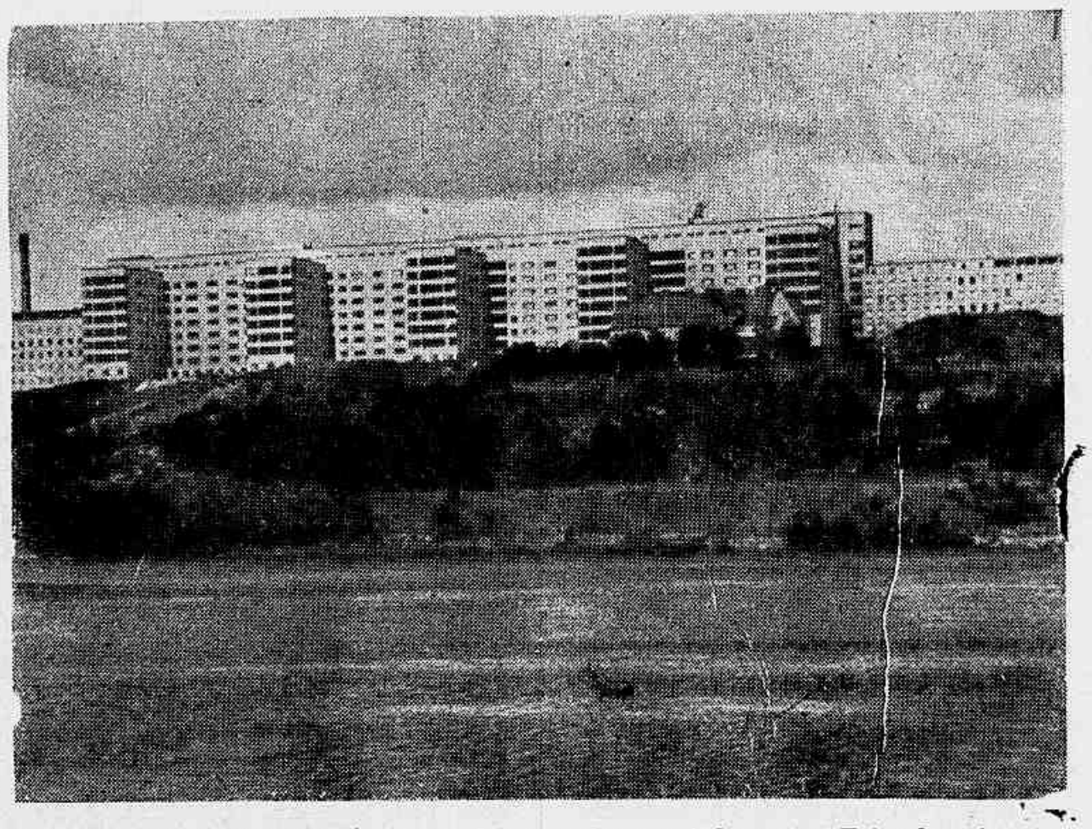
Por D. G. COIMBRA

ESTOCOLMO, 10/9/1948 — Hoje faz uma semana que saímos do Rio. Depois dos agradáveis dias transcorridos na Dinamarca, chegamos a Malmo, na Suécia, esta manhã. Atravessamos o estreito de Sund em um pequeno navio algo semelhante à barca de Niterói. A verificação dos passaportes foi uma questão de minutos, e logo que embarcamos recebemos os cartões de racionamento do país. O guarda da Alfândega julgou desnecessário examinar as nossas malas. Vinte minutos depois de termos chegado a Malmo, estávamos viajando num confortável trem elétrico, rumo à Capital. Haviamos comprado passagens de 2ª classe, mas encontramos certa dificuldade em identificar o carro, pois o de 2ª é tão bom quanto o de 1ª ou 3ª. A diferença consistia, apenas, no número de passageiros acomodados em cada vagão. O trem conduzia poucos passageiros e as dez horas de viagem transcorreram sem novidades. Fizemos refeições no luxuoso carro-restaurante, onde nos serviram suculentos pratos.

Todo o trem espelhava de tão limpo. De quando em quando uma esplêndida sueca, de uniforme, passava tentando descobrir algum pó pelos compartimentos, sorrindo com seus dentes bonitos, as madeixas louras emoldurando o rosto corado.

A viagem ferroviária é feita através da região mais rica e fértil da Suécia, a Scandia, onde víamos, de momento a momento, aparecendo e desaparecendo, com a rapidez de uma fita de cinema, as bem cuidadas fazendas de gado, os campos agrícolas, as florestas de árvores enormes, fábricas, vilas e cidades. À proporção que o comboio avançava, íamos deparando novas paisagens, uma aldeia novinha em folha, edifícios de apartamentos em construção, tudo indicando um surto recente de renovação, como se o país tivesse cem meses e não mil anos!

Essa região da Suécia dispõe de numerosas fábricas de cimento, adubos, papel, móveis e celulose; fundições, assim como vastas serrarias para dar conta da derrubada dos pinheiros, que são milhões espalhados por todos os recantos do território nacional. O govêrno obriga, contudo, aos madeireiros



HOSPITAL DE CIRURGIA — Canais, lagos e rios por toda parte. Estocolmo é grande; tem ônibus elétricos, milhares de automóveis americanos com a direção à esquerda. Barcas, lanchas, navios para toda parte. Na Suécia, nosso grande cliente de café, as moças se vestem com mais gôsto do que na Noruega, mas a vida não é tão intensa. Suas florestas imensas lembram vagamente Paraná e Santa Catarina. Mas aqui se planta, de fato, três árvores para cada uma destruida, porque a madeira é a base da vida. Terra civilizada, do que êste hospital é prova, a Suécia também luta contra a natureza: se o vento sopra do oeste, vindo do Golfo do México, o inverno é benigno; se sopra do norte, é pesado

o plantio de cinco mudas para cada árvore abatida, de modo a manter em nível ascendente as reservas florestais da nação.

Ainda da viagem ferroviária, guardamos a lembrança das estações amplas e limpas, com canteiros e vasos de flores como se fossem grandes jardins particulares de um milionário de bom gôsto. Acompanhando o leito da estrada de ferro, estão construidas rodovias cimentadas ou calçadas.

Nas fazendas de gado predomina a raça holandesa, centenas de bovinos gordos e bem tratados, espalhados pelo pasto verde, campo a fora. O terreno da Scandia é plano ou ligeiramente ondulado. Só de raro em raro se nos oferece ensejo de subirmos a cem ou a cento e cinquenta metros acima do nível do mar. As casas dos fazendeiros são espaçosas e dispõem de enormes celeiros prontos para receberem os produtos das colheitas de feno, trigo, batata e cereais.

★

As louras mulheres suecas são elegantes e os homens trajam com esmero. A estatura dêstes é, geralmente, de um metro e oitenta, no que são acompanhados de perto pelas representantes do sexo frágil...

Ao chegarmos a Estocolmo nos vimos na impossibilidade de nos hospedar num hotel pela simples razão... de não haver vagas em nenhum deles. Então, por intermédio da Associação dos Hoteleiros, conseguimos nos instalar numa pensão da avenida Carlavagen, depois de uma conversa pelo telefone, na qual a dona da pensão queria saber direitinho que espécie de gente era essa de "brasiliansk"... As nossas hospedeiras, entretanto, nos receberam sorridentes e amáveis, mas logo surgiu a grave dificuldade da comunicação. Tentamos entabolar conversação em português, inglês e alemão. E nada. Elas só falavam mesmo o sueco. Foi então quando surgiu, providencialmente, uma jovem que nos serviu de intérprete, e só então fomos conduzidos aos nossos aposentos. Aqui encontramos o mesmo bom gôsto, a mesma finura que vimos anotando insistentemente em lugares outros.

Logo mais já estávamos íntimos das nossas hospedeiras. Tanto assim que a mais moça delas fez questão de nos acompanhar à esquina para nos indicar o bonde que nos conduziria ao Scandinaviska Bank.

CABELLOS BRANCOS
CASPA
Quéda dos Cabellos
JUVENTUDE ALEXANDRE

Dr. José de Albuquerque
Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

Fume! Mantenha porém seus dentes livres das anti estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cereias.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

PARA TODO O BRASIL
Pelo Reembolso Postal
MODELOS DE VERÃO

1.011
De 31 a 39

Modêlo 1.011 — última palavra em elegância.

"Sandálias" 5 1/2. Em Búfalo branco - Verniz preto - Vaqueta - mostarda e havana.

Preço ..... Cr$ 70,00

1.012
De 31 a 39

Modêlo 1.012. Nas côres: Búfalo branco - Verniz preto - Vaqueta laranja e mostarda. Saltos 3 1/2 e 5 1/2.

Preço ..... Cr$ 65,00

Nossos calçados representam o máximo de confôrto e economia. Vendemos barato porque temos fábrica própria. Pedidos para Mozart Campos — Av. Atlântica, 480 Copacabana - Rio

RUGOL

O CREME EMBELEZADOR DA PELE

PELAS estradas do CEU

ANDRÉ MAX

PARECE-NOS que foi o Canadá o primeiro país a utilizar-se da aviação para promover, com absoluto êxito, grandes movimentos migratórios de massas humanas, da Inglaterra para seu território.

Sob o patrocínio do govêrno de Ontario, planeou-se o transporte de cem mil inglêses que desejassem iniciar nova vida nas férteis terras canadenses, trabalhar em suas minas, ocupar-se da extração de madeiras ou dedicar-se à agricultura e à pecuária.

Entre essas densas levas de emigrantes, teriam preferência os veteranos da guerra. Era o espírito de justiça dos homens da raça inglêsa que tal princípio ditava, proporcionando aos que arriscaram a vida nos campos de batalha, melhores dias para o futuro e tranquilidade da família.

Tudo preparado, selecionaram-se os primeiros exércitos de emigrantes que deveriam partir para o Canadá, através dos ares, tendo sido embarcados nada menos de sete mil pessoas, dentre crianças, mulheres e homens de várias idades.

Não se tratando de qualquer aventura para desbravar o desconhecido, toda aquela massa humana começou a movimentar-se dos mais distantes sítios da velha Albion, em direção das estações de estradas de ferro mais próximas até o aeroporto de Northold, nas vizinhanças de Londres. Muitos foram também os que já se achavam na própria capital inglêsa e nenhum trabalho tiveram senão o de arrumar a ligeira bagagem e entrar na fila dos aviões.

Outra particularidade foi a de procurarem dar também prioridade de acôrdo com a ordem dos inscritos. Isso evitou balbúrdia, podendo todo o trabalho decorrer em perfeita ordem e disciplina.

Como ficaria muito dispendioso o transporte de tantos milhares de gente por meio tão caro como é o da aviação, ficou assentado entre o govêrno inglês, o do Canadá e os pretendentes, que as passagens correriam por conta dêstes, garantindo-lhes, porém, as autoridades oficiais de emigração canadense que todos êles teriam emprêgo garantido conforme a capacidade de cada um, bem como casa para morar, desde sua partida de Londres.

Isso era atraente, pois, como todos sabemos e os inglêses sentiam, tanto Londres como inúmeras cidades do interior haviam sido severamente castigadas pelos bombardeiros nazistas, deixando milhares de pessoas sem teto.

A certeza de possuir novamente um lar em terras da América dentro da comunidade britânica, longe das devastações da guerra, com terra fértil e em abundância para o cultivo do solo, excitou os desejos de milhares de famílias inglêsas, malgrado a saudade da ilha, de seu povo e de seus costumes.

Entretanto, quando seria reconstituida a vida normal e progressista da Inglaterra, de modo que lhes pudesse oferecer novas possibilidades de fartura e tranquilidade de espírito? Diante dêsse problema, grandes multidões acorreram aos escritórios do govêrno do Canadá em Londres para inscrever-se na colossal migração aérea.

Ingleses que deixam sua terra e vão, pelos ares, colonizar o Canadá, no instante do embarque de um grupo de sete mil emigrantes

Grandes aviões foram especialmente preparados, muitos deles com tripulação norte-americana. Dentro de pouco tempo, as inscrições passavam de cem mil.

Os primeiros grupos foram largando para o Canadá através do Atlântico, num vôo espetacular e inédito na história da aviação humana. Logo que chegavam a Toronto, iam sendo recebidos pela Cruz Vermelha, cujas comissões se esforçavam por oferecer aos recém-chegados todo o confôrto e confiança em suas novas tarefas no país.

Mas não se pense que Toronto iria receber exclusivamente trabalhadores braçais. Nada disso, e a prova está na presença de centenas de técnicos, engenheiros e mecânicos que também foram parar no aeroporto de Malton.

O casal Glauser, por exemplo, nos dá testemunho disso. Edward Glauser e sua senhora, ambos muito jovens, ficaram em Toronto. Êle já conhecia o Canadá, pois foi aí que fez seu treinamento como piloto de um "Catalina" em serviços de patrulha do Atlântico sob as côres da RAF.

Durante sua estada no Canadá, muito gostou do país e do povo, e, logo que soube da oportunidade que lhe era oferecida para retornar a viver naquela terra, não como recruta de aviação em pleno conflito, mas definitivamente, como um seu habitante e trabalhador, não perdeu mais tempo e se inscreveu. E agora, tendo ao lado de sua espôsa, atravessado o Atlântico como passageiro, olhava aquela vastidão oceânica e se lembrava que muitas e muitas vêzes êle também por aquêles céus cruzou como soldado da gloriosa RAF, enfrentando a morte por todos os lados.

Agora tudo mudara. Êle ia aumentar a população de um setor do Império de Sua Majestade Britânica, dedicar-se a trabalhos de paz. Logo que foi desmobilizado em dezembro de 1946, Edward procurou trabalho em sua pátria. Infelizmente a situação demorava a normalizar-se e êle não conseguiu firmar-se em situação definitiva. Além disso, eram difíceis as condições de vida na Inglaterra, com tantos racionamentos e carência de tudo. Sabia fazer muita coisa dentro de sua especialidade, a mecânica, e trabalhos de engenharia. Entretanto o meio lhe tornava difícil normalizar sua vida e dar confôrto à espôsa.

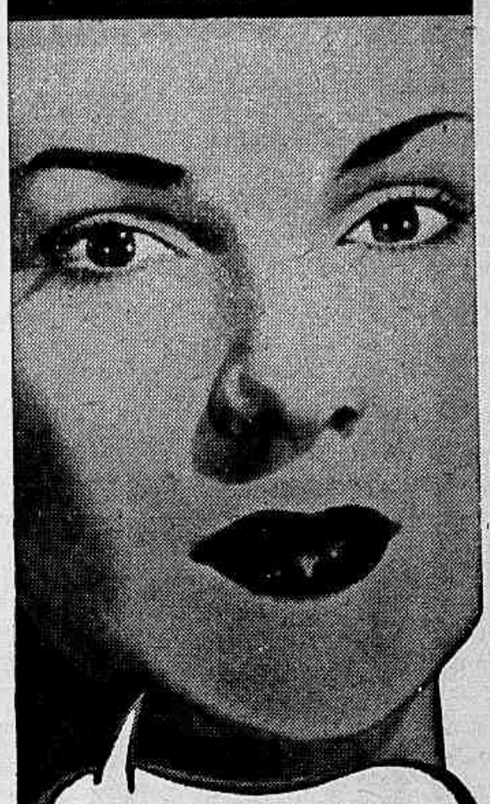
Logo que desceu em Toronto, foi carinhosamente recebido e levado para um cômodo e elegante apartamento na cidade, onde nada mais lhe faltou.

Suas aptidões como técnico em consertos de máquinas de escrever lhe valeram imediato emprêgo numa oficina, enquanto sua senhora assumia a direção do novo lar, fazia suas compras no comércio e no mercado, sem preocupar-se com os cartões de racionamento, e ambos agradeciam a Deus a inspiração que dera ao primeiro ministro George Alexander Drew, por haver idealizado e pôsto em execução tão grande plano em favor dos súditos britânicos que desejassem deixar a Inglaterra para servir, de longe, à grandeza e prosperidade britânica.

Essa providência despertou muito interêsse entre outras nações, como sucedeu com a Austrália, que seguindo o exemplo do Canadá, planeou também correntes emigratórias para seu solo, tanto da Inglaterra como dos Estados Unidos.

A aviação, pois, cabe nestes dias os mais empolgantes serviços em prol da felicidade humana.

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL é formidável porque com um só creme

LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE!

O Creme Rugol aplicado à noite, clareia a pele, deixando-a limpa, fresca e transparente. Usado como creme embelezador, suaviza a cútis e lhe dá um encanto irresistível. É excelente, também, como base para a maquilagem. Rugol é muito indicado para os casos de pele imperfeita, porque elimina cravos, rugas, espinhas e manchas. Comece a usar hoje o Creme Rugol, que dá à cútis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...

Quase tôdas as imperfeições da cútis nascem nas camadas sub-cutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele

Aplique Rugol tôdas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos

CREME RUGOL

Mantem em segrêdo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Publicidade para a

Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.° andar — Sala 217

LIGA DOS DIREITOS DA MULHER

(Continuação da pág. 38)

PRESIDENTE, **assustada, pousando o espêlho** — Hein? Que foi? **(Longa campainhada)** — Atenção!

MLLE. SOARES — Peço a palavra, para uma explicação pessoal.

MME. SILVA — Não pode! Só depois!

MLLE. SOARES — Mas é urgente.

MME. SILVA — Para V. Exª tudo é urgente.

MME. MENDONÇA — Casar, principalmente!

MLLE. SOARES — V. Exª não recomece!

PRESIDENTE — Peço às ilustres consócias que mantenham o debate dentro dos moldes da discrição e do bom gôsto. Cumpre sobretudo que não nos afastemos da matéria em discussão: precisamos de resolver quanto à melhor maneira de manifestarmos o nosso aplauso à iniciativa do honrado representante da Nação, em favor do sufrágio feminino. Êsse notável parlamentar que, num exemplo luminosíssimo **(Exaltando-se gradualmente)** de independência, critério, descortino social, cavalheirismo, e sem que o detivessem os cegos preconceitos da maioria retrógrada, aferrada a princípios cuja decrepitude entrava abjetamente o progresso do mundo, dêste mundo que tanto pertence aos homens como às mulheres, ou ainda mais a nós do que a êles... **(Perde o fio. À secretária, baixo:)** Qual é mesmo o sujeito da oração principal?

SECRETÁRIA, **idem** — O Maurício de Lacerda.

PRESIDENTE — Sim, senhoras, êsse Maurício... Quero dizer: êsse deputado verdadeiramente digno do seu mandato, fez jus a uma recompensa desta Casa, que espero lhe não será negada! **(Aplausos tão prolongados que a presidente, depois de duas tentativas para recomeçar, suspira profundamente e desiste).**

MLLE. SERPA — Peço a palavra! **(E sem esperar que lha dêem:)** — Proponho que o nosso paladino seja eleito, por aclamação... sócia benemérita da Liga! **("Apoiadas" quase unânimes).**

MME. ARAÚJO — Precisamos de saber primeiro se êle aceitará...

MLLE. SERPA — E por que não há de aceitar? Seria a primeira vez que um nosso diploma deixasse de causar satisfação e orgulho...

MME. ARAÚJO — E' que, até hoje, só os temos conferido a mulheres.

MLLE. SERPA, **arregalando ingenuamente os olhos** — Mas, perdão... Não vejo, entre os dois sexos, a menor diferença...

MME. ARAÚJO — Se não vê, que lhe hei de eu fazer?

MLLE. SERPA — Não vejo, porque não existe. **(Risos, murmúrios.)** A única diferença existente entre o homem e a mulher...

PRESIDENTE — Atenção!

MLLE. SERPA — ...São os direitos políticos. E essa, justamente, vai acabar.

MLLE. SOARES — A argumentação de V. Exª é irrespondível.

OUTRAS DEMOISELLES — Muito bem! Muito bem!

PRESIDENTE — Está em discussão a proposta de Mlle. Serpa.

MME. COSTA — Peço a palavra. Serei breve. **(Movimento geral de aprovação.)** — Sra. presidente. Em 1865...

UMA VOZ, **horrorizada** — Nossa Senhora! **(Risos abafados.)**

MME. COSTA — ...nasceu, na gloriosa Inglaterra, aquela que, um dia, havia de ser Mrs. Pankhurst. Em 1866, veio ao mundo...

A MESMA VOZ, **animada pelo "sucesso" anterior, aparte** — Mas que temos nós com isso?

MME. COSTA, **cedendo às injunções da assembléia** — Bom... Eu julgava necessário justificar as razões históricas, filosóficas e sociais que me impediam de dar o meu voto à proposta de S. Exª. Mlle. Serpa. Visto, porém, preferirem que me não alongue nesta exposição... serei breve. Sem dúvida, o distinto membro da Câmara dos Deputados prestou-nos um serviço de certa relevância. Mas, se por um lado, não devemos negar o valor e, sobretudo, a oportunidade dêsse serviço, por outro havemos de concordar que S. S. enfim... não fez mais do que o seu dever! **(Aclamações.)** Entendo, portanto, que o diploma de benemerência representa demasiada recompensa e proponho simplesmente a nomeação duma comissão para, incorporada, ir à Câmara, cumprimentar o autor do projeto e apresentar-lhe as nossas congratulações.

MME. ARAÚJO — Estou de pleno acôrdo com S. Exª. Apenas me parece que, em vez de irmos à Câmara, melhor seria que convidássemos o brilhante deputado a vir... por exemplo, à minha casa, na próxima quinta-feira.

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feia quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cútis.

Depois de aplicar êste creme observe como a sua cútis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas S. A.

"Êste bouquet de noiva me trará um noivo?..."

Que alegria! Nair revelou-se minha verdadeira amiga. Atirou-me seu "bouquet" de noiva". Isto significa que, breve, também terei meu noivo e serei feliz!.. Será verdade? Quem sabe?

Mas... que surpreza! Entrelaçado com o bouquet, encontrei um vidro de Leite de Colonia com este bilhete de Nair: "Não confie só no bouquet. Use o Leite de Colonia... e seu noivo virá".

Em breve, todos elogiavam a minha beleza. Os pretendentes apareceram.. e pude até escolher. Agora, quando casar, atirarei meu "bouquet" e o Leite de Colonia a uma amiga. Dá sorte...

Não artificialize sua beleza... CORRIJA as imperfeições da pele com Leite Colonia.

É uma verdade! O excessivo maquillage para disfarçar as imperfeições da pele artificializa sua beleza. Ainda mais: prejudica a vital respiração da pele. Corrija manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da pele com Leite de Colonia. Use-o, pela manhã, numa ligeira massagem protetora... durante o dia, para fixar o pó e proteger a cutis... e, à noite, numa última e geral limpeza do rosto. E sua pele se tornará mais jovem... mais linda... e mais sedutora!

Leite de Colonia

O EMBELEZADOR DA MULHER

Record 2812

MME. CASTRO — V. Exª tenciona fazer anos outra vez?

MME. ARAÚJO, **meio abespinhada** — Não, senhora. E' o meu dia de receber. Aquilo, na semana passada .. foi uma simples coincidência!

MME. CASTRO — Podíamos, então, não retardar tanto a merecida manifestação. Eu recebo às segundas...

MME. VASCONCELOS, **dama entre os 50 e os 60, vestindo à última moda... da rua da Carioca** — Peço a palavra! Minhas filhas, desculpem, mas vocês estão erradas, mesmo muito erradas...

VOZES — E esta agora? Donde saiu ela? Será um espectro? Um fóssil? O chapéu, pelo menos, é ante-diluviano!

PRESIDENTE — Atenção. Quem está com a palavra é Mme. Vasconcelos. Peço à oradora que se exprima em têrmos... mais consentâneos.

MME. VASCONCELOS — Sim, senhora, D. Marocas. Elas me estranham, porque sou nova... **(Sussurro meio indignado, meio divertido)** na sociedade. Explique a elas que foi a senhora mesma que me propôs, a semana passada.

PRESIDENTE — Está explicado. Pode V. Exª continuar. **(Silêncio.)** Continue V. Exª o que ia dizendo. **(Silêncio. A presidente estende o braço na direção da oradora.)** V. Exª, sim, V. Exª!

SRA. VASCONCELOS — Ah, é comigo que a senhora fala?

VOZERIA — Sim, sim... Acabe com isso!

SRA. VASCONCELOS — Pois bem. Sou contra o diploma e contra a comissão. Acho que podíamos testemunhar a nossa gratidão ao ilustre deputado dum modo mais... expressivo, mais... — como disse há pouco D. Marocas — consentâneo. Tenho uma idéia: se o presenteássemos com uma cigarreira bordada a missanga?

NUMEROSAS DAMAS — Que idéia! E por que não um par de chinelos? Antes o retrato em pirogravura! Ou um barretinho de borla!

MME. MENDONÇA, **a Mme. Vasconcelos, atônita** — Diga-me V. Exª uma coisa: seu marido sabe bordar a missanga?

MME. VASCONCELOS — Ainda que soubesse... Morreu há mais de dez anos!

MME. MENDONÇA — Naturalmente! **(Risota, comentários.)** Mas, então, supondo mesmo que a sua proposta fosse aceita, quem havia de fazer o tal trabalho?

MME. VASCONCELOS, **com toda a boa fé** — A senhora, eu, qualquer de nós.

TODAS, **numa algazarra de ensurdecer** — Fora! Fora! E' indigno! E' infame! Fora!

MME. VASCONCELOS, **impressionadíssima** — Mas... isto é uma ofensa, um desafôro! Na minha idade! Ai, meu Deus! Ai, minha Nossa Senhora!... **(Desmaia, aos guinchos.)**

OUTRAS, **por entre o alvorôço da sala** — Acudam! Quem me empresta um vidrinho de sais? Médico, chamem um médico! Morro! Desapertem-me! **(E vão sucessivamente desmaiando.)**

PRESIDENTE — Atenção! Eu.. eu... **(Sentindo que vai desmaiar também)** Está suspensa a sessão!

A VIDA DE DEBUSSY

(Continuação da pág. 18)

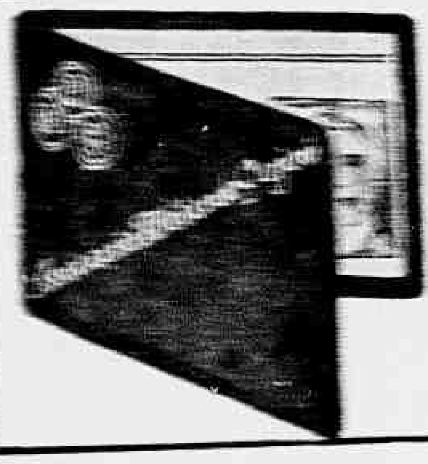
de cenario, nem bailados, nem coros, nem duetos. Era tão somente um longo recitativo simples, calmo como um rio profundo, variado como as ondas sem número que brincam ao luar. Não havia sequer uma melodia "aliciente", pois Debussy não curava da popularidade. Não se encontrava nela uma única concessão ao gôsto do público. Em lugar disso, uma encantadora corrente de música que transporta os corações de alguns poucos iniciados para aquelas

> Mágicas janelas encantadas, que se abrem na espuma
> De mares perigosos, em perdidos recantos de fadas.

Todavia, segundo a opinião dos principais críticos, não é essa ópera a melhor das obras de Debussy. E' em peças tais como **O Mar**, a **Tarde de um Fauno**, os **Noturnos** e o seu poema em prosa, **Natal das Crianças sem Lar**, que se lhe patenteiam as qualidades mais características do gênio. "O poema em prosa", escreve Jean Lépine, "bastaria para assegurar-lhe a fama imortal". Era produto da 1ª Guerra Mundial. Escreveu as palavras num dia de inverno em 1915 e compôs a música no outro dia. Refere a história das criancinhas francesas que perderam o seu lar por virtude da invasão alemã.

> "Êles destruiram a minha casa."
> "Os meus irmãos estão mortos."
> "Êles quebraram a minha boneca."
> "Êles roubaram a minha cama."

[illegible]



CARTEIRINHAS SOCIAIS

Associações — Clubes — Colégios — Sindicatos — Centros Esportivos, etc. — Qualquer quantidade

[illegible] F. FREITAS

AV. PRESIDENTE VARGAS, [illegible]
SOBRADO — TELEFONE [illegible]

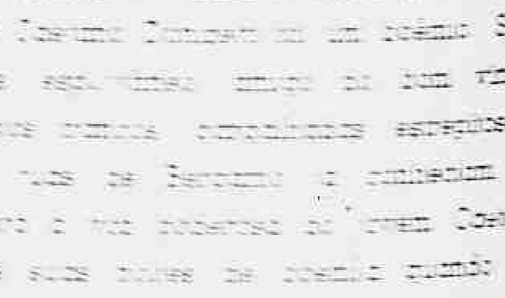
Atendemos pelo Reembolso Postal

[illegible]

"SOUVENIR" DE CAETANO DONIZETTI

Por PERICLES LEAL
(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

[illegible]



música "como um jornaleiro a apregoar os seus jornais no bulevar". Pouco entendia de transações comerciais, direitos autorais, adiantamentos e contratos. "A arte — dizia êle, — devia se divorciar do comercialismo... A idéia de negociar uma composição musical como uma lata de toucinho ou um barril de cerveja é, para mim, tão triste quanto ridícula".

Desdenhava o materialismo do mundo. Evitava a companhia dos homens de negócios, da **maioria** dos homens. Mas — e nisso residia a sua maior fraqueza — não evitava a companhia das mulheres. Conhecia o prazer do amor mas desconhecia o dever da fidelidade. Diversas mulheres haviam entrado em sua vida — entrado e saído dela. Madame Vasnier, "Gaby, a dos Olhos Verdes", e outras ainda antes de seu casamento com Rosalie Texier. E agora começava a cansar-se de Rosalie, a sua "Lily-Lilo", como afetuosamente lhe chamava. Encontrando-se, por acaso, com madame Emma Bardac, espôsa, amante da música, de um banqueiro amante do dinheiro, esqueceram-lhe, de todo, os votos conjugais. Houve uma fuga, um escândalo, uma tentativa de suicídio por parte de Rosalie e, por fim, um divórcio. Matrimoniou-se com Emma Bardac — e principiou, imediatamente, a lançar olhares cobiçosos em outras direções.

Mas o seu tempo de amar, e de viver também, chegara quase ao fim. Atacado de câncer, os últimos anos de sua vida foram anos de tortura. De princípio, buscou esconder dos amigos a enfermidade. Por que aborrecê-los com as suas preocupações? Não tinham êles, acaso, preocupações próprias? Como, porém, os padecimentos se tornassem agudos, submeteu-se a duas operações. Debalde. Debussy converteu-se "num cadáver ambulante". Os seus dias de dor entristeceu-os ainda mais o avanço destrutivo dos alemães. Nunca, porém, lhe faleceram as esperanças com respeito ao destino de sua pátria. "As setas alemãs", dizia, "são feitas de madeira podre. Hão de quebrar-se, por fim". A França, acrescentava, poderia ser temporariamente derrotada, mas não morreria nunca. "Os alemães podem destruir vidas francesas, mas não podem matar o pensamento francês".

DRAGO

Por falta de espaço somos forçados a não publicar, hoje, o folhetim DRAGO que continuará, impreterivelmente, no próximo número.

Não se arreceava do resultado da guerra. "O que temo é o resultado da paz que virá depois da guerra".

Proféticas palavras!

V

No derradeiro dia de sua vida (25 de março de 1918) todos os ruídos haviam sido abafados nas circunvizinhanças de sua casa. A distância, porém, ouvia-se um barulho incessante — o estralejar dos canhões alemães. Êle jamais apreciara a agressiva música alemã — os seus acordes **fortissimo**, o seu berreiro grandiloquente, "o seu mugir e esbravejar e o seu ar arrogante". Preferia sempre as cadências mais tranquilas da arte francesa. Em certa ocasião dissera-lhe um amigo que êle seria sempre lembrado como o fundador da música moderna. "Eu queria antes", retorquira Debussy, "ser lembrado como um músico de França".

composição das obras vigorosas. Daí, a estrutura um tanto frágil de algumas das suas partituras, onde observamos falhas primárias de composição.

Mas Caetano Donizetti sempre foi, antes de tudo, um formidável talento espontâneo. Pouco estava lhe importando que a ópera que compunha no momento se ressentisse de uma perfeita estrutura técnica. Êle **sentia** a beleza cantante das melodias populares do povo italiano. Isto êle sentia na terra e na gente, no ar sensual, nos gondoleiros, nas aldeias de camponeses vigorosos e de sorrisos sãos. E falava na sua linguagem pura de filho de Bergamo.

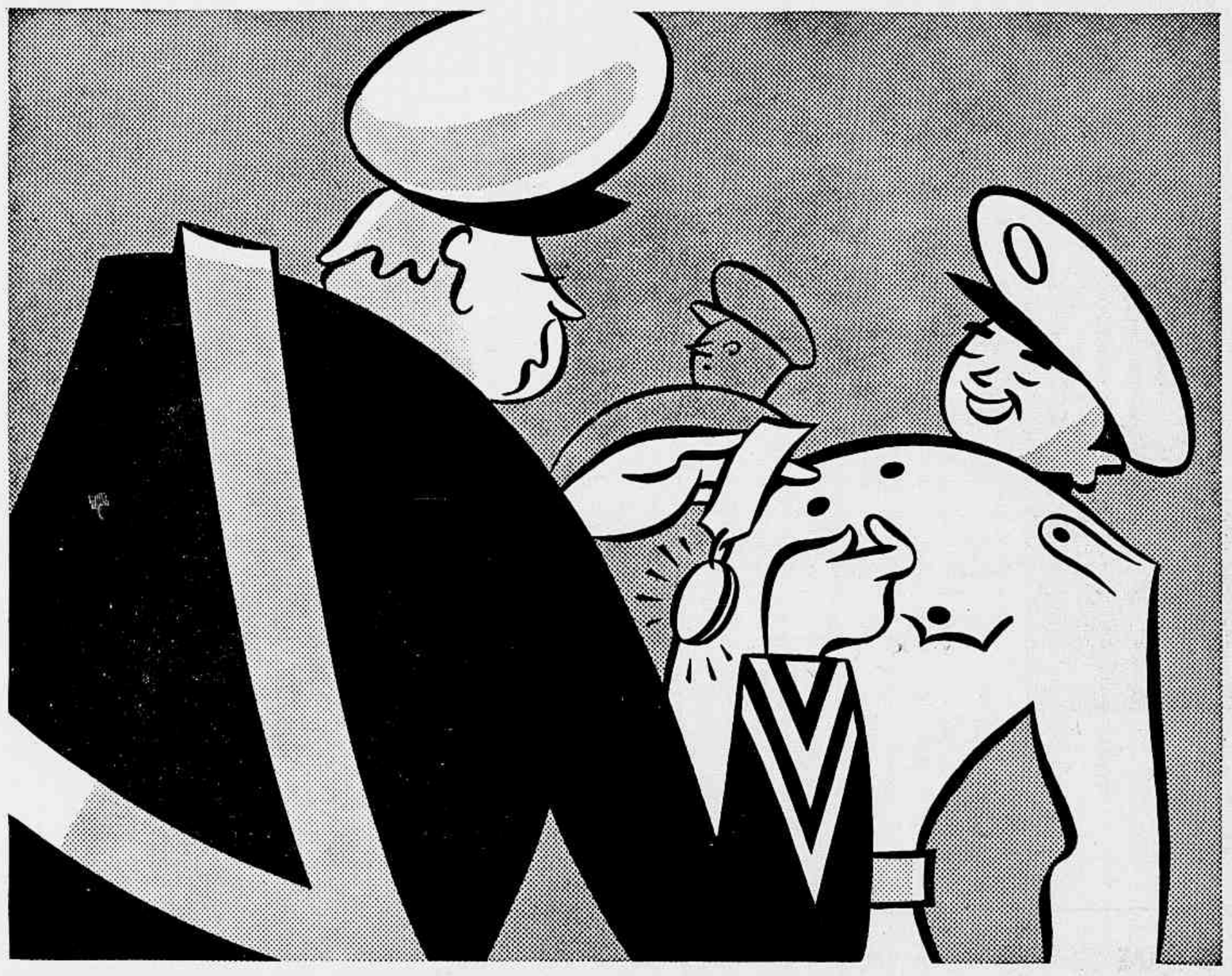
Em 1818 Donizetti alistou-se num regimento, como soldado raso, transportando-se, então para Veneza. Por essa época contava nada mais de 21 anos. O ambiente artístico de Veneza abria mil e uma novas possibilidades para o jovem compositor, oferecendo "chances" mais vastas devido a um público numeroso e apreciador do belo como sempre foi o veneziano. Como era de se esperar, Caetano Donizetti não teve um instante a perder. E logo mais, os cartazes da ópera anunciavam a estréia de "Eurico di Borgogna". O resultado foi bastante satisfatório, a despeito das reservas naturais com que são sempre recebidas as obras de estréia, isto em tôdas as épocas. Mas já se ouviam os comentários usuais, à saída:

— "Êsse rapaz é um admirável talento".

Donizetti, na noite da estréia, radiante de alegria, abraçava os cantores, os empregados do teatro, ou qualquer um que lhe viesse pela frente, na sua satisfação sem limites. Os aplausos que lhe chegavam da platéia era como um admirável canto de louvor ao músico debutante.

Incentivado com o sucesso de "Eurico di Borgogna", Caetano Donizetti lançou-se imediatamente à composição de nova ópera: "Il Fratemagne di Livonia", apresentada, no ano seguinte, com extraordinário sucesso, grangeando o jovem compositor gerais simpatias do público e aplausos frenéticos da crítica.

Essencialmente artista, Donizetti pulava



um NOVO VALOR é acrescentado...

— quando você completa sua refeição com

Malzbier da Brahma

De fato! Sua refeição adquire um novo valor com Malzbier da Brahma. Levemente adocicada e de baixa graduação alcóolica, Malzbier é altamente nutritiva porque é feita à base do malte mais rico. E sua presença à mesa torna-se ainda mais necessárias quando falta um ou outro alimento. No seu almoço, lanche ou jantar, nunca deixe faltar Malzbier da Brahma. Malzbier é a cerveja do lar! Acrescente um novo valor à sua refeição... o valor nutritivo de Malzbier da Brahma. É saborosíssima.

Ouça as transmissões esportivas da Rádio Nacional, todos os domingos, à tarde, em ondas curtas e longas. Aos sábados, pela Rádio Mauá, à tarde ou à noite.

EM GARRAFAS E ½ GARRAFAS

Record 32

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A. B. - RIO DE JANEIRO - S. PAULO - CURITIBA - P. ALEGRE - P. FUNDO

Crianças refugiadas, perdidas no inferno do campo de batalha. É a véspera de Natal, mas o Natal para êles não será celebrado. Nada têm a noite de se sentir o frio, a fome, o medo e a incerteza do futuro.

"Que é que nós vamos fazer?"
"Não sabemos. Vocês sabem?"
"Para onde é que nós iremos?"
"Para qualquer lugar, para qualquer lugar, bem longe do inimigo."

Mas não há fugir ao inimigo. Os soldados alemães estão em tôda parte: na Bélgica, na França, na Rússia — "no mundo inteiro".

"Êles incendiaram a escola e mataram o nosso professor."
"Êles queimaram a igreja e assassinaram Deus."

Mas quem sabe se Deus ainda não está morto? Êle talvez seja mais forte que os alemães. Rezemos a Êle e veremos.

"Por favor, meu Deus, procurai dar-nos, mais uma vez, o pão nosso de cada dia."

Note-se a pungência da palavra **procurai**.

E logo um apaixonado apêlo ao espírito do Natal: "Natal, Natal, não vá nunca mais às casas dêsses homens maus... Tenha pena de nós, Natal, castigue-os!"

Termina êsse poemeto simples com uma oração que hoje, como em 1915, torna a soar em milhões de corações: "Trazei a vitória, por fim, às crianças de França!".

IV

Reconhecido, ainda em vida, como o "pai" da nova música, permaneceu até o fim um pai **pobre**. Os "filhos" elogiavam-no mas deixavam-no arrumar-se sozinho, aliás, em grande parte, por culpa dele mesmo, pois em vez de cortejar a publicidade êle a evitava. Quando **Pelléas et Mélisande** foi, pela primeira vez, apresentada em Londres provocou verdadeira tempestade de entusiasmo. Durante quinze minutos exigiu constantemente o público que se apresentasse o compositor. E onde estava Êle? Em seu quarto de hotel, a ler displicentemente um livro. Ao depois, quando soube da decepção do auditório pelo seu não comparecimento, observou, sêco: "Êles queriam que eu lhes fizesse cortesias desengonçadas e os cumprimentasse como um dançarino".

Não esperava que o seu labor fôsse imediatamente recompensado. "O artista na civilização moderna", dizia, "será sempre uma criatura cuja utilidade só há de ser reconhecida após a sua morte".

Resignara-se à pobreza "preordenada". Negava-se a fazer propaganda da própria

"SOUVENIR" DE CAETANO DONIZETTI

Por **PÉRICLES LEAL**
(Especial para **"REVISTA DA SEMANA"**)

O dia 8 do corrente marcou o primeiro centenário da morte de Caetano Denizetti.

Essa data nos faz voltar o olhar para trás, para aquêle período tumultuoso da história da música, onde viveram os seus vultos mais inquietos, deixando um rastro inapagável nas sendas da velha Europa. Porque se o período clássico é o período mais fecundo em compositores admiráveis, "o período romântico ocupa espaço muito maior na crônica histórica. Foi nêste que o intérprete (piano e violino) alcançou o seu ponto mais alto — até hoje insuperado — com Franz Liszt e Niccolo Paganini, e onde as inovações foram das mais extraordinárias, como no caso de Hector Berlioz que idealizava orquestras gigantescas, de Richard Wagner inventando novos instrumentos (como a **tuba wagneriana)** ou tirando a orquestra da função de mera acompanhadora para a de condutora por excelência.

No Romantismo, "as vidas são aventurosas e anormais: Beethoven, surdo; Liszt, místico amoroso; Chopin, tuberculoso; Schumann, louco; Paganini, diz que tinha parte com o diabo...; Wagner se especializava em gostar das esposas dos amigos íntimos...", escreve Mário de Andrade.

E Caetano Donizetti foi um boêmio. Simples, espontâneo, amigo do bom vinho, gestos francos, gargalhadas estrepitosas. As ruas de Bergamo já conheciam de sobra a voz poderosa do jovem Caetano nas suas noites de boemia quando êle saía da taberna e ia improvisar uma serenata sob a janela de uma jovem italiana de olhos muitos azuis e longas tranças...

Aliás, a sua obra tôda foi sempre construída de improviso. Não possuía paciência suficiente para o estudo demorado, a pesquisa, a meditação tão necessária à

música "como um jornaleiro a apregoar os seus jornais no bulevar". Pouco entendia de transações comerciais, direitos autorais, adiantamentos e contratos. "A arte — dizia êle, — devia se divorciar do comercialismo... A idéia de negociar uma composição musical como uma lata de toucinho ou um barril de cerveja é, para mim, tão triste quanto ridícula".

Desdenhava o materialismo do mundo. Evitava a companhia dos homens de negócios, da **maioria** dos homens. Mas — e nisso residia a sua maior fraqueza — não evitava a companhia das mulheres. Conhecia o prazer do amor mas desconhecia o dever da fidelidade. Diversas mulheres haviam entrado em sua vida — entrado e saído dela. Madame Vasnier, "Gaby, a dos Olhos Verdes", e outras ainda antes de seu casamento com Rosalie Texier. E agora começava a cansar-se de Rosalie, a sua "Lily-Lilo", como afetuosamente lhe chamava. Encontrando-se, por acaso, com madame Emma Bardac, espôsa, amante da música, de um banqueiro amante do dinheiro, esqueceram-lhe, de todo, os votos conjugais. Houve uma fuga, um escândalo, uma tentativa de suicídio por parte de Rosalie e, por fim, um divórcio. Matrimoniou-se com Emma Bardac — e principiou, imediatamente, a lançar olhares cobiçosos em outras direções.

Mas o seu tempo de amar, e de viver também, chegara quase ao fim. Atacado de câncer, os últimos anos de sua vida foram anos de tortura. De princípio, buscou esconder dos amigos a enfermidade. Por que aborrecê-los com as suas preocupações? Não tinham êles, acaso, preocupações próprias? Como, porém, os padecimentos se tornassem agudos, submeteu-se a duas operações. Debalde. Debussy converteu-se "num cadáver ambulante". Os seus dias de dor entristeceu-os ainda mais o avanço destrutivo dos alemães. Nunca, porém, lhe faleceram as esperanças com respeito ao destino de sua pátria. "As setas alemãs", dizia, "são feitas de madeira podre. Hão de quebrar-se, por fim". A França, acrescentava, poderia ser temporariamente derrotada, mas não morreria nunca. "Os alemães podem destruir vidas francesas, mas não podem matar o pensamento francês".

DRAGO

Por falta de espaço somos forçados a não publicar, hoje, o folhetim DRAGO que continuará, impreterivelmente, no próximo número.

Não se arreceava do resultado da guerra. "O que temo é o resultado da paz que virá depois da guerra".

Proféticas palavras!

V

No derradeiro dia de sua vida (25 de março de 1918) todos os ruídos haviam sido abafados nas circunvizinhanças de sua casa. A distância, porém, ouvia-se um barulho incessante — o estralejar dos canhões alemães. Êle jamais apreciara a agressiva música alemã — os seus acordes **fortissimo**, o seu berreiro grandiloquente, "o seu mugir e esbravejar e o seu ar arrogante". Preferia sempre as cadências mais tranquilas da arte francesa. Em certa ocasião dissera-lhe um amigo que êle seria sempre lembrado como o fundador da música moderna. "Eu queria antes", retorquira Debussy, "ser lembrado como um músico de França".

composição das obras vigorosas. Daí, a estrutura um tanto frágil de algumas das suas partituras, onde observamos falhas primárias de composição.

Mas Caetano Donizetti sempre foi, antes de tudo, um formidável talento espontâneo. Pouco estava lhe importando que a ópera que compunha no momento se ressentisse de uma perfeita estrutura técnica. Êle **sentia** a beleza cantante das melodias populares do povo italiano. Isto êle sentia na terra e na gente, no ar sensual, nos gondoleiros, nas aldeias de camponeses vigorosos e de sorrisos sãos. E falava na sua linguagem pura de filho de Bergamo.

Em 1818 Donizetti alistou-se num regimento, como soldado raso, transportando-se, então para Veneza. Por essa época contava nada mais de 21 anos. O ambiente artístico de Veneza abria mil e uma novas possibilidades para o jovem compositor, oferecendo "chances" mais vastas devido a um público numeroso e apreciador do belo como sempre foi o veneziano. Como era de se esperar, Caetano Donizetti não teve um instante a perder. E logo mais, os cartazes da ópera anunciavam a estréia de "Eurico di Borgogna". O resultado foi bastante satisfatório, a despeito das reservas naturais com que são sempre recebidas as obras de estréia, isto em tôdas as épocas. Mas já se ouviam os comentários usuais, à saída:

— "Êsse rapaz é um admirável talento".

Donizetti, na noite da estréia, radiante de alegria, abraçava os cantores, os empregados do teatro, ou qualquer um que lhe viesse pela frente, na sua satisfação sem limites. Os aplausos que lhe chegavam da platéia era como um admirável canto de louvor ao músico debutante.

Incentivado com o sucesso de "Eurico di Borgogna", Caetano Donizetti lançou-se imediatamente à composição de nova ópera: "Il Fratemagne di Livonia", apresentada, no ano seguinte, com extraordinário sucesso, grangeando o jovem compositor gerais simpatias do público e aplausos frenéticos da crítica.

Essencialmente artista, Donizetti pulava

um NOVO VALOR é acrescentado...

— quando você completa sua refeição com

Malzbier da Brahma

De fato! Sua refeição adquire um novo valor com Malzbier da Brahma. Levemente adocicada e de baixa graduação alcôolica, Malzbier é altamente nutritiva porque é feita à base do malte mais rico. E sua presença à mesa torna-se ainda mais necessárias quando falta um ou outro alimento. No seu almoço, lanche ou jantar, nunca deixe faltar Malzbier da Brahma. Malzbier é a cerveja do lar! Acrescente um novo valor à sua refeição... o valor nutritivo de Malzbier da Brahma. É saborosíssima.

Ouça as transmissões esportivas da Rádio Nacional, todos os domingos, à tarde, em ondas curtas e longas. Aos sábados, pela Rádio Mauá, à tarde ou à noite.

EM GARRAFAS E ½ GARRAFAS

Record 32.0

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A. B. - RIO DE JANEIRO - S. PAULO - CURITIBA - P. ALEGRE - P. FUNDO

Pasta Dentifrícia S.S.WHITE

O DENTIFRICIO INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

de um gênero para outro sem se deter. Ora era o drama vigoroso, intenso e trágico como "Lucia di Lammermour" ou "Favorita" ora construindo deliciosas óperas **buffas** como "Don Pasquale", talvez tão deliciosa quanto "Don Giovani", de Mozart.

O ruidoso italiano deixou uma obra vastíssima onde o jocoso e o patético caminham de mãos dadas. Os seus trabalhos, representados, em sua maioria, na Italia, não lograram aceitação imediata em Paris. No entanto, depois de insistir sôbre a platéia parisiense, Donizetti levou a melhor. E Paris capitulou sorrindo...

Depois de uma vida aventurosa, tingida de amor, glória e boemia, Caetano Donizetti veio a falecer, profundamente abalado das faculdades mentais, na mesma terra que o vira nascer, na Bergamo das serenatas e das noites de prazer.

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

Tonico poderoso

O QUE TÔDAS AS MULHERES DEVEM SABER

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher tem como causa principal o máu funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vêzes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras. Elas são o espêlho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2. O N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O N.º 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências. O Regulador Xavier tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um Regulador só que pretende tratar tôdas as moléstias da mulher ao mesmo tempo, não! São dois Reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e científicas.

A CENA MUDA está publicando a grande novela cinematográfica "A Filha do Capitão".

O MISTÉRIO DOS BOTÕES

(Continuação da pág. 21)

Bella segurou um dos meus botões, que, com a violência do movimento [illegible] e caiu no chão.

A sra. Poston sobressaltou-se; quis consertar o mal feito, mas já era [illegible]

— O botão dêste paletó? — perguntou o policial, tomando a roupa [illegible] mostrando: — Era êste o paletó que você usava então?

— Sim.

Os três homens examinaram o casaco. Os olhos da sra. Poston se [illegible] com os do filho. Depois de verificarem que todos os botões estavam em [illegible] policial disse:

— Não falta nenhum botão aqui. Nem à frente, nem nas mangas.

— Eu... eu... — gaguejou a mãe de Ernie — eu notei que havia [illegible] falta de um botão, mas coloquei novos, há poucos momentos...

O policial riu. Virou-se para Ernie e disse:

— Você tem uma excelente mãe. Porém, onde estão os outros botões [illegible]?

— Eu os queimei, informou a velhinha com voz perturbada.

Com significativo silêncio o policial fechou o seu livro de notas. Depois [illegible] dirigindo-se a Ernie, lhe disse:

— E' melhor vir comigo e narrar sua história lá.

A voz do policial já era mais acentuada e séria. A coisa parecia complicar-se.

— Pois não — respondeu o jovem passando a mão pela cabeça, como se [illegible] contusa dolorida.

— Êle ainda está em jejum — lembrou com tristeza sua mãe.

— Nada quero comer, mamãe — disse com resignação.

O policial, porém, conduziu a sra. Poston para fora do quarto e [illegible] disse que podia fazer uma chicara de chá para o filho ante de êle ir até ao distrito.

Mas aquêle pobre coração materno estava dilacerado e nenhum prazer [illegible] em preparar chá para o filho a quem já via na cadeia, e, por culpa dela [illegible], não poderia provar mais nada com o fatídico botão. Julgava-se responsável [illegible] prisão do filho.

O policial percebendo-lhe a opressão e as mãos trêmulas ao procurar [illegible] para o chá, procurou consolá-la dizendo que não tivesse cuidado, [illegible] filho voltaria para o jantar em sua companhia. Ernie não aceitou o chá, [illegible] viu o filho seguir com aqueles homens rua afora, em direção à delegacia. Toda a [illegible] apreciava o espetáculo, das janelas e da rua. Antes de desatar em pranto, [illegible] entrou e fechou a porta. Se alguma curiosa viesse saber o que se passava, nada [illegible] saberia.

Sentou-se tristemente num velho sofá e deu largas ao pranto. Chorou [illegible] alguns. Tanta trabalho com aqueles botões, para agora tudo sair ao contrário [illegible] contra ela mesma.

O filho estava preso e, com certeza seria enforcado sòmente porque ela [illegible] substituído aqueles botões. Se não fôra isso o policial teria acreditado na história do filho. [illegible] história verdadeira e leal, estava ela agora plenamente certa disso. Como [illegible] estúpida em queimar os botões! E agora? Como fazer para livrá-lo da acusação de criminoso de assassino? Que poderia ela fazer, ela, sua mãe que tanto o amava? como proceder para provar sua inocência?

Enxugou a face molhada de lágrimas. E murmurou: — "Ernie está inocente. Ergueu-se, pôs o chapéu. Ia sair deixando muita coisa por lavar e as camas por forrar. Pela primeira vez em sua vida saia assim de casa, até com panelas no fogo a queimar... Era uma decisão heróica.

Encaminhou-se para a delegacia onde esperava encontrar-se com o filho. Mas só achou ali um sargento gorducho que tomava notas sôbre a queixa de um guarda-sol desaparecido. Ela se aproximou, humildemente.

— Bem... que deseja? — indagou o sargento — fitando aquela mulher pobremente trajada e a usar um chapéu dos tempos do Onça.

— Eu venho confessar... — começou — meu filho foi prêso por um crime que não cometeu. Êle não é o assassino de Bella Murphy. Não praticaria jamais um crime dêsses. Sou eu a culpada...

— A senhora?... — perguntou escandalizado o sargento gordo.

— Sim! — e ela o disse com tanto ímpeto que o chapéu se deslocou da cabeça. Endireitou novamente, algo nervosa e prosseguiu: — O senhor sabe, Bella Murphy era uma criatura má. Passeava com meu filho, mas não lhe era sincera, nem tão pouco com outros namorados. Ernie era infeliz com aquela amizade. Não podia trabalhar direito, nem comer, nem dormir. Assim, quando êle a deixou à noite passada eu me achava detrás dela; quando Ernie se afastou e Bella ficou sòzinha, eu a estrangulei, jogando-a por terra, lá no mato. Fui eu...

— Ah... sim? — tornou o policial com vozeirão tão forte que a velhinha retrocedeu. — E poderá a senhora dizer-me o que fez com a bolsa de Bella e com todo aquêle dinheiro que na mesma foi achado?

— Não sou ladra. Queimei bolsa e dinheiro, no fogão de minha casa.

A essa declaração o policial começou a rir.

— Oh! então a senhora fez isso? Entretanto, como pode a mamãezinha explicar o fato de haver eu, há meia hora, encontrado a tal bolsa com dinheiro e tudo, em poder de um vagabundo?

— De um vagabundo?... Então o senhor quer dizer que Ernie... O senhor sabe que Ernie... — e ela se calou atrapalhada, confusa.

— Seu filho estará livre dentro de um minuto, disse-lhe o sargento com brandura. Há muita gente que atesta sua inocência, provando que falou a verdade. E' um alibi. Não foi êle quem matou Bella.

A velhinha tonta de tanta confusão, olhou fixamente o policial que lhe dava tão boa notícia e, não sabendo mais o que dizer, saiu-se com esta:

— E'... muito bem, eu espero que êle não demore muito, pois deixei a louça muito suja... a comida no fogo...

Sua voz se interrompeu e ela fraquejou como se lhe faltasse terra aos pés. E quando o gorducho sargento procurou ampará-la, a velhinha caia desfalecida pela emoção.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre com as suas remessas de dinheiro nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

CINE-TESTE

Uma seção sensacional de A CENA MUDA, onde serão oferecidos aos leitores finíssimos albuns de Rita Hayworth

Venda especial de tapetes

Formidável sortimento de

TAPETES DE QUALIDADE

legítimos e em desenhos exclusivos

INGLÊSES, FRANCESES, PORTUGUÊSES, ORIENTAIS, INDIANOS, etc., recentemente importados. Todos os tamanhos, em côres que agradam — Passadeiras comuns e para forração, em tôdas as larguras. Grandes reduções nos preços

FUNDADA EM 1912

65, RUA DA CARIOCA, 67 - RIO

CURIOSIDADES Continental

O AMAZONAS *percorre 5.800 quilômetros de sua nascente à foz, sendo o terceiro rio em extensão de todo o mundo e o que carrega em si o maior volume de águas. No Brasil são fumados diàriamente 350 quilômetros de cigarros Continental. Para cobrir a extensão percorrida pelo Amazonas bastaria ligar os cigarros Continental fumados em 16 dias apenas em todo o Brasil.*

A ENORME preferência que se nota em todo o Brasil pelos cigarros Continental é o mais eloquente atestado de sua superior qualidade. Prefira também CONTINENTAL

LISO E CO
PONTEIR

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE
O MELHOR EM SUA **CLASSE**

COMPANHIA DE CIGARROS *Souza Cruz*